

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

**PRODUÇÃO E PERCEPÇÃO DA CODA (S) NA INDEXAÇÃO SOCIAL DE
ORIENTAÇÃO SEXUAL DE FALANTES CARIOCAS**

Dany Thomaz Gonçalves

Rio de Janeiro

2024

PRODUÇÃO E PERCEPÇÃO DA CODA (S) NA INDEXAÇÃO SOCIAL DE
ORIENTAÇÃO SEXUAL DE FALANTES CARIOCAS

Dany Thomaz Gonçalves

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do Título de Doutor em Linguística.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Christina Abreu Gomes

Coorientador: Prof. Dr. João Antônio de Moraes

Rio de Janeiro

Março de 2024

PRODUÇÃO E PERCEPÇÃO DA CODA (S) NA INDEXAÇÃO SOCIAL DE
ORIENTAÇÃO SEXUAL DE FALANTES CARIOCAS

Dany Thomaz Gonçalves

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Christina Abreu Gomes

Coorientador: Prof. Dr. João Antônio de Moraes

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do Título de Doutor em Linguística.

Examinada por:

Prof.^a Dr.^a Christina Abreu Gomes, Presidente
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dr. João Antônio de Moraes – Coorientador
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof.^a Dr.^a Elisa Battisti
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof. Dr. Albert Rilliard
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof.^a Dr.^a Danielle Kely Gomes
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Marcelo Alexandre Silva Lopes de Melo
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof.^a Dr.^a Eliete Figueira Batista da Silveira, Suplente
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Thiago Laurentino de Oliveira, Suplente
Universidade Federal do Rio de Janeiro

CIP - Catalogação na Publicação

T635p Thomaz Gonçalves, Dany
PRODUÇÃO E PERCEPÇÃO DA CODA (S) NA INDEXAÇÃO
SOCIAL DE ORIENTAÇÃO SEXUAL DE FALANTES CARIOCAS /
Dany Thomaz Gonçalves. -- Rio de Janeiro, 2024.
168 f.

Orientador: Christina Abreu Gomes.
Coorientador: João Antônio de Moraes.
Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio
de Janeiro, Faculdade de Letras, Programa de Pós
Graduação em Linguística, 2024.

1. Sociolinguística. 2. Indexação Social. 3.
Orientação Sexual. 4. Modelos de Exemplares. I.
Abreu Gomes, Christina , orient. II. de Moraes,
João Antônio, coorient. III. Título.

“O arco-íris éramos nós.
Estava contido em nossa alma,
um cristal multicolor cravejado em nosso coração como magia.

Como dádiva”

Minah Mora,
em O universo sabe o que faz

Àqueles que precisam de um motivo para resistir e (sobre)viver!

À todes, todas e todos – nessa ordem!

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha maravilhosa mãe Helena e ao papai José (este, *in memoriam*), por todo apoio desde sempre e por me incentivarem a sempre buscar mais. Mamãe sempre esteve ao meu lado e fez muita falta enquanto eu estava na Queen Mary para o período sanduíche.

Agradeço à Christina Abreu Gomes – Chris, minha querida orientadora, pelo acolhimento, pelos ensinamentos e por todas as palavras gentis que me concedeu durante o período de doutorado. Foi um período atípico por conta da pandemia de COVID-19 e Chris, como uma pessoa tão humana e sensata, foi a primeira a não soltar a minha mão. Uma orientadora “multi”: amiga, mãe, parceira de estudos, aquela que vibra junto e também socorre sempre que necessário – e quando não necessário também.

Agradeço ao João Moraes, meu coorientador *expert* em prosódia, acústica e afins, por ter me desafiado várias vezes durante nossas reuniões de trabalho. João é um professor que foi parte fundamental desta pesquisa, trouxe, além de ótimas contribuições acadêmicas, profissionais como o professor Albert Rilliard e o funcionário Paulo que agregaram com magnificência as questões aqui discutidas.

À Professora Doutora Kathleen McCarthy, Kathy, por todo o acolhimento e questionamentos importantes feitos durante o meu estágio de doutorado sanduíche sob sua supervisão na Queen Mary University of London. Kathy me ensinou muito sobre a parte metodológica e ampliou bastante os meus conhecimentos sobre os estudos experimentais fora e dentro da área de gênero, orientação sexual e sexualidade. Agradeço também aos professores que contribuíram diretamente para alguns aspectos importantes da minha pesquisa: Adam, Salina, Vita e Linnaea.

Agradeço ao Professor Doutor Marcelo Melo, meu amigo de longa data, pelas melhores conversas, pelos conselhos, pelos apontamentos e discussões feitos antes, durante e após a qualificação da tese e, obviamente, por ter aceitado compor as bancas de qualificação e defesa de meu doutorado. Marcelo é um exemplo de gentileza, inteligência e educação.

Ao Professor Doutor Albert Rilliard por ter participado proficuamente do meu curso de doutorado, sendo como meu professor em algumas disciplinas, sendo em reuniões de orientação, como também durante o exame de qualificação e por ter aceitado participar da defesa final da tese. O professor Albert, com seu conhecimento ímpar sobre estatística, trouxe luz para momentos obscuros de minha pesquisa.

À Professora Doutora Elisa Battisti, que conheci e encontrei em diversos eventos acadêmicos e sempre trouxe um questionamento e um caminho para que eu pudesse encaminhar da melhor forma os meus resultados. Agradeço, não só pelo carinho, mas também por ter aceitado participar deste momento crucial de defesa de tese.

À queridíssima Professora Doutora Danielle Kely, que, com sua calma, serenidade e conhecimento, trouxe comentários pertinentes e interessantes durante um dos primeiros eventos do Sepla de que eu participei. Suas ideias, assim como a indicação do Corpus Concordância para composição das minhas análises, foram de extremo valor para a realização deste trabalho. Sinto-me muito agradecido por aceitar participar da conclusão desta pesquisa.

À professora Doutora Eliete, que assim como a professora Danielle Kely, sempre me trouxe algum comentário que agregasse em minha tese. Todos os professores da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, com os quais tive contato durante o período de doutorado, foram maravilhosos, em especial, o Professor Doutor Thiago Laurentino, que assim como a Professora Eliete, aceitou ser suplente da banca examinadora.

Aos muitos professores e professoras que participaram de minhas discussões nos encontros científicos ao longo do doutorado, sejam eles o SEPLA, com as Professoras Doutoras Daniele, Eliete, Marcia Machado e Livia Oushiro; seja a Professora Silvia Vieira que compartilhou o Corpus Concordância que faz parte desta pesquisa; ou dos diversos eventos acadêmicos de que participei pelo Brasil: Erez Levon, Katie Drager, Denise Kluge, Rodrigo Borba, Ronald Beline, Laura Hahn, José Magalhães, Adelaide Silva, Juan Sosa, Felipe Kupske, entre outros, obrigado por tanto.

Agradeço ao PEUL pela acolhida e pelos momentos de aprendizado e descontração. Sou eternamente grato por todos os comentários enriquecedores acerca do meu trabalho.

Agradeço especialmente à Caroliny Massariol, minha irmã de orientadora desde o dia da seleção de doutorado, por ser uma super companheira. Junto à Carol, agradeço à panelinha por fazer o caminho do doutorado mais leve, obrigado pela amizade e risadas, Fabi e Thiago.

Agradeço aos meus amigos e amigas por estarem ao meu lado me incentivando e comemorando cada uma das vitórias conquistadas durante o processo. Especialmente, agradeço à Emanoelly, Samara e Tamires por terem sido tão solícitas em me ajudar a divulgar a chamada para conseguir informantes para a realização desta pesquisa, assim como ao Gui, Ju e Tati por participarem ativamente desta etapa da pesquisa.

Agradeço ao Gui, pelo amor, força, e compreensão dos momentos de surtos. O Gui chegou em meio à pandemia para curar a alma!

Agradeço ao Lollo, meu filho canino, pela parceria de sempre e pela cura nos momentos em que mais precisei. Lollo me acompanha desde o final de meu mestrado em 2018 e tem a função de agir como um remedinho para as horas ruins e um *plus* de alegria nos momentos bons.

Agradeço à CAPES pela bolsa concedida através do Programa CAPES/PRINT para realização do estágio de Doutorado Sanduíche na Queen Mary University of London (CAPES/PRINT - Edital nº 41/2017).

Agradeço aos voluntários que participaram desta pesquisa, todas, todos e todes, esta pesquisa é para vocês!

A todas/es/os seres humanos que fazem parte da ‘sopa de letrinhas’ LGBTQ+, esse trabalho é nosso!

Por último, e mais importante, agradeço a Deus por me ajudar a conquistar mais um sonho!

RESUMO

Estudos sociolinguísticos mais recentes têm focalizado a intersecção linguagem e orientação sexual. Esta pesquisa tem como objetivo verificar a indexação social de orientação sexual, observando o comportamento da produção e da percepção da fricativa coronal (s) em posição de coda na fala de homens gays cariocas. Como base teórica para este trabalho, são utilizados os pressupostos da Teoria da Variação (LABOV, 1972) que postulam que a variação linguística é inerente ao conhecimento linguístico do falante e não é autônoma, isto é, reflete o universo das relações sociais, por meio das quais os falantes se inserem, se relacionam e interagem. Ademais, consideramos também os pressupostos teóricos dos Modelos Baseados no Uso (BYBEE, 2001, 2010; PIERREHUMBERT, 2002) que postulam um caráter representacional à variação. Para a elaboração desta pesquisa foi construída uma amostra de fala espontânea, estratificada por Faixa Etária e Escolaridade, com 18 indivíduos homossexuais masculinos cariocas – Amostra Identidades Cariocas. O objetivo foi verificar – assim como já verificado em estudos de língua inglesa (CRIST, 1997; LINVILLE, 1998) e também em estudos de língua portuguesa (BARBUIO, 2016; SENE, 2022) – se os homens gays cariocas tendem a produzir a fricativa coronal surda [s/ʃ] em posição de coda mais alongada do que os homens heterossexuais. O motivo da estratificação da amostra a partir da faixa etária dos indivíduos é que buscamos investigar se os homens gays mais velhos – aqueles que nasceram antes ou durante o período militar em que houve maior repressão à homossexualidade, podem assumir uma maneira de falar diferente de acordo com suas pistas linguísticas comparativamente aos gays mais jovens – depois que alguns direitos LGBT+ foram estabelecidos – que podem se diferenciar mais em relação aos homens heterossexuais. Outra hipótese que vem sendo discutida na literatura é a de que homens homossexuais têm uma fala mais próxima da de mulheres assim, buscamos responder também se homens homossexuais têm uma fala parecida, quanto à duração da coda (s), com a de mulheres heterossexuais. Para atingir esses objetivos, num primeiro momento, foram coletados 2428 dados da Amostra Identidades Cariocas que foram comparados a 1721 dados provenientes da Amostra do grupo controle (Amostra Concordância – CORPORAPORT/UFRJ) – sendo eles 849 dados de fala de homens não gays e 872 dados de fala de mulheres. Esses dados foram submetidos a rodadas estatísticas no programa Jamovi que verificaram que nenhuma das variáveis sociais atestadas (Escolaridade e Faixa Etária) resultou em diferença significativa, assim como as variáveis Amostra e Tonicidade da Sílabas também não resultaram. Somente a variável Posição da coda mostrou relevância significativa para o grande grupo de dados. A hipótese de que os homens gays mais novos (1ª Faixa = 0.089s; 2ª Faixa = 0.076s) produziriam codas (s) mais alongadas que as codas (s) dos homens gays mais velhos (0.096s) não foi confirmada. Em um segundo momento, foram analisados os quatro tipos de codas silábicas em separado (Átonas Finais e Mediais, Tônicas Finais e Mediais) e os resultados mostraram que somente as análises das codas tônicas mediais resultaram em diferenças significativas – com duração média de 0.080s para os homens gays e 0.067s para os homens não gays. Nas análises das codas mediais tônicas para os grupos de falantes não gays e mulheres, não houve diferença entre as amostras (0.067s para os homens não gays e 0.073s para as mulheres). Quanto às análises das codas mediais tônicas entre os grupos de homens gays e mulheres, os resultados verificados também não mostraram relevância significativa (0.080s para os homens gays e 0.073s para as mulheres), ou seja, a duração das codas (s) tônicas mediais dos homens gays é similar a duração das codas (s) tônicas mediais das mulheres. Em conjugação ao estudo de produção, foram propostos dois experimentos de percepção. Em relação à percepção, parte-se da hipótese de que, se a duração alongada da coda (s) é característica da fala de homens gays, então a percepção da orientação sexual de

homens gays tem relação com a duração da coda nos estímulos e que haveria maior acurácia na percepção desses falantes pelos participantes com a mesma orientação sexual. No Experimento 1, em que analisamos os indivíduos, verificamos que os falantes heterossexuais foram majoritariamente percebidos como pessoas que soam heterossexual, diferente do grupo de falantes gays em que três do total de seis falantes foram percebidos majoritariamente como pessoas que soam heterossexual. Ademais, para o grupo de falantes heterossexuais houve uma tendência em serem avaliados como heterossexuais principalmente pelos juízes ouvintes de mesma orientação sexual. No Experimento 2, o que analisa os dois grupos de falantes – gays e heterossexuais – em separado, o grupo de falantes gays foi majoritariamente percebido como gay, assim como o grupo heterossexual foi percebido como hetero. Quanto ao efeito da orientação sexual do participante na avaliação da orientação sexual do falante do estímulo, não foi observada influência da orientação dos participantes já que as tendências de avaliação foram sempre as mesmas para todos os quatro grupos de participantes.

Palavras-chave: coda (s); Orientação Sexual; Teoria da Variação; Modelos de Exemplares.

ABSTRACT

More recent sociolinguistic studies have focused on the intersection of language and sexual orientation. This research aims to verify the social indexation of sexual orientation, observing the behavior of the production and the perception of coronal fricative (s) in coda position in the speech of gay men from Rio. As a theoretical basis for this work, the assumptions of the Variationist Theory (LABOV, 1972) are used, which postulate that linguistic variation is inherent to the speaker's linguistic knowledge and it is not autonomous, that is, it reflects the universe of social relations, through of which speakers insert themselves, relate and interact. Furthermore, we also consider the theoretical assumptions of Usage-Based Models (BYBEE, 2001, 2010; PIERREHUMBERT, 2002) which postulate a representational character to variation. For the development of this research, a spontaneous speech sample was constructed, stratified by Age and Education, with 18 homosexual male individuals from Rio – called Identidades Cariocas. The objective was to verify – as it has been already verified in studies of the English language (CRIST, 1997; LINVILLE, 1998) and also in studies of the Portuguese language (BARBUIO, 2016; SENE, 2022) – whether gay men from Rio tend to produce the fricative voiceless coronal [s/ʃ] in a more lengthened coda position than heterosexual men. The reason for stratifying the sample based on the age group of the individuals is that we seek to investigate whether older gay men - those who were born before or during the military period in which there was greater repression of homosexuality, can assume a different way of speaking depending on their linguistic clues compared to younger gay men – after some LGBT+ rights have been established – who may differ more in relation to heterosexual men. Another hypothesis that has been discussed in the literature is that homosexual men have a speech that is closer to women. Therefore, we also seek to answer whether homosexual men have a similar speech, in terms of the duration of the coda(s), to heterosexual women. To achieve these objectives, firstly, 2428 data were collected from Identidades Cariocas, which were compared to 1721 data from the control group Sample (Concordância – CORPORAPORT/UFRJ) – 849 of which were speech data from non-gay men and 872 women's speech data. These data were subjected to statistical rounds in the Jamovi program, which verified that none of the attested social variables (Education and Age Group) resulted in a significant difference, just as the Sample and Syllable with Stress variables did not result either. Only the variable Coda position showed significant relevance for the large group of data. The hypothesis that younger gay men (1st Age Group = 0.089s; 2nd Age Group = 0.076s) would produce lengthened (s) codas than the older gay men (0.096s) was not confirmed. Secondly, the four types of syllabic codas were analyzed separately (Final and Medial Unstressed, Final and Medial Stressed syllables) and the results showed that only the analyzes of the medial stressed codas resulted in significant differences – with an average duration of 0.080s for gay men and 0.067s for non-gay men. In the analyzes of medial stressed codas for the groups of non-gay speakers and women, there was no difference between the samples (0.067s for non-gay men and 0.073s for women). Regarding the analyzes of medial stressed codas between the groups of gay men and women, the results also did not show significant relevance (0.080s for gay men and 0.073s for women), that is, the duration of gay men's medial stressed (s) coda is similar to the duration of women's medial stressed (s) coda. In conjunction with the production study, two perception experiments were proposed. Regarding perception, we start from the hypothesis that, if the lengthened duration of the (s) coda is characteristic of the speech of gay men, then the perception of the sexual

orientation of gay men is related to the duration of the coda in the stimuli and that there would be greater accuracy in the perception of these speakers by participants with the same sexual orientation. In Experiment 1, in which we analyzed the individuals, we found that the heterosexual speakers were mostly perceived as straight-sounding people, unlike the group of gay speakers in which three of the total of six speakers were mostly perceived as straight-sounding people. Furthermore, for the group of heterosexual speakers there was a tendency to be evaluated as heterosexual mainly by hearing judges of the same sexual orientation. In Experiment 2, which analyzes the two groups of speakers – gay and heterosexual – separately, the group of gay speakers was mostly perceived as gay, just as the heterosexual group was perceived as straight. Regarding the effect of the participant's sexual orientation on the evaluation of the stimulus speaker's sexual orientation, no influence of the participants' orientation was observed as the evaluation tendencies were always the same for all four groups of participants.

Keywords: coda (s); Sexual Orientation; Variation Theory; Exemplar Models.

LISTA DE FIGURAS

Figura 0.1 – Biscoito do gênero	18
Figura 1.1 – Nuvem de exemplares da palavra <i>mosca</i>	28
Figura 1.2 – Resultado do Tempo de Resposta da Tarefa de Nomear Palavras	31
Figura 1.3 – Mapa perceptual do estímulo “case” de Strand (2000).....	33
Figura 2.1 – Formulário de percepção.....	47
Figura 2.2 – Distribuição e dispersão das respostas com relação às respostas dos juízes para os trechos de fala lidos pelos informantes gays (A) e pelos informantes heterossexuais (B) ..	49
Figura 2.3 – Diagrama da seleção dos informantes.....	54
Figura 2.4 – <i>Boxplot</i> com os valores da F0 por falante	55
Figura 3.1 – Tela inicial do formulário apresentado aos juízes ouvintes	73
Figura 3.2 – Ficha de perfil social apresentada aos participantes	74
Figura 3.3 – Tela inicial do Experimento de Percepção no programa <i>PsychoPy</i>	75
Figura 3.4 – Tela do Experimento de Percepção no programa <i>PsychoPy</i>	75
Figura 3.5 – Tela do Experimento de Percepção no programa <i>PsychoPy</i>	76
Figura 3.6 – Tela de resposta do Experimento de Percepção no programa <i>PsychoPy</i>	77
Figura 3.7 – Tela do programa <i>Jamovi</i>	80
Figura 4.1 – Média de distribuição da duração da coda (s) por Orientação Sexual.....	86
Figura 4.2 – Média de distribuição da duração da coda (s) por Orientação Sexual x Faixa Etária.....	89
Figura 4.3 – Média de distribuição da duração da coda (s) por Orientação Sexual x Escolaridade.....	91
Figura 4.4 – Média de distribuição da duração da coda (s) por Faixa Etária x Escolaridade .	91
Figura 4.5 – Média de distribuição da duração da coda (s) por Tonicidade da Sílab.....	94
Figura 4.6 – Média de distribuição da duração da coda (s) por Orientação Sexual x Tonicidade da Sílab.....	94
Figura 4.7 – Média de distribuição da duração da coda (s) por Posição da Coda na palavra .	95
Figura 4.8 – Média de distribuição da duração da coda (s) por Orientação Sexual x Posição da Coda.....	96
Figura 4.9 – Média de distribuição da duração da coda (s) por Orientação Sexual x Tonicidade x Posição da Coda.....	97
Figura 4.10 – Média de distribuição da duração da coda (s) por Orientação Sexual x Tônicas Mediais	100

Figura 4.11 – Média de distribuição da duração da coda (s) por Homens Não Gays e Mulheres x Tônicas Mediais.....	104
Figura 4.12 – Média de distribuição da duração da coda (s) por Homens Gays e Mulheres x Tônicas Mediais.....	106
Figura 5.1 – Distribuição dos valores de duração da coda (s) por Orientação Sexual dos Falantes dos estímulos.....	112
Figura 5.2 – Distribuição dos valores de duração da coda (s) por Orientação Sexual dos Falantes dos estímulos do Experimento 1	113

LISTA DE QUADROS

Quadro 3.1 – Lista de falantes da Amostra Identidades Cariocas	59
Quadro 3.2 – Características sociais dos sujeitos da Amostra Identidades Cariocas	61
Quadro 3.3 – Estratificação da Amostra Concordância	62
Quadro 3.4 – Informantes masculinos da Amostra Concordância	62
Quadro 3.5 – Informantes femininos da Amostra Concordância	62
Quadro 3.6 – Características sociais dos sujeitos da Amostra Concordância	63
Quadro 3.7 – Número de codas (s) totais por amostra	64
Quadro 3.8 – Número total de codas (s) medidas e analisadas	64
Quadro 3.9 – Distribuição de ocorrências analisadas de (s) em coda por falante	68
Quadro 3.10 – Palavras com coda (s)	70
Quadro 3.11 – Palavras selecionadas para compor os Experimentos de Percepção	71
Quadro 3.12 – Palavras e falantes do Experimento 2	78
Quadro 4.1 – Nova codificação dos falantes	82
Quadro 4.2 – Total de dados por falante	83
Quadro 5.1 – Classificação da coda (s) quanto à Tonicidade e Posição da Coda na palavra	108
Quadro 5.2 – Distribuição das respostas para a Orientação Sexual dos falantes dos estímulos 4 níveis	110
Quadro 5.3 – Distribuição binária das respostas para a Orientação Sexual dos falantes dos estímulos	111
Quadro 5.4 – Quadro de respostas binárias por Orientação Sexual do Participante	114
Quadro 5.5 – Distribuição de respostas binárias por Orientação Sexual do Participante x Falantes Gays Individualmente	115
Quadro 5.6 – Distribuição de respostas binárias por Orientação Sexual do Participante x Falantes Heterossexuais Individualmente	118
Quadro 5.7 – Quadro de respostas totais por grupo de falantes	122
Quadro 5.8 – Quadro de respostas binárias por grupo de falantes	123
Quadro 5.9 – Quadro de respostas binárias por Orientação Sexual do Participante x Grupos de Falantes	124

LISTA DE TABELAS

Tabela 1.1 – Acerto na identificação das palavras pronunciadas corretamente e gêneros corretos na simulação do experimento auditivo de nomeação de palavras de Strand (2000) ..	32
Tabela 3.1 – Médias de duração das codas (s) por falantes e por Orientação Sexual.....	69
Tabela 3.2 – Comparação das médias de duração entre os 2 grupos de Orientação Sexual por contexto linguístico	69
Tabela 4.1 – Medidas da duração total das codas (s) por Orientação Sexual x Variáveis Sociais.....	85
Tabela 4.2 – Média da duração total das codas (s) por falantes gays x não gays	87
Tabela 4.3 – Média da duração total das codas (s) por Orientação Sexual x Faixa Etária	88
Tabela 4.4 – Média da duração total das codas (s) por Orientação Sexual x Escolaridade	90
Tabela 4.5 – Medidas da duração total das codas (s) por Orientação Sexual x Variáveis Linguísticas.....	93
Tabela 4.6 – Média da duração total das codas (s) por Orientação Sexual x Tonicidade da Sílabas	94
Tabela 4.7 – Média da duração total das codas (s) por Orientação Sexual x Posição da Coda	96
Tabela 4.8 – Média da duração total das codas (s) por Orientação Sexual x Tonicidade x Posição da Coda	97
Tabela 4.9 – Medidas da duração total das codas (s) por Orientação Sexual x Tônicas Mediais	99
Tabela 4.10 – Medidas da duração total das codas (s) por Homens Não Gays e Mulheres x Tônicas Mediais.....	103
Tabela 4.11 – Medidas da duração total das codas (s) por Homens Gays e Mulheres x Tônicas Mediais	105
Tabela 5.1 – Médias totais e da sílaba tônica da coda (s) dos falantes	112
Tabela 5.2 – Medidas das respostas dadas pelos participantes em função da Orientação Sexual dos falantes e dos participantes	121
Tabela 5.3 – Medidas das respostas dadas pelos participantes em função da Orientação Sexual dos falantes e dos participantes	125

Sumário

Introdução	17
1. Pressupostos Teóricos	24
1.1 Sociolinguística: a Teoria da Variação e Mudança Linguística.....	24
1.2 Variação e Modelos Baseados em Exemplares	26
1.3 Variação Sociofonética e Percepção na Modelagem de Exemplares	29
2. Indexação Social de Sexualidade na Fala de Homens Gays.....	35
2.1 Diferentes Abordagens sobre os Estudos de Linguagem e Sexualidade	35
2.2 Os Estudos sobre Sexualidade pelo Viés da Teoria da Indexação Social – Falantes de Língua Inglesa.....	39
2.3 Os Estudos sobre Sexualidade e Fala – Falantes de Língua Portuguesa	46
3. Materiais e Métodos.....	58
3.1 Dados de Produção	58
3.1.1 Identidades Cariocas – Uma Amostra de Fala com Homossexuais do Sexo Masculino	59
3.1.2 Amostra Concordância – Grupo Controle com os Falantes Não Gays.....	61
3.1.3 Coda (s) em Dados de Produção: Envelope da Variação.....	63
3.2 Dados de Percepção.....	70
3.2.1 As Palavras Avaliadas e os Falantes dos Experimentos.....	70
3.2.2 A Construção dos Experimentos	72
3.3 Ferramentas de Tratamento dos Dados	78
4. Produção de Coda (s) na Fala de Homens e Mulheres Cariocas.....	81
4.1 Codas (s) na Fala de Homens Cariocas.....	81
4.1.1 Análise por Orientação Sexual x Variáveis Sociais.....	84
4.1.2 Análise por Orientação Sexual x Variáveis Linguísticas	92
4.2 Até que ponto Homens Gays e Mulheres se assemelham na duração da coda (s)?.....	101
4.2.1 Homens Não Gays e Mulheres produzem diferente a coda (s)?.....	102
4.2.2 Gays e Mulheres produzem de forma parecida a coda (s)?	104
5. Percepções Sociolinguísticas de coda (s) e Indexação Social de Orientação Sexual	107
5.1 Experimento 1 – A lista de palavras: Percebendo o Indivíduo	107
5.2 Experimento 2 – Percebendo o Grupo.....	122
Considerações Finais	127
Referências	136
Anexos.....	142

Introdução

Em pleno século XXI, vive-se um momento de retrocesso que nos faz pensar e refletir acerca de assuntos pouco tocados, inclusive aqueles que remetem a grupos sociais minoritários que ainda sofrem com discursos de repúdio e ódio e isso se aplica a países como o Brasil, mesmo sendo conhecido por sua diversidade social.

Esses grupos são bombardeados a todo momento: mulheres sendo oprimidas por homens machistas ou por mulheres que não entendem que o movimento feminista é, sim, necessário para a luta de direitos igualitários; uma enxurrada de críticas negativas às pessoas que estão acima do peso ou que não se vestem de determinada maneira que a ‘sociedade impõe’; negros, indígenas ou pessoas com alguma necessidade especial que são ignorados o tempo todo ou discriminados por terem seus direitos assegurados – cotas, prioridades em estabelecimentos – por pessoas que já têm os seus direitos assegurados; pessoas LGBTQ+¹ que são assediadas verbalmente, fisicamente e desrespeitadas, até mesmo quando deveriam ser protegidas pelas leis vigentes, por pessoas preconceituosas, quando não de pessoas LGBTQ+ que não aceitam determinada característica ou comportamento dentro do próprio ‘meio’ LGBTQ+. Por exemplo, se um rapaz gay for afeminado, se for negro, se estiver acima do peso, se for muito velho, se for pobre.

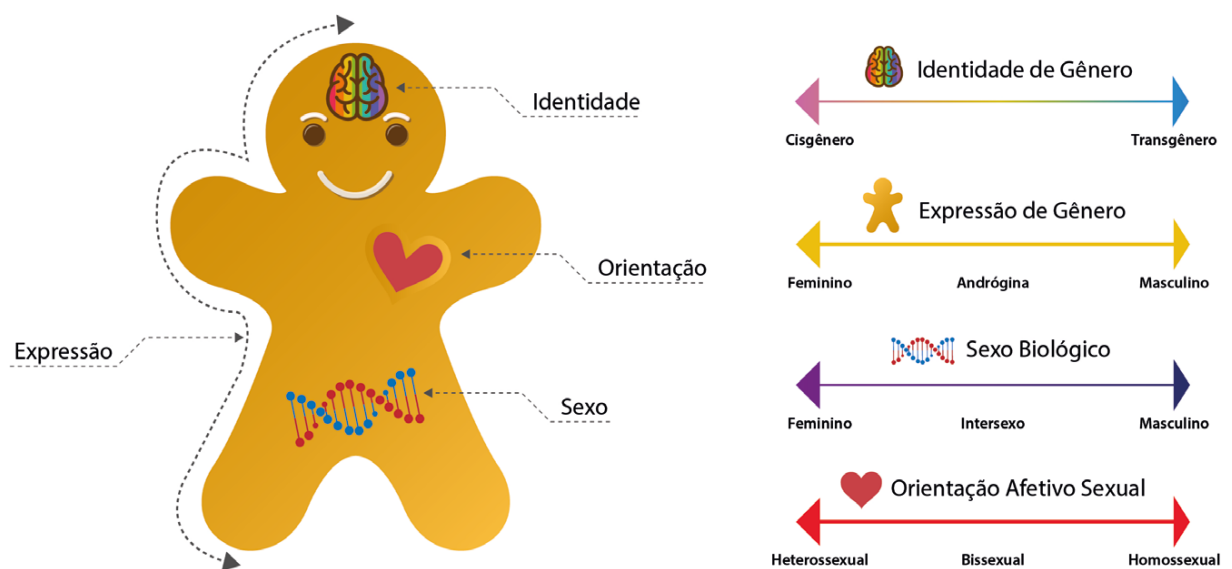
É pensando nessas pessoas que se decidiu por conduzir uma pesquisa que toca profundamente na ferida de muitos opressores e militar pelas causas LGBTQ+ de alguma forma, afinal, a inação – o ato de se considerar neutro - é uma forma de se aliar ao lado do opressor. Sendo assim, a fim de contribuir com as descobertas linguísticas e trazer à tona esse assunto tão pouco estudado em terras brasileiras, esta pesquisa busca responder hipóteses referentes à produção e à percepção de características e/ou pistas acústicas encontradas na fala de homens homossexuais cariocas para verificar seu papel de indexadoras de sexualidade.

A Sociolinguística laboviana, com o objetivo de estudar a variação e a mudança linguística a partir de amostras de fala espontânea, focaliza seus estudos em categorias macrossociais, em que uma delas é a categoria Sexo/Gênero do falante, uma categoria binária

¹ Aqui, utilizamos LGBTQ+ - que significa Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transexuais/Travestis – como abreviação da sigla original LGBTQIAPF2K para se referir a qualquer pessoa que se encaixe em alguma dessas denominações.

na constituição de amostra de fala espontânea que estudam a variação linguística para identificar processos de mudança em curso, variáveis estáveis, condicionamentos linguísticos e sociais da variação. Essa categoria por si só não dá conta de responder questões acerca da sexualidade/orientação sexual dos indivíduos, tema que esta tese busca estudar. Além disso, ainda há muita confusão sobre os termos que se referem às diferenças entre identidades de gênero, expressão de gênero, sexo biológico e orientação. Desta forma, apresentamos um breve resumo dessas categorias a partir do “Biscoito do Gênero”, disposto na Figura 0.1.

Figura 0.1 Biscoito do Gênero²



Fonte: Multirio (2023)

O biscoito do gênero, do inglês *Genderbread*, proposto por Sam Killermann, em 2011, com o objetivo de auxiliar na compreensão da complexidade de gênero, faz alusão, de uma forma bem didática, às 4 grandes classificações que um ser humano pode utilizar para se descrever: a identidade de gênero, a expressão de gênero, o sexo biológico e a orientação (afetivo) sexual. A identidade de gênero (representada no biscoito pelo cérebro) é como a pessoa se identifica: cisgênero, aquele que se identifica com o sexo biológico que lhe foi designado no nascimento; transgênero, aquele que não se identifica com o seu sexo biológico.

² Disponível em: <https://www.multirio.rj.gov.br/media/ceds/index.php?pag=apresentacao>

A expressão de gênero nada mais é do que a forma como a pessoa se apresenta a partir de sua aparência e seu comportamento, podendo ser definida como masculina, feminina ou andrógina. As pessoas com expressão andrógina são aquelas que apresentam traços ou comportamentos imprecisos, podendo ou não se referir ao sexo biológico oposto. O sexo biológico refere-se aos órgãos genitais, hormônios e cromossomos com os quais nascemos; aquele que nasce com os dois órgãos (masculino e feminino) ou com nenhum dos dois é chamado de intersexo. Por último, e mais importante para esta pesquisa, a orientação sexual tem a ver com a forma que a pessoa se relaciona emocional, afetiva ou sexualmente. Apesar das setas do biscoito do gênero indicarem três pontos: heterossexual, bissexual ou homossexual, as setas com duas pontas indicam que existe um contínuo de classificações para todas as quatro grandes classificações.

Esta pesquisa se propõe a analisar a fala de homens cisgêneros homossexuais e compará-la com a fala de homens e mulheres cisgêneros não homossexuais. Essa escolha se deu a partir de estudos sobre percepção de ouvintes com relação a características de fala de pessoas de diferentes orientações sexuais, em que descobertas bastante interessantes têm sido encontradas em estudos com falantes de língua inglesa (a variação de *pitch* - GAUDIO, 1994; a duração de /s/ - LINVILLE, 1998; a duração de vogais - PIERREHUMBERT *et al.*, 2004;) e alguns com falantes de língua portuguesa (o uso de determinados diminutivos na fala – MENDES, 2012; FELIX, 2016; a duração de /s/ em coda, a duração de vogais e valores de *pitch* - BARBUIO, 2016, a percepção da duração de /s/ em coda e *pitch* médio – SENE, 2022).

A linguagem dos homens gays, particularmente, tem sido mencionada de forma bastante vaga. Na cultura popular, há pessoas que equiparam a forma de falar dos gays a características da fala de mulheres. Assim, quando se veem personagens gays em programas de comédia, charges, memes da internet, estes são, frequentemente, retratados com uma voz mais caricata – apresentando características como alongamentos e fala reproduzida com alta frequência fundamental, entre outras características que fazem referência à voz de mulheres. Consequentemente, as características de um suposto falar gay têm sido estudadas por

diferentes perspectivas e, em língua inglesa, essas características linguísticas têm sido referidas como *gay accent*, o que poderia ser compreendido como sotaque/fala gay³.

A partir desses trabalhos, verificou-se uma tendência com relação a uma nova perspectiva de análise da fala a partir de processos de construção da identidade do indivíduo e suas implicações para a constituição de grupos sociais e da própria sociedade. Assim, investigar a percepção e as características linguísticas presentes na fala de grupos específicos de homens gays e heterossexuais representa o interesse de discutir questões fundamentais atuais da Sociolinguística e de debater o significado social da variação.

A partir desses trabalhos, percebeu-se a importância de explorar esse tema no que tange a análises sobre produção e percepção da fala de homens homossexuais comparadas à fala de homens não gays e uma possível semelhança com padrões acústicos da fala de mulheres. Estudos dessa natureza têm contribuído com evidências que indicam que fatores inatos biológicos influenciam indiretamente padrões de fala LGBT+. A adoção de características de padrão de fala do sexo oposto (PIERREHUMBERT *et al.*, 2004) tem forte relação com a identidade social e orientação sexual e seus reflexos nos padrões adquiridos pelos falantes da comunidade LGBT+. Segundo Pierrehumbert *et al.* (2004, p. 1905),

Orientação sexual, identidade social e uso da linguagem são assuntos de intenso interesse. Essas questões se relacionam na questão de se gays, lésbicas e bissexuais adultos (GLB) são capazes de usar padrões de fala distintos que transmitem sua identidade social. Em muitas culturas, um estereótipo popular afirma que existem diferenças sistemáticas na produção da fala em função da orientação sexual.⁴

Seguindo este raciocínio, esta pesquisa se justifica pela necessidade e importância de aprofundar um estudo sobre aspectos de construção social da orientação sexual gay que pode

³ Nesta pesquisa, apesar de usarmos os termos 'fala gay', não temos o objetivo de presumir que, de fato, haja uma fala comum a todos os homens gays.

⁴ Tradução do Original: "Sexual orientation, social identity, and language use are all matters of intense interest. These issues come together in the question of whether gay, lesbian, and bisexual (GLB) adults are able to use distinctive speech patterns that convey their social identity. In many cultures, a popular stereotype holds that there are systematic differences in speech production as a function of sexual orientation." Pierrehumbert *et al.* (2004, p.1905)

estar relacionada a variáveis sociais e características acústicas considerando os aspectos detectados na produção e checados através da percepção.

Para a construção desta pesquisa, foi reunido um corpus de fala espontânea com 18 indivíduos homossexuais cariocas, autorizado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IESC – UFRJ), nº CAAE 13844419.0.0000.5286. O intuito é examinar contextos semelhantes aos já encontrados em estudos de língua inglesa, e possíveis particularidades na fala de gays cariocas, para verificar se, de fato, os homens gays tendem a produzir a fricativa coronal surda [s/ʃ] em posição de coda mais alongada do que os homens não gays. Os dados coletados dessa amostra serão comparados aos coletados na fala espontânea, com 8 homens não gays e 8 mulheres, da amostra Concordância (CORPORAPORT) da UFRJ (grupo controle), conforme será descrito no capítulo 3.

Para melhor compreender essas características fonéticas, em um segundo momento, o registro em áudio da voz desses falantes foi submetido a experimentos de percepção e, posteriormente, foi julgado por ouvintes juízes. Como objetivo específico, investigamos se a duração da coda (s) pode contribuir na avaliação da orientação sexual dos falantes dos experimentos de percepção. Os ouvintes foram alocados em quatro grupos: um grupo formado por homens LGBT+; um grupo formado por homens heterossexuais; um grupo formado por mulheres LGBT+ e um grupo formado exclusivamente por mulheres heterossexuais. Durante a realização dos experimentos de percepção, os participantes tiveram de responder se a pessoa, a partir daquele áudio, soava: gay, um pouco gay, um pouco heterossexual ou heterossexual.

Outro objetivo foi verificar o grau de eficiência de acerto de cada um desses quatro diferentes grupos de juízes avaliadores, para identificar a orientação sexual dos informantes. O grau de eficiência tem a ver com o quanto um juiz identifica se determinada fala é proveniente de um indivíduo que soe gay, um pouco gay, heterossexual ou um pouco heterossexual. Espera-se que a indexação social da variável analisada seja compartilhada entre os falantes de uma mesma orientação sexual, levando em consideração a existência de um dispositivo chamado *gaydar*⁵ (SULPIZIO *et al.*, 2019; NEVES JÚNIOR, 2022).

⁵ De acordo com Neves Júnior (2022, p.1037), “o *gaydar* é um termo oriundo da aglutinação entre as palavras *gay* e *radar*. Justifica-se costumeiramente por ser um “radar” que “permite” identificar homossexuais. Parte-se do pressuposto de que, ao olhar, conversar ou conviver com alguma pessoa, mesmo que por pouco tempo, o *gaydar* seja capaz de fazer o *outing*, ou seja, perceber alguma característica comum a todas as gays ou lésbicas”.

Desta forma, essa pesquisa de doutorado propõe responder às seguintes perguntas, em relação à produção nas amostras de fala analisadas: homens homossexuais têm uma fala parecida, quanto à duração da coda (s), com a de mulheres heterossexuais? A fricativa [s/f] em coda é mais alongada na fala de homens gays que na dos heterossexuais? Se a resposta às duas perguntas for positiva, então, podemos considerar que é possível que uma duração maior da coda (s) seja característica indexadora de fala de homens gays? Para responder a essa última pergunta, iremos nos basear nos resultados obtidos nos experimentos de percepção. Além disso, também se propõe a seguinte questão: os juízes tendem a acertar mais quanto à orientação sexual dos falantes quando esta está de acordo com sua própria orientação sexual? Em relação à percepção, parte-se da hipótese de que, se a duração alongada da coda (s) é característica da fala de homens gays, então a percepção da orientação sexual de homens gays tem relação com a duração da coda nos estímulos.

Este estudo se baseia nos pressupostos teóricos da Teoria da Variação proposta por William Labov (1972) e, para a discussão acerca do caráter do status da variação fonológica na gramática, são utilizados os pressupostos dos Modelos Baseados no Uso (PIERREHUMBERT, 1994; FOULKES e DOCHERTY, 2006). Parte-se da hipótese de que o detalhe fonético pode estar relacionado a padrões de indexação social, conforme já atestado em inúmeros trabalhos conduzidos na área da Sociolinguística Variacionista, de forma que a representação detalhada captura aspectos da identidade sociolinguística do falante. Nesta pesquisa, interessa-nos a indexação social relativa à Orientação Sexual, especificamente a de homens homossexuais. Como qualquer indivíduo está inserido em uma determinada organização social mais ampla, interessa-nos observar se essas características podem estar relacionadas com outras como a faixa etária e a escolaridade.

Nesta tese de doutorado, portanto, a questão dos significados sociais indexados pela variação é uma questão central. Ochs (1991) propõe um modelo de análise da interação entre linguagem e identidade, em que traços linguísticos funcionam como índices de ideologias sociais. Partindo desse pressuposto, a relação entre variantes e identidades é direta, portanto, são raras as exceções em que as variantes linguísticas possam funcionar como índices de uma única e exclusiva identidade social. Mais do que isso, as variantes funcionam antes como índices de atitudes, posturas (posicionamentos), atividades, que, por sua vez, estão associadas

A ideia que o termo *gaydar* quer capturar é a de que a semelhança de identidades sexuais desses grupos específicos levam a uma facilidade em identificar características semelhantes que o grupo compartilha.

a categorias sociais. Portanto, associar o trabalho de Ochs aos pressupostos teóricos desta pesquisa é algo primordial.

O presente trabalho se apresenta dividido em seis capítulos: no primeiro, serão discutidos os Pressupostos Teóricos utilizados nesta pesquisa; no segundo, será traçada a trajetória das pesquisas que analisam as características acústicas e/ou prosódicas, sensíveis à percepção, na fala de homens homossexuais; no terceiro capítulo, serão descritos os materiais e os métodos utilizados para composição desta pesquisa; no quarto capítulo, serão detalhados os resultados da produção da coda (s) na fala de homens e mulheres cariocas; no quinto, descrevemos os resultados encontrados nos experimentos de percepção e, no sexto e último capítulo, são descritas as considerações finais da conjugação do estudo de produção e percepção da coda (s) na fala de cariocas, seguidos das seções Referências e Anexos.

1. Pressupostos Teóricos

Desde que a chamada Linguística Moderna foi instaurada pelo linguista estruturalista Ferdinand Saussure no início do século XX, diversas questões linguísticas vêm sendo problematizadas. O Estruturalismo e o Gerativismo postulavam que a língua é um sistema homogêneo, e que a mudança linguística poderia surgir a partir da transmissão da língua de uma geração a outra, ou seja, fenômenos desviantes na fala de adultos se tornariam comuns na gramática das crianças. No entanto, os estudos de William Labov consolidam pressupostos de que a variação e a mudança linguística são inerentes à língua e são heterogeneamente ordenadas/estruturadas. Neste capítulo, faz-se uma descrição de alguns dos pressupostos teóricos da Sociolinguística, cujo precursor é o linguista William Labov, como foco naqueles postulados teóricos relacionados à presente pesquisa. Também são apresentados os pressupostos dos Modelos de Exemplares, que têm sido adotados para acomodar a variação linguística. Será dada ênfase à modelagem da identidade sexual dos falantes com base no caráter representacional dessas características com base na hipótese de representação em exemplares.

1.1 Sociolinguística: A Teoria da Variação e Mudança Linguística

A Sociolinguística, tendo como expoente William Labov, parte do princípio de que a variação e a mudança são inerentes às línguas, sendo, portanto, um de seus objetivos entender quais são os principais fatores que explicam a mudança linguística. Tem como foco o estudo da língua em seu uso real, considerando as relações entre a estrutura linguística e sociedade.

A variação linguística é considerada um fato característico de todas as línguas, o que não era considerado anteriormente nas teorias linguísticas. No entanto, a mudança linguística, embora fosse descrita em parte dos estudos da Linguística Histórica do século XIX, era analisada como consequência de pressões internas do sistema linguístico, mas não necessariamente sociais. Na Sociolinguística, a variação e a mudança, além de inerentes às línguas, não são vistas como efeitos do acaso, mas como fenômenos motivados tanto por fatores linguísticos como sociais. Portanto, a variação e a mudança linguística não são consideradas assistemáticas.

Nesta direção, os linguistas dessa vertente estudam a diversidade da língua a partir da estrutura social, privilegiando a fala em diferentes contextos, o significado social das variáveis e o emprego das variantes por uma determinada comunidade de fala. É através da vida em sociedade, interagindo com os indivíduos, e da herança cultural, que ocorrem as mudanças linguísticas. Por isso, a necessidade de se analisar a relação entre língua, cultura e sociedade.

O foco de interesse da Sociolinguística é verificar o conflito entre duas faces contraditórias: uma aparente estabilidade *versus* uma constante variação, pressupostas no nível da fala do indivíduo e na comunidade. A teoria afirma que as línguas humanas estão em constante mudança, que se propaga de forma gradativa e pressupõe períodos longos de variação em diversos eixos sociais.

Um outro aspecto importante que a Sociolinguística aponta é que as formas linguísticas (variantes) podem carregar valores e características sociais relacionados à estrutura social da comunidade que usa uma determinada variedade de língua. Assim, a variabilidade observada na fala é a expressão de características sociais como sexo, idade, classe social, etnia, escolaridade, se de meio rural ou urbano (cf. LABOV, 1994), entre outros como a identidade sexual dos falantes para além da dualidade homem/mulher implícita na tradicional variável sexo das amostras de fala para estudo de variação e mudança, na maioria das variedades estudadas. Evidentemente, essas categorias não se reproduzem em todas as sociedades, conforme em estudos sobre variedades minorizadas (HILDEBRANDT, JANY, SILVA, 2017).

Os falantes exprimem sua identidade, através das formas linguísticas que empregam, assim como exprimem suas características sociais. Um exemplo bastante conhecido é o da consoante retroflexa [ɻ], conhecida como “R caipira”, na região metropolitana de São Paulo. Estudos mostram que essa realização fonética antes era uma variante exclusivamente do interior do estado de São Paulo, e hoje, firmou-se amplamente na fala da capital (OUSHIRO, 2015). O segmento retroflexo [ɻ] caracteriza, atualmente, os falantes das periferias e bairros mais pobres da metrópole, sendo evitado o seu uso por residentes em bairros tradicionalmente de classe média e média alta.

Traços socialmente prestigiosos são adotados pelas camadas sociais mais elevadas como significado social desse status; em contrapartida, os traços mais estigmatizados são

associados a camadas menos elevadas. Conforme Labov (2008), os padrões linguísticos podem ser classificados de três formas: (i) indicadores, (ii) marcadores e (iii) estereótipos.

- (i) Indicadores são formas linguísticas que podem se relacionar com diferenças de Classe Social, mas das quais os falantes aparentemente não têm consciência;
- (ii) Marcadores sociolinguísticos detêm um efeito sobre o juízo que determinado ouvinte lança sobre o status social de um falante, demonstrando reconhecimento de acordo com o grau de monitoramento da fala que a situação exige.
- (iii) Estereótipos são amplamente reconhecidos e é costume recorrer-se a eles quando se pretende traçar caricaturas de certos grupos sociais.

Essa classificação, nos estudos sociolinguísticos, está relacionada à distribuição das variantes em função da classe social dos falantes e do estilo de fala (cf. LABOV, 2008). Essa pesquisa está voltada para identificar em que medida a característica de duração da coda (s) se relaciona com a identidade sexual de homens gays.

O modelo tradicional da Sociolinguística, descrito nessa seção, trata a variação como resultado de um processo em que uma regra é aplicada a uma forma invariável e abstrata. Seguindo os pressupostos de Pierrehumbert *et al.* (2004), que defende o caráter representacional da variação, trazemos a modelagem da variação a partir dos Modelos de Exemplares (ME). Conforme será desenvolvido na próxima seção, uma vez que a variabilidade observada na fala está representada no conhecimento linguístico do falante, características sociofonéticas associadas à identidade sexual devem integrar essas representações, conforme evidenciam diversos estudos da área da Sociofonética.

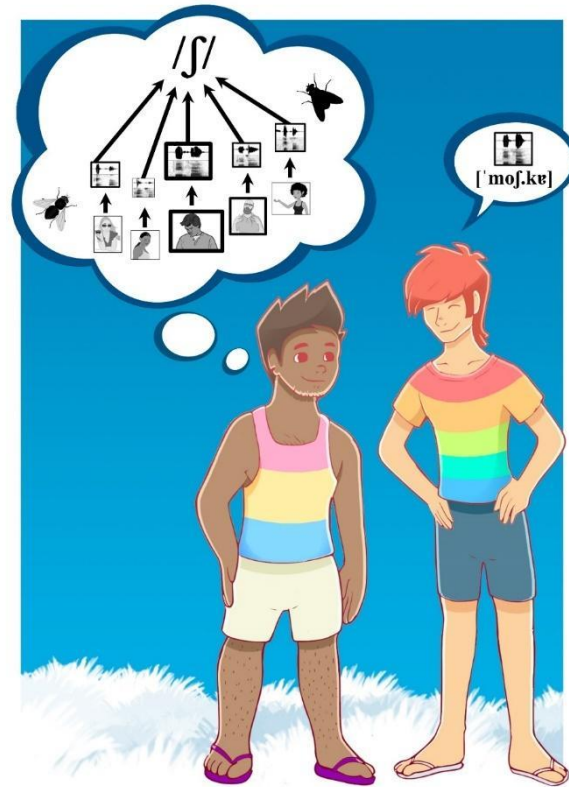
1.2 Variação e Modelos Baseados em Exemplares

Antes de falar sobre os Modelos de Exemplares, é necessário contextualizar a palavra exemplares no contexto das teorias linguísticas. Segundo Bybee (2013), exemplares são categorias formadas a partir das experiências linguísticas dos falantes – que são percebidas como sendo as mesmas e que contêm informações de seus contextos de uso – organizadas em um mapa cognitivo com base na similaridade entre elas. Os exemplares podem ser de qualquer tipo (fonético, semântico, sintático) e são considerados dinâmicos, ou seja, a partir de sua atualização na memória conforme seus eventos de uso, mudam no indivíduo e não entre gerações de falantes.

Conforme Bybee e Cacoulios (2008), os Modelos de Exemplares (ME) foram incorporados, primeiramente, aos estudos de fonética e fonologia como uma tentativa de compreender como os falantes reconheciam vozes familiares. De acordo com o princípio geral aplicado às representações fonológicas de que toda informação não linguística previsível é excluída, as representações em exemplares teriam que ter versões normalizadas de ocorrências de fala atual desde que tais ocorrências fossem sempre faladas por um indivíduo em particular com seu próprio repertório de características acústicas. Contudo, Goldinger (1996), em seu estudo sobre reconhecimento e identificação – na memória – de palavras faladas, demonstrou que, quando os participantes de sua pesquisa eram solicitados a ouvir listas de palavras e tinham que dizer se a palavra era 'nova' ou se ocorreu anteriormente nessa lista, as palavras enunciadas pelo mesmo falante tiveram maior probabilidade de serem corretamente identificadas como ouvidas anteriormente, mesmo após vinte e quatro horas de sua escuta. Isso demonstrou que, na audição, os detalhes fonéticos específicos de uma ocorrência percebida permanecem na memória.

Os ME preveem que toda ocorrência de uso é armazenada na memória, assim, caso uma entrada de ocorrência seja a mesma de um exemplar já existente, a ocorrência é mapeada no exemplar, fortalecendo sua representação. Quando a ocorrência não é semelhante o suficiente para um mapeamento de um exemplar existente, estabelece-se um novo exemplar posicionado próximo a exemplares semelhantes a este (cf. BYBEE, 2001; PIERREHUMBERT, 2001). Assim, para cada palavra ou expressão existente no léxico de um falante, há uma nuvem ou um conjunto de exemplares fonéticos, como pode ser exemplificado na figura a seguir:

Figura 1.1 Nuvem de Exemplos da palavra mosca



Fonte: Adaptado de Drager e Kirtley (2016, p.4)

Segundo os ME, a memória para unidades linguísticas é a mesma para unidades não linguísticas, em outras palavras. Efeitos de frequência de uso têm sido verificados, por exemplo, no acesso lexical, porque a frequência impacta as representações das palavras no léxico. Assim, porque têm representação menos robusta, pode haver falha de acesso lexical em palavras de baixa frequência. (PIERREHUMBERT, 2003; WEDEL, 2007).

A variação linguística, pela perspectiva dos ME, é parte da representação em exemplares, isto é, é capturada na representação detalhada das formas linguísticas, estabelecida através da experiência do falante com a língua. Assim, nesse modelo, a variação linguística observada na fala tem caráter representacional e não é gerada através de uma regra ou processo da gramática aplicada a uma representação abstrata invariante (CRISTÓFARO SILVA; GOMES, 2020).

Além disso, segundo Drager e Kirtley (2016), outras informações são armazenadas, inclusive aquelas que dizem respeito à identidade de um indivíduo: categorias sociais (por exemplo, gay), adesão a uma comunidade de prática ou uma prática social. Nos Modelos de Exemplares, informações socialmente significativas são indexadas a exemplares linguísticos.

Em suma, a indexação social ocorre automaticamente, sem esforço consciente do observador. De acordo com Foulkes e Docherty (2006, p. 426), o Modelo de Exemplares permite capturar a observação de que nenhuma elocução humana natural oferece informações linguísticas sem simultaneamente indexar algum fator social. Assim, um modelo baseado em exemplares é suficiente para acomodar a variação sociolinguística, incluindo tanto os aspectos estruturais quanto os que funcionam como índices sociais para o falante/ouvinte e para a comunidade de fala.

1.3 Variação Sociofonética e Percepção na Modelagem de Exemplares

Nesta seção, são apresentadas as hipóteses de Johnson (2006) para a modelagem da variação sociofonética a partir da representação em exemplares. Quando analisamos a variação linguística entre pessoas de diferentes gêneros, é mais interessante analisar a variação Sociofonética do que a variação anatômica, como proposto por Johnson (2006). A variação sociofonética “leva o teórico da percepção da fala para o que, em minha opinião, é uma visão mais correta da percepção” (JOHNSON, 2006, p. 485).

Conforme Johnson (2006), era comum assumirmos que toda variabilidade acústica/fonética era interessante e poderia estar conectada ao circuito neural para a percepção da fala, como proposto nos trabalhos de Sussman (1986) e Fowler (1986). Os trabalhos anteriores propostos por Keith Johnson tiveram como objetivo a análise da variação sociofonética encontrada nas diferenças entre gêneros. Esse foco era dado pois os estudiosos da percepção da fala viam a variação entre os gêneros como fonte de variação fonética e como diferenças tipicamente derivadas das diferenças das dimensões do trato vocal de homens e mulheres. A partir do momento em que reconhecemos a variação sociofonética, torna-se necessário abrir mão da teoria da conexão neural como o único caminho para entender a variação na percepção da fala.

Com base na relação entre características observadas na produção de homens e mulheres, comparadas com estudo sobre processamento de palavras, o autor propõe que a relação entre categorias cognitivas e exemplares detalhados dessas categorias levam à emergência de entidades linguísticas e sociais. Assim, detalharemos como os estereótipos de gênero influenciam o processamento da palavra falada – a partir do trabalho de Strand (2000) – e o modelo de exemplares como representação que explica essas descobertas.

O experimento de Strand (2000) sobre estereótipos de gênero na percepção da fala tem como objetivo conectar o desempenho do gênero à representação na memória de longo prazo. Acredita-se que, se gênero é uma categoria social e soar masculino ou feminino é desempenhar papel de gênero, então o processo de percepção será provavelmente sensível às características estereotipadas de gênero.

Para verificar esta hipótese, Strand conduziu um estudo com 24 ouvintes (15 mulheres e 9 homens), usando uma escala de nove pontos para avaliar pares de falantes em termos de similaridade subjetiva de gênero. Metade dos pares avaliados era de gêneros cruzados (homens e mulheres), enquanto a outra metade era de pares do mesmo gênero (só homens ou só mulheres). O estudo incluiu 10 falantes masculinos e 10 femininos nos grupos de falantes a serem julgados. Os juízes ouvintes ouviram todos os pares possíveis desses falantes falando uma palavra da lista de 24 palavras foneticamente controladas (monossílabos, palavras de alta frequência de uso).

Num segundo momento, outro grupo com 10 ouvintes (8 mulheres e 2 homens) ouviram os mesmos falantes da tarefa anterior falando as mesmas palavras e foram instruídos a identificar o gênero do falantes como masculino ou feminino. Nessa tarefa, o tempo de reação que o ouvinte levou para identificar o gênero do falantes também foi registrado. Os dois grupos de resultados – diferença de gênero e o tempo de identificação de gênero – foram utilizados para identificar falantes masculinos e femininos estereotípicos e não estereotípicos.

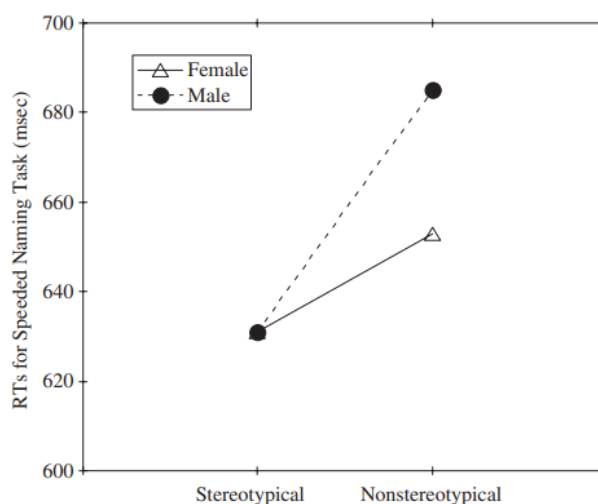
A análise dos dados resultou em um mapa de escala multidimensional, revelando agrupamentos distintos de vozes masculinas e femininas, em que um grupo bem pequeno de homens e mulheres se encontravam na periferia desta escala. Uma classificação rápida de gênero mostrou que falantes masculinos mais distantes da periferia eram identificados como "homens" mais rapidamente. O estudo destacou que os homens estereotipados foram

identificados mais rapidamente do que outros. O mesmo padrão ocorreu com as vozes femininas.

Num segundo momento, Strand selecionou um homem estereotipado – que foi identificado como "homem" mais rapidamente do que qualquer uma das outras vozes masculinas – e um homem não estereotipado – que foi identificado como "homem" mais lentamente do que os outros homens. Vozes femininas estereotipadas e não estereotipadas também foram selecionadas por esses critérios. Outro grupo de ouvintes (14 mulheres, 10 homens) foi instruído a “nomear” palavras produzidas por esses quatro falantes. Cada ouvinte ouviu 48 palavras produzidas por cada um dos quatro locutores (4 apresentações de cada palavra).

A tarefa do ouvinte consistia em repetir em voz alta a palavra que o falante mencionou e a variável dependente foi o tempo de resposta da repetição da palavra, medida por um mecanismo ativado por voz. Os resultados do tempo de reação de Strand (2000) são mostrados na Figura a seguir.

Figura 1.2 Resultado do Tempo de Resposta da Tarefa de Nomear Palavras



Fonte: Johnson (2006, p. 491)

A análise de covariância confirmou o efeito de estereotipia da voz, independentemente da duração da palavra. Conclui-se que os ouvintes processam a fala com expectativas de gênero, sendo menos eficientes com vozes não estereotipadas. O material linguístico produzido por vozes que não atendem a essas expectativas não é processado de forma tão

eficiente quanto o material produzido por vozes estereotipadas. O estudo destaca a influência significativa dos estereótipos de gênero na percepção auditiva. Para melhor entendimento, na próxima seção detalhamos a proposta de Johnson (2006) sobre o Modelo de Representação de Exemplares que explica os resultados encontrados por Strand (2000).

No trabalho de Johnson (2006), sobre a relação entre variáveis fonéticas e sexo/gênero, o objetivo foi o de verificar como falantes que podem ser enquadrados como estereótipos e não estereótipos de gênero seriam percebidos a partir da produção de suas falas.

Johnson utilizou-se de 960 dados de fala (20 falantes x 48 palavras), que foram anteriormente utilizados por Strand (2000) para criar um teste de percepção que consistia em repetir as palavras proferidas pelos falantes ouvidos e posteriormente identificar o gênero do falante ouvido. Dentre esses 20 falantes, 4 foram, antes, categorizados como:

- F5 –estereótipo de voz de mulher
- F7 –não-estereótipo de voz de mulher
- M5 – estereótipo de voz de homem
- M8 –não-estereótipo de voz homem

Os resultados foram agrupados com relação aos quatro falantes supracitados:

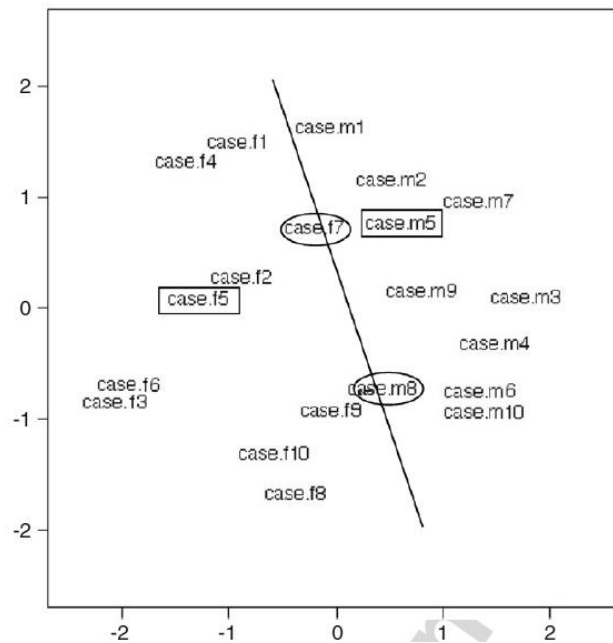
Tabela 1.1 Acerto na identificação das palavras pronunciadas corretas e gêneros corretos na simulação do experimento auditivo de nomeação de palavras de Strand (2000)

Falante	% palavras corretas	% de gênero correto
F5 – estereótipo de mulher	79	75
F7 – não-estereótipo de mulher	75	17
M5 – estereótipo de homem	71	54
M8 – não-estereótipo de homem	50	79

Fonte: Adaptado de Johnson (2006, p.494)

Johnson exemplifica um modelo baseado em exemplares para representação do detalhe fonético em questão, caracterização de gênero, a partir de uma das palavras do experimento de Strand, a palavra “case” (caso). A Figura 1.3 a seguir mostra o espaço perceptual dessa palavra. A figura foi gerada tomando os exemplares ativados de cada arquivo de som da palavra comparado com todos os outros arquivos de som. A figura mostra a matriz de similaridade resultante organizada em uma escala bidimensional.

Figura 1.3 Mapa perceptual do estímulo “case” de Strand (2000)



Fonte: Johnson (2006, p. 495)

Falante estereotipado em retângulo; falante não estereotipado em oval

A figura mostra que, neste espaço perceptual, os falantes masculinos estão separados dos femininos, conforme indicado, considerando a linha que separa as duas dimensões. Também se observa que as duas produções não estereotipadas estão ambas sobre a linha que separa os dois grupos de falantes. Em uma ativação em que a ocorrência de “case” da falante F5 (estereótipo feminino) é apresentada ao modelo, os exemplares ativos são os femininos. Quando a ocorrência de “case” correspondente à fala feminina não estereotipada é apresentada ao modelo, os exemplares ativos são os de fala masculina.

Sobre esses resultados, o autor comenta que, geralmente, a voz não-estereotipada ou não prototípica de mulher foi reconhecida como homem, para mais de 80% das palavras, e as palavras faladas pelo homem não-estereotipado ou prototípico foram muitas vezes incompreendidas. Segundo Johnson, esses resultados são mais bem acomodados no Modelo de Exemplares, pois este integra o detalhe fonético na representação das formas sonoras das palavras no léxico, assim como aspectos sociais de quem fala e os contextos sociais e discursivos em que os itens lexicais são produzidos. Dessa forma, características acústicas, parâmetros prosódicos que caracterizam a voz humana, estão representados e podem indexar

informações sociais dos falantes. Nessa perspectiva, a variabilidade, de qualquer natureza, faz parte do conhecimento internalizado do falante.

Os dois estudos anteriormente mencionados fornecem evidências de que o detalhe fonético relativo a estereótipo de gênero é parte integrante do processamento de itens lexicais no léxico mental. Aos trabalhos de Strand (2000) e de Johnson (2006), somam-se resultados de outros estudos com metodologia experimental que mostram a importância do detalhe fonético no processamento da fala como em: a) Hay, Warren e Drager (2006), que mostram que, no inglês da Nova Zelândia, o reconhecimento de pares mínimos cujos ditongos estão em processo de fusão em direção a [iə], como em *bier* e *bear* - [iə] ~ [ea] > [iə], depende da idade, classe social e sexo do falante do estímulo e do grau de fusão do participante do experimento; b) Connine et al. (2008), que mostram que itens lexicais mais frequentemente produzidos com a variante sem a vogal pós-tônica do inglês, como em *op'ra*, são acessados mais rapidamente em sua versão com duas sílabas do que com a vogal pós-tonica, como em *opera*; c) Koops et al. (2008), em experimento com a técnica de rastreamento ocular (*eye-tracking*), que trazem evidência do papel da faixa etária na identificação de itens lexicais que passam por um processo de fusão da vogal, no inglês falado em Houston, como em *pin* e *pen*, em direção a uma vogal intermediária entre /i/ e /e/; entre outros. Hay, Warren e Drager (2006) e Connine et al. (2008) defendem que as evidências encontradas em seus respectivos trabalhos são mais bem modeladas na abordagem dos Modelos de Exemplos, já que o modelo, ao postular que as representações são foneticamente detalhadas, possibilita capturar a relação entre produção e percepção encontrada nos resultados obtidos.

2. Indexação Social de Sexualidade na Fala de Homens Gays

Desde o final do século XX, as pesquisas sociolinguísticas vêm ganhando força no que tange as características de fala que possam ser indexadoras de sexualidade, principalmente as que são indexadoras da fala de homens gays. Essas pesquisas parecem proliferar a partir do momento em que os direitos do público LGBTQ+ começam a ser postos em prática, consoante ao momento em que a homossexualidade deixa de ser considerada como uma doença perante a Organização Mundial de Saúde (OMS) na década de 1990. Este capítulo apresenta um conjunto de trabalhos que permitem traçar a trajetória dos estudos sobre indexação da fala de homens homossexuais com base em características acústicas e prosódicas.

2.1 Diferentes Abordagens sobre os Estudos de Linguagem e Sexualidade

Partindo de uma perspectiva cronológica, observa-se que os estudos concernentes à descrição e análise entre linguagem e sexualidade não são tão antigos e tampouco tão numerosos. O antropólogo e linguista Don Kulick compôs um texto com o intuito de situar o estado da arte denominado *Gay and lesbian language* (2000), que nos mostra que os estudos que combinam a identificação de certas características linguísticas a determinada sexualidade de um grupo de falantes ainda não eram tão difundidos no século XX. O século XXI tem sido bastante produtivo no que diz respeito a estudos que descrevem a fala de pessoas de diferentes orientações sexuais a partir de aspectos fonéticos, fonológicos ou prosódicos.

Datadas da década de 1940, as pesquisas sobre o falar de homens gays e mulheres lésbicas foram sobre compilações de dicionários ou de etimologia de palavras únicas presentes na fala do grupo mencionado, estudadas por disciplinas como a Antropologia e a Filologia (LEAP, 1995). O ideal proposto nesses trabalhos era desvendar os significados por trás dos códigos utilizados por esses grupos minoritários a partir de determinado vocabulário. Embora existissem estudos envolvendo linguagem e gênero, poucos haviam levado em consideração questões de sexualidade, ou orientação sexual, como critérios teórico-metodológicos para análise, e muito menos pressupondo gênero como uma categoria complexa, mas sim ligada ao sexo dos falantes sujeitos da pesquisa.

O responsável pelo primeiro glossário de palavras utilizadas por homossexuais em língua inglesa foi Gershon Legman (1941). O léxico continha 329 termos – destes, somente 139 eram identificados por serem utilizados exclusivamente por homens gays. É interessante destacar que alguns termos sobrevivem até os dias de hoje, assim como ganharam maior popularidade (como a palavra *drag*⁶). Segundo o autor, além do uso de palavras específicas, os homens gays costumam trocar os pronomes masculinos pelos femininos quando se referem uns aos outros e, as mulheres lésbicas não possuem um vocabulário específico muito extenso, em comparação aos homens gays.

Outros trabalhos que seguiram uma linha de análise parecida foram os de Cory (1951); Sonenschein (1969); Stanley (1970); Farrell (1972); Penelope e Wolfe (1979), mostrando que o foco em analisar um vocabulário específico para determinado grupo homossexual perdurou por aproximadamente quatro décadas. Mesmo focando em especificidades provenientes de um suposto falar gay, alguns desses autores, mais especificamente, Penelope e Wolfe (1979), afirmaram não haver base empírica para a existência de um grupo homossexual específico definido pela linguagem, de forma que as discussões que envolvem os conceitos de comunidade gay, gíria gay ou fala gay podem parecer inconsistentes devido ao fato de que não há uma comunidade homogênea composta por lésbicas e gays, compartilhando uma cultura, valores, percepções, experiências e uma linguagem em comum.

A criação desses vocabulários específicos por um determinado grupo minoritário de orientação sexual diferente da heterossexual é constituída como forma de posicionamento e marcação de uma identidade própria, em oposição à repressão e repúdio que o grupo LGBT+ sofria desde então, o que Sonenschein (1969) explicaria como uma tentativa de reforçar a harmonia do grupo, refletindo seus interesses, problemas e necessidade em comum.

Segundo Kulick (2000), os trabalhos que se seguiram a partir da década de 1980 buscavam um nome para chamar os códigos linguísticos utilizados pelos grupos LGBT+, sendo eles

Gayspeak (HAYES, 1981b; COX & FAY, 1994), lgb talk (ZWICKY, 1997), Gay male language, gay and lesbian language, gay male speech (BARRETT, 1997), lesbian speech (MOONWOMON-BAIRD, 1997), Gay speech

⁶ Há várias acepções para a palavra Drag. As mais interessantes são: a palavra pode ser considerada um acrônimo para Dressed Resembling A Girl (vestido semelhante a uma menina) e a exacerbação do lado feminino em que homens se vestem como mulheres, usando maquiagens exageradas, saltos altos e um linguajar próprio. Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Drag_queen

(ZEVE, 1993), lesbian language (QUEEN, 1997), lavender language (LECK, 1995; LEAP, 1995), gay English (GOODWIN, 1991), Gay English (LEAP, 1996, 1997), queerspeak (LIVIA & HALL, 1997a) and Faglish (RODGERS, 1972). (KULICK, 2000, p.258)

Mesmo sendo limitadas a uma descrição vocabular, as primeiras pesquisas sobre a descrição da língua(gem) de pessoas homossexuais significaram um avanço na consolidação de assuntos pertinentes ao grupo LGBTQ+, fazendo parte de um movimento pela liberdade de expressão dos gays. A partir dessas pesquisas, Kulick (2000) percebeu que qualquer discussão referente a afirmações à fala de gays e lésbicas deveria seguir três passos: 1) documentar de forma empírica; 2) definir quais formas de utilizar a linguagem sejam especificamente gays e lésbicas; 3) delimitar a quem os conceitos gay e lésbica se referem.

Desta forma, num segundo momento, as pesquisas tiveram como objeto de estudo o discurso de gays e lésbicas (HAYES, 1976), a etnografia presente nos aspectos definidores dos lugares sociais de gays e lésbicas (PONTE, 1974), o significado de fenômenos paralinguísticos, como a postura corporal e o olhar (WEBBINK, 1981), e estudos sobre a alternância de códigos entre gays (LUMBY, 1976).

Apesar de toda essa gama de trabalhos envolvendo a linguagem e a orientação sexual/sexualidade de falantes, a maioria dos trabalhos eram provenientes do campo da retórica (CHESEBRO, 1981; RINGER, 1994). É somente em 1995 que William Leap reúne artigos com o intuito de organizar um livro chamado *Beyond the Lavender Lexicon* que visa o estudo de linguagem e sexualidade no campo da Linguística.

Os estudos que se seguem, a partir do final da década de 1990, mostram uma visão de que o julgamento sobre a sexualidade de uma pessoa a partir de como sua fala é percebida, é algo bastante comum na sociedade. O ouvinte familiarizado a certas peculiaridades acústicas é passível de identificar um falante por sua fala mesmo desconsiderando suas funções semânticas e sintáticas (cf. MUNSON *et al.*, 2006). Sinais da fala podem ainda carregar mensagens sobre grupos sociais dos quais os indivíduos participam, e podem ainda oferecer sinais sobre a orientação sexual dos falantes.

Segundo Lakoff (1987), se um indivíduo do sexo masculino fizer uso de características que são geralmente atribuídas à fala de mulheres, este falante pode ser percebido como um homem gay. De acordo com o autor, um exemplo desse fenômeno estaria no fato de que as

mulheres possuem maior variabilidade de contorno entoacional – uma propriedade prosódica, sendo tal característica um dos atributos da fala feminina na maioria das línguas.

Discussões relacionadas a pesquisas de percepção da fala e sexualidade podem apresentar ideias imprecisas de que pessoas que se autodeclarem como gay, certamente, falam do mesmo modo, apresentando todos, sem exceção, as mesmas características de produção da voz. Segundo Kulick (2000), é preciso provar que as características acústicas da fala de uma pessoa homossexual, por exemplo, estejam também presentes nas vozes de todas as outras pessoas que se declaram da mesma orientação.

Há pessoas que simplesmente equiparam a forma como determinados homens gays falam às características presentes na fala de mulheres. Na cultura popular, em programas de comédia, charges, memes da internet, geralmente retrata-se a fala de gays com uma voz de características femininas muito marcadas e evidentes. Nesses meios, a fala gay é introduzida de forma caricata, apresentando características como alongamentos e fala reproduzida com alta frequência fundamental, entre outras características que fazem referência à voz de mulheres.

No entanto, a ideia do que caracteriza a fala gay tem sido debatida em diferentes pesquisas ultimamente. Pesquisadores têm considerado certas características linguísticas específicas que sugerem uma forma gay de falar; que em língua inglesa tem sido referido como *gay accent*, o que poderia ser compreendido como sotaque gay. Nos trabalhos de Gaudio, (1994) Linville, (1998) e Rogers, Smyth e Jacobs, (2003), a suposta fala gay, referida como *gay accent*, apresenta peculiaridades linguísticas que podem ser percebidas nos níveis lexical (como no caso do *Gayspeak* e o *Faglish*) e fonético, como a duração de vogais (PIERREHUMBERT *et al.*, 2004), a presença de soltura de oclusivas em finais de palavras (PODESVA, 2004), tipo de fonação (PODESVA, 2007), a qualidade espectral de /s/ (MUNSON, 2007; ZIMMAN, 2013; CAMPBELL-KIBLER, 2011; MACK e MUNSON, 2012), a variação de *pitch* (GAUDIO, 1994; LEVON, 2007), e a duração de /s/ (SMYTH, JACOBS e ROGERS 2003; LINVILLE, 1998; LEVON, 2007; BOUAVICHITH, 2017).

2.2 Os estudos sobre Sexualidade pelo viés da Teoria da Indexação Social – Falantes de língua inglesa⁷

As pesquisas sociolinguísticas, que envolvem os estudos de produção e/ou os estudos de percepção de determinada variável linguística, costumam tratar da noção de indexação enquanto buscam construir o significado social da variação. A teoria por trás do conceito de indexação social foi proposta por Ochs (1991) que propõe um modelo de análise da interação entre linguagem e identidade, em que traços linguísticos funcionam como índices de ideologias sociais. Partindo desse pressuposto, a relação entre variantes e identidades é direta, portanto, são raras as exceções em que as variantes linguísticas possam funcionar como índices de uma única e exclusiva identidade social. Mais do que isso, as variantes funcionam antes como índices de atitudes, posturas (posicionamentos), atividades, que, por sua vez, estão associadas a categorias sociais. Por exemplo, a redução de -ing para [in] no inglês pode ser considerada um índice de informalidade, porém a variável está certamente ligada a categorias mais abrangentes como Classe Social e Gênero, fatores esses que podem ser verificados através das diferentes personas que os falantes constroem nos diferentes lócus da ordem social (cf. OCHS, 1991). Outras relações de indexação entre variáveis e significados sociais serão mencionados mais adiante em trabalhos voltados para a fala de homens gays falantes de língua inglesa e algumas réplicas desses estudos com falantes brasileiros.

É importante frisar que não se deve rotular certas características linguísticas só porque gays ou lésbicas façam uso das mesmas – por não constituir um único código falado por toda uma comunidade. No entanto, os estudos linguísticos sobre orientação sexual em comunidades de fala de língua inglesa têm investigado a percepção e produção da fala a partir dos parâmetros de *pitch* (média e variabilidade), vogais (duração, média de F1 e F2) e a fricativa /s/ (duração e aspectos como frequência e pico espectral). As investigações buscam compreender se esses aspectos se inter-relacionam, e, em caso positivo, como se associam à questão da orientação sexual dos falantes, comparando-se, em geral, a fala de homens gays e heterossexuais.

⁷ Atualmente, podemos encontrar pesquisas com falantes de outras línguas que não a inglesa que faz relação entre a linguística e a orientação sexual do falante. Para fins de informação citamos os seguintes trabalhos: Maegaard & Phrao, 2016 – falantes dinamarqueses; Boyd, Fruehwald & Hall-Lew, 2021 – comparação entre falantes do inglês, francês e alemão; Geng & Gu, 2021 – falantes de mandarim. Todavia não nos aprofundamos na discussão dos mesmos por conta da diferença entre a variável estudada nesta pesquisa e a dos demais autores. Os autores citados nesta nota trabalham com o /s/ em posição de ataque na sílaba e não em coda silábica.

A pesquisa considerada a precursora desta temática, em que a percepção da orientação sexual de pessoas por meio da audição de voz é verificada, é a de Gaudio (1994). Gaudio desenvolveu uma metodologia e algumas técnicas, que posteriormente serviram de parâmetro e orientação para várias pesquisas subsequentes, como os estudos posteriores de Roger e Smyth (2003); Smyth, Jacobs e Rogers (2003); Munson *et al.* (2006); Munson *et al.* (2007); Levon (2007); e Tracy, Bainter e Santariano (2015).

O principal objetivo de Gaudio era investigar se a fala de homens gays se assemelhava em alguns aspectos à fala de mulheres. Tal propósito surgiu a partir da especulação oriunda de algumas discussões relativas à linguagem e gênero da época (MCCONNELL-GINET, 1983). Nessas pesquisas sugere-se que a entonação da voz de homens gays seria mais dinâmica, e mais semelhante à entonação feminina do que a de homens heterossexuais. Por esse motivo, o trabalho de Gaudio teve por foco a análise do *pitch* - característica da voz que representa para os ouvintes o correlato acústico responsável pela percepção da melodia e da altura da fala.

Gaudio (1994) examinou a precisão, ou grau de eficiência, de ouvintes ao identificarem falantes como sendo homo ou heterossexuais e comparou as propriedades de produção do *pitch* das vozes dos informantes. Antes da leitura dos textos para participação na pesquisa, falantes e ouvintes foram conscientizados acerca dos propósitos do estudo ao qual estavam sendo submetidos. Assim, a partir da gravação das vozes de quatro homens (autodeclarados gays) e outros quatro (que se afirmaram como heterossexuais), 13 estudantes, de diferentes cursos de graduação e diferentes sexos biológicos, participaram como ouvintes. Essas vozes – ou estímulos, através da técnica de *matched-guise*⁸ (LAMBERT *et al.*, 1960) – foram apresentadas aos ouvintes de maneira anônima e aleatória. Cada participante deveria atribuir valores determinados a partir de uma escala *Likert* que representassem o grau de orientação sexual de cada falante. Assim, em uma escala *Likert* de 8 pontos, os ouvintes teriam que atribuir valores às vozes ouvidas a partir destas características: (1) heterossexual, (2) reservado, (3) afeminado, (4) afetado, (5) gay, (6) masculino, (7) emotivo e (8) comum.

⁸ A técnica de *matched-guise*, traduzida como “estímulos pareados” por alguns pesquisadores brasileiros, consiste na manipulação da variável estudada para a elaboração de diferentes estímulos disfarçados. Esses estímulos são apresentados à avaliação de diferentes ouvintes seguindo a premissa de que “reações abertas fornecidas por ouvintes podem não refletir suas opiniões pessoais, a técnica busca a eliciação de atitudes subjetivas e encobertas a respeito de diferentes variedades ou línguas.” (OUSHIRO, 2015, p. 267).

Outra característica proposta pelo autor nesta pesquisa, a verificação do grau de eficiência dos ouvintes em determinar a orientação sexual dos falantes, obteve quase 100% de acerto. No entanto, a hipótese de Gaudio de que, após a verificação do *pitch*, os resultados obtidos apresentariam diferenças entre os falantes gays e heterossexuais, não se confirmou. Chega-se, portanto, a conclusão de que a média do *pitch* e sua variabilidade, por si só, não justificam a percepção da orientação sexual de homens gays e de homens heterossexuais. A única diferença, um pouco mais significativa, estaria relacionada à variabilidade do *pitch* da voz de homens gays, que foi de quase 10% superior à média dos homens heterossexuais. Entretanto, esse resultado não foi considerado pelo autor como sendo realmente significativo.

A medição da frequência fundamental (F0) - o correlato acústico do *pitch* - é um dos parâmetros mais frequentemente utilizados nos estudos da percepção e produção da fala e suas relações com a orientação sexual (GAUDIO 1994; LINVILLE 1998; ZIMMAN, 2010; TRACY, BAINTE e SANTARIANO, 2015).

Como base para essas pesquisas, utilizou-se a média da frequência fundamental (F0) de um homem que varia em torno de 100 a 120 Hz, e a de mulheres que se apresenta em torno de 200 a 220 Hz. Pesquisadores interessados na relação da fala e da orientação sexual, ao analisarem a média de F0 de homens gays e heterossexuais, não encontraram diferenças significativas, se comparadas às médias de homens e mulheres pré-determinadas. (GAUDIO, 1994; LINVILLE, 1998; MUNSON *et al.*, 2006; MUNSON, 2007 e ZIMMAN, 2010).

Dentre esses estudos, o único resultado que chamou um pouco mais a atenção foi a média de variabilidade de *pitch* um pouco superior (em torno de 7%) ao da média geral verificada em falantes gays obtida por Munson *et al.* (2006). Essa diferença, contudo, também não foi considerada pelos testes estatísticos como relevante.

Ainda envolvendo a questão da análise do *pitch*, Podesva (2007) teve por propósito analisar a fala de um médico norte americano de orientação sexual gay, chamado Heath, em três contextos discursivos diferentes: no trabalho, em um churrasco com seus amigos também gays e numa conversa com o pai. Trata-se de um estudo realizado sob uma perspectiva mais qualitativa, que contou tão somente com um indivíduo, como único participante. Analisando-se a média do *pitch*, pretendeu-se verificar a presença e frequência do uso do falsete, (compreendido na pesquisa de Podesva como registros vocais mais agudos que a voz natural do falante), em cada uma das três ocasiões discursivas. Os resultados indicaram que o falsete

foi bastante empregado na conversa com os amigos, porém esteve menos presente nas conversas com pacientes em sua clínica. Tal fato poderia sugerir que uma voz mais aguda, e o conseqüente *pitch* elevado, estaria indexando uma característica encontrada na fala de homens gays. Por outro lado, detectou-se uma menor frequência de falsetes em ambientes mais formais. O uso do falsete por Heath, em maior número no churrasco com seus amigos, traz à tona significados sociais voltados a uma persona gay diva que denota informalidade, expressividade, extravagância; quanto ao uso específico de falsete em determinados momentos de sua fala com pacientes, demonstra uma persona cuidadosa, competente, formal. Esses significados sociais foram verificados por Podesva baseando-se na função discursiva dos falsetes enunciados por Heath.

Até então, nenhuma das pesquisas mencionadas afirma que a média e a variabilidade de F0 contribuem por si só para a percepção da sexualidade de falantes através de suas vozes. Quanto aos resultados dos estudos de produção, não houve evidências significativas encontradas.

Além das análises relativas a *pitch*, características acústicas de vogais também têm sido objeto de estudos frequentes em pesquisas relacionadas à percepção e orientação sexual de homens gays e heterossexuais. Os principais aspectos analisados, com relação às vogais, têm sido a duração das vogais e médias de seus formantes (F1 e F2). Formantes são concentrações de energia dados por frequência em determinados locais do espectro sonoro. A escolha por somente os formantes F1 e F2 deu-se pois, embora uma infinidade de números de ressonâncias teoricamente descreva a configuração do trato vocal, F1 e F2 são os formantes determinantes das diferenças dos sons das vogais.

Na língua inglesa, assim como a média de F0, mulheres geralmente produzem vogais com uma frequência de formantes mais alta que os homens. Contudo, estudos sobre percepção e produção de fala e relações com orientação sexual não indicaram resultados relevantes concernentes à produção mais alta para os formantes pelos homens gays (LINVILLE, 1998; JACOBS *et al.*, 2000; ZIMMAN, 2010).

Dois trabalhos revelaram que as médias de produção dos formantes F1 e F2 dos homens gays foram consideravelmente mais elevadas que entre os heterossexuais: Pierrehumbert *et al.* (2004) e Munson *et al.* (2006). O primeiro investigou um grupo com 103 informantes (homens e mulheres) que se declararam de diferentes orientações sexuais. Entre

esses, 55 se declaram como sendo exclusivamente gays ou heterossexuais. Foram medidas as seguintes vogais: /i/, /e/, /æ/, /a/ e /u/ e as suas respectivas médias de F1 e F2. As médias de F1 e F2 encontradas entre falantes gays foram mais altas que as médias apresentadas por indivíduos de todas as orientações sexuais presentes no estudo.

No segundo estudo, foi examinada a percepção da fala e a produção de 44 indivíduos de diferentes sexos biológicos e orientações sexuais, sendo esses: homem heterossexual, homem gay, lésbicas, mulher bissexual, homem bissexual e mulher heterossexual. No tocante à comparação entre a produção de informantes homens exclusivamente gays e homens apenas de orientação heterossexual, o F1 das vogais /æ/, e /ε/ produzido por homens gays foram de médias significativamente mais altas. Os resultados obtidos através dos testes de percepção indicam que os juízes ouvintes perceberam as pessoas LGB (Lésbicas, Gays e Bissexuais) como LGB com maior frequência do que as perceberam como heterossexuais. Para as vozes das mulheres, essas classificações não foram afetadas pelo conteúdo fonético dos estímulos sobre os quais as classificações foram feitas. No entanto, para as vozes masculinas, as classificações foram afetadas principalmente pelas vogais que os estímulos continham: homens Gays/Bissexuais (G/B) foram classificados como mais G/B quando pronunciavam palavras que continham vogais frontais baixas do que quando pronunciavam as que continham vogais posteriores. Em suma, as análises de regressão preveem que os homens gays soam mais gays, conforme a percepção de suas falas, a partir de uma média de F1 mais alta para as vogais baixas – em que um [a] mais aberto soaria mais gay - e de F2 mais alto para as vogais posteriores /ou/ e /o/ - em que um [u] mais anterior soaria mais gay.

Na análise de vogais em estudos pertinentes à interseção linguagem x sexualidade, a questão da duração também tem sido vastamente utilizada, sendo suas medidas sempre apresentadas em milissegundos (ms). Smyth *et al.* (2003) verificam que os homens gays produziram vogais com duração maior que os homens heterossexuais. As vogais produzidas por falantes gays também foram mais longas em pesquisas posteriores (PIERREHUMBERT *et al.*, 2004; MUNSON *et al.*, 2006; RENDALL, VASEY, e McKENZIE, 2008; TRACY, BAINTE e SANTARIANO, 2015).

Para todas essas pesquisas, as vogais da língua inglesa /æ/, /ɑ/, /i/, /i:/, /ʌ/, /oʊ/, /u:/, /ə/ e /ε/ foram produzidas com maior duração na fala de homens gays. Coincidentemente ou não, em todas as pesquisas mencionadas, envolvendo a análise de vogais, os participantes ouvintes

tiveram sucesso ao identificar falantes gays quando realizavam os testes de percepção que continham estímulos com essas vogais. Desta forma, é plausível a afirmação de que vogais produzidas com uma duração maior podem estar relacionadas à percepção que os juízes ouvintes tiveram ao ouvirem os estímulos de fala dos homens gays.

Outro trabalho de Podesva (2011), a partir de uma perspectiva mais qualitativa, também desenvolvido com apenas um único informante do estado da Califórnia, nos Estados Unidos, observou a produção de algumas vogais de sua fala. Os resultados encontrados evidenciaram uma possível conexão entre as características sonoras da produção de vogais e como isso poderia identificar o informante com o estereótipo de um homem gay californiano. Ademais, o autor verificou que o indivíduo examinado, nos momentos em que conversava descontraidamente com outros amigos gays, fazia uso de certas características prosódicas um pouco mais salientes. Dentre essas, Podesva percebeu um aumento de F0, sons mais longos e uso de falsete na fala do informante ao produzir determinadas vogais. Na cultura popular da Califórnia, essas características prosódicas de fala são tipicamente estereótipos de fala de homossexuais. Esse comportamento é visto com maior frequência, sobretudo, quando o informante interage com seus amigos, do que nas ocasiões em que dialogava com estranhos ou em outras situações de formalidade. O autor sugere que esta estratégia de estilo⁹ de fala, utilizada para apresentar uma fala que o identificasse como gay, quando interagisse com seu grupo de amigos, também gays. Em situações nas quais se exige mais formalidade, o mesmo indivíduo não faz uso de características desse estilo, dado que está em ambientes onde sua orientação sexual não fosse necessária ou desejada. Assim, em certas ocasiões, o falante pode optar por determinadas características estereotipadas da fala para indexar identidades, incluindo sua identidade sexual.

Outro som bastante saliente e documentado em pesquisas referentes a questões de orientação sexual e linguagem é o da fricativa /s/. A fricativa coronal tem apresentado características acústicas relevantes e consistentes no que diz respeito a sua duração, resultando em percepções sobre orientação sexual. Sendo um dos primeiros pesquisadores a estudar esta variável (a duração de /s/), Crist (1997) verificou, na fala de três homens gays, que, em dois

⁹ Estilo de fala, nesse contexto, é o mesmo mencionado por Labov (1966) que diz respeito à atenção prestada à própria fala.

deles, a fricativa foi produzida com maior duração que as produzidas pelos homens heterossexuais que participaram da pesquisa.

De forma um pouco diferente, Linville (1998) aplicou um teste de percepção, composto por estímulos de fala produzidos por 5 homens autodeclarados gays e 4 heterossexuais, a ouvintes leigos. Os resultados obtidos indicaram que mais de 80% dos ouvintes acertaram a orientação sexual dos falantes, associando uma maior duração de /s/ como fator indexical na fala dos homens gays. Mais alguns pesquisadores (SMYTH, JACOBS e ROGERS, 2003; LEVON, 2006; 2007; ZIMMAN, 2010) replicaram testes parecidos e encontraram os mesmos tipos de resultado.

Um dos trabalhos mais recentes, e com uma metodologia um pouco diferente, é o de Bouavichith (2019). A autora verifica como funciona a percepção de ouvintes, em um estudo utilizando rastreamento ocular (*eye-tracking*), quanto à produção de /s/ mais longo como um correlato acústico indexador de fala de homens gays. A partir da hipótese de que os ouvintes ajustam suas expectativas quando informações sociais acerca do falante são apresentadas (esse efeito tem sido demonstrado utilizando pistas acústicas que indexam o falante socialmente), Bouavichith testa 32 participantes ouvintes através de um teste de percepção atrelado ao uso de um rastreador ocular. O objetivo é verificar como a informação sobre a identidade social do falante (apresentada como o *priming* social) afeta o tempo de ativação lexical dos ouvintes e como a experiência do ouvinte - quanto à familiaridade com correlatos acústicos presentes na fala de homens gays - media este processo.

Na configuração do teste de percepção, a autora selecionou dez pares mínimos monossilábicos, produzidos por um homem heterossexual falante de inglês americano, em três grupos de palavras com /s/ em diferentes posições: (i) /s/ final, (ii) /s + oclusiva final/, e (iii) oclusiva final (por exemplo, *bass*, *bask*, *back*). Conforme a literatura sobre os estudos de língua inglesa, a autora afirma que /s/ em coda final, assim como todos os segmentos pronunciados em coda final, é mais alongado (produzido com maior duração), portanto, não serão percebidos como mais marcados socialmente em relação às outras posições de /s/ nos estímulos propostos. Os resultados sobre os estímulos com /s/ final não foram significativos, diferente do que foi observado para as palavras com /s + oclusiva final/, especificamente para aqueles ouvintes que têm experiência com a fala gay. Para a autora, a explicação que se dá, a partir de uma perspectiva utilizando os modelos de exemplares como hipótese de

representação, é a de que os enunciados são armazenados e codificados com certas informações sociais. Nesse modelo, a ativação dos exemplares codificados é fortalecida quando as declarações percebidas correspondem às expectativas dos ouvintes de como a identidade social é representada no sinal de fala. Portanto, um ouvinte que tem mais experiência com qualquer variedade sociolinguística - neste caso, a fala gay - terá uma ativação mais forte. Com o aumento de exemplares, ouvintes podem formar expectativas com esses aspectos sócio perceptivos e, neste caso, atrasar suas decisões linguísticas, o que fora verificado com o rastreamento ocular.

2.3 Os estudos sobre Sexualidade e Fala – Falantes de língua portuguesa

Com falantes de língua portuguesa, poucos ainda são os estudos que fazem essa interseção entre fala e orientação sexual. Assim como os estudos de língua inglesa, existem trabalhos mapeando e descrevendo aspectos concernentes a glossários/dicionários de palavras utilizadas por pessoas LGBT+: ASTRAL: Associação de Travestis e Liberados (1993) – sobre o Dicionário das bonecas; Pereira (1995) – sobre o Guia Brasileiro de Gays e Lésbicas; Santos Jr. (1996) – sobre o Bichonário; VIP e LIB (2006) – sobre a Aurélia: a dicionária da língua afiada, entre outros.

Outras pesquisas, no entanto, buscaram analisar a fala de pessoas LGBT+ além de lexicografia como proposto nos trabalhos supracitados. Um dos primeiros trabalhos a nos fornecer informações acerca de características prosódicas, chamadas pelo autor como marcas prosódicas do estilo afeminado na fala de homens gays brasileiros, foi o de Moraes (1997). Em suma, esse trabalho aponta que, numa fala afeminada, observa-se uma elevação de F0 em sílabas pretônicas; compressão temporal de sílabas átonas e extensão das tônicas finais.

Após um hiato de mais de uma década em comparação ao trabalho de Moraes, Mendes (2012) entrevistou em torno de 100 paulistanos a quem perguntava logo de início ‘o que chama a sua atenção, quando você ouve um homem falando, que te leva a pensar que ele seja gay?’. Em seguida, apresentou aos informantes cinco leituras de um mesmo trecho feitas por cinco homens diferentes e pediu que os entrevistados dessem nota a partir de uma escala de cinco pontos, sendo a nota 1 para a leitura que soasse menos gay e a nota 5 para a leitura que soasse mais gay. Após essa tarefa, os participantes deveriam justificar o porquê de atribuírem tal nota àquela leitura. Na reunião das respostas, o autor identificou que os ouvintes

atribuíram o uso de diminutivos em demasia a fala de homens gays assim como as mulheres o fizeram. A partir desta resposta, Mendes se propõe a analisar, a partir de novas entrevistas, a frequência de uso dos diminutivos na fala de indivíduos de diferentes orientações sexuais. Como resultado final, o autor percebe uma forte correlação entre categorias de sexo/gênero, considerando que alguns homens heterossexuais e algumas mulheres lésbicas possam evitar certos diminutivos com o intuito de indexar masculinidade.

Posteriormente, a partir de um comentário metalinguístico que um dos participantes de sua pesquisa de 2017 fez de que gay fala certinho (para justificar o uso de concordância de número), Mendes (2018) analisa o efeito das variantes de Concordância Nominal (as meninas (CNp) e as menina (CNØ)) na percepção de como soam quatro rapazes paulistanos, tendo como objetivo principal verificar se esses quatro rapazes soam menos masculinos (ou mais efeminados) diante de CNp e mais masculinos (ou pouco ou nada efeminados), diante de CNØ. A partir da técnica de *matched-guise*, foram criados quatro grupos de estímulos. Cada grupo foi apresentado a 25 pessoas diferentes, totalizando 100 participantes na pesquisa.

Após a escuta de seu grupo de estímulos, os participantes deveriam responder a um formulário de percepção (Figura 2.1), que tem como principal objetivo responder a escala de efeminidade (na fala masculina) e a indexação de outros elementos perceptuais.

Figura 2.1 Formulário de Percepção

Esse cara parece...

nada escolarizado	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	muito escolarizado
nada amigável	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	muito amigável
nada efeminado	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	muito efeminado
nada formal	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	muito formal
nada inteligente	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	muito inteligente
ser de classe baixa	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	ser de classe alta

Você acha que ele é... (assinale todas que achar pertinente)

<input type="radio"/> Tímido	<input type="radio"/> Trabalhador	<input type="radio"/> Mimado
<input type="radio"/> Descolado	<input type="radio"/> Desonesto	<input type="radio"/> Conservador
<input type="radio"/> Religioso	<input type="radio"/> Solidário	<input type="radio"/> Caipira
<input type="radio"/> Ligado à família	<input type="radio"/> Preguiçoso	<input type="radio"/> Nerd
<input type="radio"/> Articulado	<input type="radio"/> Mal-educado	<input type="radio"/> Sofisticado
<input type="radio"/> Irritante	<input type="radio"/> Engraçado	<input type="radio"/> Independente
<input type="radio"/> Metido	<input type="radio"/> Desencanado	<input type="radio"/> Mauricinho
<input type="radio"/> Seguro de si	<input type="radio"/> Sincero	
<input type="radio"/> Simples	<input type="radio"/> Gay	<input type="radio"/> outros

Fonte: Mendes, 2018

Conforme os resultados obtidos, o autor salienta que, a partir do ponto de vista da escala de efeminidade, todos os quatro rapazes foram percebidos como homens que soam

mais efeminados diante de CNp e menos efeminados diante do CNØ. Além disso, a característica gay foi assinalada menos vezes diante de CNØ e mais vezes diante de CNp, tanto por participantes do sexo feminino quanto masculino. Segundo Mendes (2018), é importante ressaltar que a variável (CN) é considerada um estereótipo de escolaridade e classe social, e pensando no fato de que os homens que participaram do experimento foram mais rigorosos na percepção dos quatro rapazes – tanto no que concerne à escala de efeminidade, quanto no que diz respeito ao padrão de assinalamento da característica gay –, os resultados desse experimento podem ser interpretados como indicativo de que CNØ pode funcionar como um recurso na construção de personae masculinas estereotipadas.

Essa conclusão nos mostra o que muitos trabalhos anteriores, tanto em língua inglesa como em língua portuguesa, têm verificado: precisa-se de mais indícios para relacionar uma característica como indexadora de uma fala gay ou uma fala efeminada.

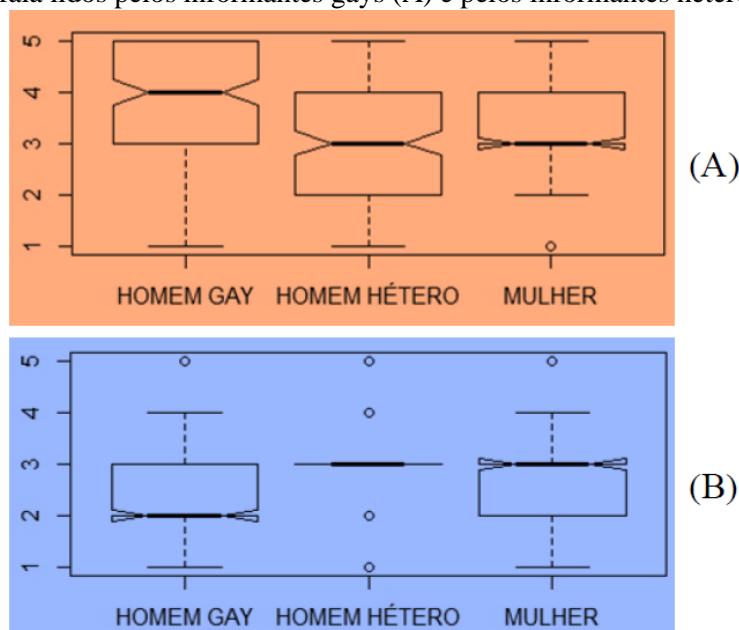
Um trabalho com uma temática parecida com o de Mendes (2012) foi o de Felix (2016). Segundo o autor, o uso do superlativo sintético (ex. agradabilíssimo, bonitíssimo) no português brasileiro poderia estar associado à fala de homens gays, configurando uma característica real ou indexadora de um falar gay. Com o objetivo de verificar se a ocorrência de adjetivos superlativos sintéticos se dá com maior número na fala de homens gays do que na fala de homens heterossexuais, o autor analisou dados coletados de amostras de fala de 24 informantes gays da cidade de Ribeirão Preto. Como resultado, foi verificado que o uso dos adjetivos por gays não se dá com tanta frequência como o estereótipo prevê. Contudo, quando comparados aos dados do grupo controle (com falantes heterossexuais), nota-se uma diferença sutil no uso desses superlativos. A partir dessa comparação, o autor destaca uma possibilidade de afirmar que essa pode ser uma característica marcante na fala de homossexuais masculinos.

Até o momento, o único trabalho de língua portuguesa mais abrangente acerca da fala gay é o de Barbuio (2016). O autor constituiu dois grupos, reunindo 14 informantes da cidade de Recife-PE. No primeiro grupo, foram investigados 7 indivíduos, que se autodeclararam gays; no segundo, os outros 7, autodeclarados heterossexuais. Para melhor compreender as características fonéticas, o registro em áudio da voz desses homens foi submetido a testes de percepção e, posteriormente, julgado por ouvintes juízes leigos. Esses juízes foram alocados em três grupos: um grupo formado por 25 homens gays; um grupo formado por 25 homens heterossexuais; e outro formado exclusivamente por 25 mulheres, cujas orientações sexuais

não eram conhecidas. Outro objetivo foi verificar o grau de eficiência de cada um desses três diferentes grupos de juízes avaliadores, para identificar a orientação sexual dos 14 informantes, subdivididos nos dois grupos. Os estudos de língua inglesa acerca da percepção sociolinguística de características acústicas indexadoras de sexualidade mostraram que é possível a identificação da orientação sexual de falantes por meio dos testes de percepção de voz, portanto, Barbuio se apoia na hipótese de que haveria melhor proficiência de julgamento quando cada conjunto de juízes avaliasse a fala do grupo de informantes que tivessem a mesma orientação sexual que a sua.

Barbuio considerou no seu experimento de percepção trechos de fala de até 35 segundos para análise das características de *pitch* e palavras, também retiradas desse trecho de fala, para as análises concernentes às vogais e à coda (s). Os 75 juízes totais ouviram cada um dos trechos e avaliaram a fala do indivíduo do experimento quanto a sua orientação sexual a partir de uma escala com 5 pontos (1- com certeza heterossexual; 2- parece heterossexual; 3- não sei identificar; 4- parece gay e 5- com certeza é gay). Os resultados obtidos se encontram dispostos na Figura 2.2.

Figura 2.2 Distribuição e dispersão das respostas com relação às respostas dos juízes para os trechos de fala lidos pelos informantes gays (A) e pelos informantes heterossexuais (B)



Fonte: Barbuio, 2016

Observando os *boxplots* da figura acima, percebemos que a maioria das respostas atribuídas pelos juízes gays quando estes ouviram as vozes de participantes gays se

concentrou entre 3 e 5, e a média seria 3,94. Os homens heterossexuais, em contrapartida, não perceberam tão apuradamente essas vozes como vozes de homens gays, atribuindo com maior frequência a resposta 3 – média de 3,16 – que nos leva a acreditar que houve incerteza durante a avaliação das vozes ouvidas. Quanto à avaliação dos trechos lidos por homens heterossexuais (*boxplots* B), verificamos novamente uma maior acurácia nas respostas atribuídas pelos homens gays – com média 2,29 – do que as atribuídas pelos homens heterossexuais – média de 2,97. Novamente podemos considerar que o grupo de juízes masculinos heterossexuais não apresentou uma percepção tão apurada quanto a dos homens gays. Ou seja, os homens gays, no geral, demonstraram uma percepção mais apurada em relação às duas orientações sexuais estudadas do que os homens heterossexuais. Ainda nesta análise, o autor considerou a percepção dos mesmos trechos de fala por mulheres heterossexuais. Ainda que não tão evidente como a percepção mais acurada dos juízes homossexuais, as mulheres apresentaram uma melhor percepção das orientações sexuais dos falantes do que os homens heterossexuais – média de 3,45 para os falantes gays e 2,45 para os falantes heterossexuais.

Conforme Barbuio (2016), as durações da coda (s), as durações das vogais, a variabilidade de pitch (característica de montanha russa) e a produção da vogal central mais baixa e a vogal posterior mais centralizada – com médias de F1 e F2 mais altas – foram fundamentais para a percepção dos juízes com relação a orientação sexual dos participantes.

Em seus resultados, Barbuio encontrou diferenças significativas na duração das sete vogais orais tônicas, /a/, /ɛ/, /e/, /i/, /ɔ/, /o/, /u/ produzidas pelos informantes gays, principalmente nas vogais médias anteriores /e/ e /ɛ/ e na baixa central /a/. Diferenças também foram encontradas na fricativa /s/ quando em posição de coda final, sendo as produções do grupo de homens gays superiores em duração à dos heterossexuais.

Com relação aos formantes, as médias de produção de F1 e F2 dos homens gays foram consideravelmente mais altas que as dos heterossexuais em todas as vogais, especialmente com relação aos valores de /i/, /ɛ/, /e/ e /a/. Portanto, entre os falantes gays, houve maior abertura da mandíbula e anteriorização da língua na produção das vogais. Médias consideravelmente maiores de variabilidade do *pitch* dos informantes gays também foram verificadas por Barbuio. O autor encontrou uma média de 139.590 Hz para os homens gays e 124.195 Hz para os heterossexuais:

A média do pitch do grupo de gays foi de cerca de 11% maior que a média do grupo de heterossexuais. Essa diferença não se distancia muito das médias encontradas em outros estudos, em que médias de pitch de grupos de homens gays e heterossexuais foram comparadas. Gaudio (1994) observou uma diferença de 10% a mais, na média dos informantes gays. Na pesquisa de Munson *et al.* (2006), também os gays apresentaram uma média de pitch 7% maior do que os heterossexuais. Os dois pesquisadores consideraram que essas médias não representam uma diferença relevante, e que teriam pouca influência no processo de percepção da orientação sexual dos informantes de suas pesquisas. (BARBUIO, 2016, p.97)

Um dos trabalhos mais inovadores talvez seja o de Oliveira (2017) sobre a variação articulatória em Libras (Língua brasileira de sinais) e a orientação sexual do surdo. Este trabalho teve como propósitos a criação de um *corpus* linguístico com registro de sinalização de surdos gays e heterossexuais e a análise da percepção linguística de surdos e ouvintes fluentes em Libras sobre estímulos linguísticos. O autor definiu os seguintes objetivos específicos pertinentes ao estudo de percepção: a) verificar como a característica de feminilidade é identificada no *corpus*; b) refletir se existe diferença na avaliação de feminilidade entre homens gays e homens heterossexuais; c) verificar se a orientação sexual gay do surdo é percebida a partir do estímulo produzido pelo sistema de captura de movimentos; d) observar a existência de diferença de percepção entre surdos e ouvintes fluentes em Libras sobre a sinalização de surdos gays e heterossexuais e, por fim, e) examinar a possível correlação entre a percepção de aspectos fonético-fonológicos da Libras e a percepção de características sociais da sinalização das amostras de surdos gays e heterossexuais.

Os resultados obtidos por Oliveira (2017) mostraram que a pergunta do questionário de percepção sobre feminilidade foi respondida em todos os níveis (de 1 a 4) da escala de resposta, ao menos uma vez para todos os sujeitos avaliados, ou seja, a todos os sujeitos foi atribuída a característica de feminilidade pelo menos por um participante avaliador. Além disso, os dados mostraram que os sujeitos gays foram percebidos como mais femininos do que os heterossexuais, e a diferença na percepção foi estatisticamente significativa. Quanto à percepção do estímulo, a opção de resposta gay foi assinalada por apenas 8 dos 32 participantes do teste de percepção, sendo 5 para sujeitos gays e 3 para sujeitos

heterossexuais. Estes dados mostraram que não se trata de uma diferença significativa para esta variável. Por último, sobre a discrepância de percepção entre surdos e ouvintes fluentes em Libras, os dados mostraram que não há diferença estatisticamente significativa entre as avaliações de feminilidade e da orientação sexual (gay) desses participantes.

O trabalho de Santana (2018) *Variação de gênero gramatical¹⁰ como indexador de identidade gay* teve por objetivos: a) verificar a existência da variável gênero em predicação na linguagem gay; b) identificar contextos linguísticos e/ou extralinguísticos que atuam no uso de cada forma variante; c) analisar se há significado(s) estilístico(s) associado(s) à variável linguística em questão e d) discutir a relação entre a variável gênero gramatical em predicação e a identidade gay. Quanto à metodologia, a pesquisa envolveu o preenchimento de uma ficha social dos informantes, entrevistas sociolinguísticas e testes de atitude. A amostra contou com doze entrevistas com homens autoidentificados como homossexuais (seis deles com idade entre 18 e 30 anos e seis com idade acima de 35 anos), sendo seis deles parte do ciclo de amigos do entrevistador e os outros seis desconhecidos dele, residentes no estado de Santa Catarina ou no Rio Grande do Sul.

Em síntese, os resultados da pesquisa apontaram que as três variáveis independentes externas possuem ligação direta com o fenômeno analisado, sendo elas: (i) a faixa etária dos sujeitos, já que a variação de gênero gramatical se caracteriza apenas nos indivíduos mais jovens; (ii) o grau de formalidade da situação interativa, visto que a marcação de gênero feminino é usada em situações de informalidade; e (iii) o grau de proximidade entre interlocutores, sendo que a variação de gênero gramatical somente ocorre na interação entre indivíduos do mesmo ciclo de amigos. Segundo o autor, a partir dos dados analisados, o uso do gênero gramatical feminino em predicação representa, aliado ao uso de outros signos sociais e linguísticos, a projeção da *persona* gay dos indivíduos, ou seja, uma das diferentes personalidades que compõem a sua identidade.

O estudo de Ribeiro (2020) analisa, a partir de quatro entrevistas realizadas em duplas com um total de oito sujeitos – 4 mulheres autodeclaradas lésbicas e 4 homens autodeclarados gays, a fala desses grupos como um possível marcador de identidade. Os sujeitos da pesquisa foram selecionados de acordo com os seguintes critérios: ser natural do Rio Grande do Sul,

¹⁰ Considera-se nesta pesquisa como variação do gênero gramatical o uso de frases como: Eu estou cansadA para homens cis homossexuais em vez de Eu estou cansadO.

com faixa etária entre 20 e 40 anos e nível de escolaridade entre superior incompleto e completo. Os dados dessas entrevistas foram levantados seguindo-se critérios específicos que visavam a interação, a intimidade e a informalidade. Foi observado que os sujeitos da pesquisa possuem a percepção de que não há apenas uma identidade relacionada a gays e lésbicas; a maioria das duplas mencionou sentir-se confortável em demonstrar sua(s) identidade(s) perto de outras pessoas LGBTQ+, ou com quem tenha mais intimidade, ou ainda em lugares conhecidos e LGBTQ+ *friendly*. No geral, todos eles consideraram que a fala pode funcionar como um marcador de estilo e identidade LGBTQ+ e, também, concordaram com a existência de usos linguísticos característicos de gays e de lésbicas.

Mais recentemente, Sene (2022) realizou um estudo que trata do efeito de duas variáveis linguísticas, a duração de /s/ em coda final e o pitch médio, na percepção de quão masculino soa um determinado homem. A partir de experimentos com base na técnica de *matched-guise* (LAMBERT *et al.*, 1960), o autor buscou “compreender de que modo a alteração do pitch médio (de original – F0 mais baixo, para voz mais aguda – F0 mais alto) e da duração de /s/ (de original para mais longo) afetam a percepção de vozes masculinas, em termos de gênero e sexualidade” (SENE, 2022, p.7). Para a execução do experimento, o autor selecionou quatro falantes (Carlos, Robson, Jaime e Lucas) do corpus SP2010 (MENDES, 2013). Esses falantes foram escolhidos a partir da opinião dos documentadores que participaram da construção do corpus (cf. MENDES, 2018) que, em suma, classificaram Carlos e Robson como falantes que soam prototipicamente masculinos, enquanto Jaime e Lucas soariam afeminados. É importante destacar que o objetivo do estudo de Sene não é, tal como o de Mendes (op.cit.), “examinar se os falantes são capazes de acertar a orientação sexual dos quatro rapazes; em vez disso, interessa avaliar, particularmente, se as percepções de gênero e sexualidade podem ser afetadas a partir da manipulação da duração de /s/” (SENE, 2022, p. 89).

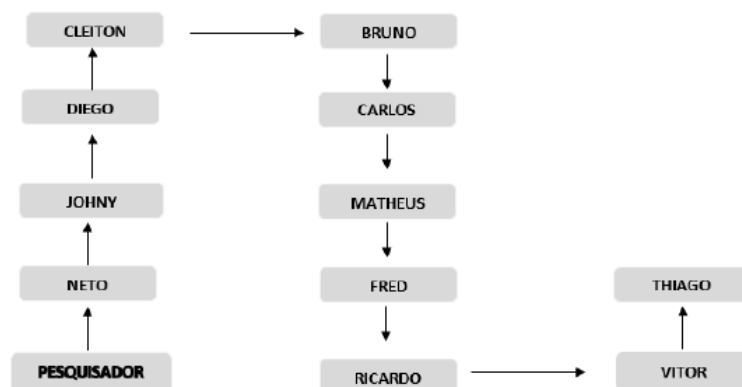
Na composição dos estímulos para o estudo de percepção, foram priorizados trechos naturais de fala - e não leitura de listas de palavras, por exemplo – em que houvessem pelo menos dois tokens de /s/ em posição de coda final que não fossem seguidos de vogal. Após a seleção dos trechos, foram criadas duas versões de cada token: primeiro, uma versão em que os tokens de /s/ permaneceram originais, com duração entre 0.07 a 0.13 milissegundos (ms) e, segundo, uma versão em que a duração dos token de /s/ foi aumentado para 0.27 a 0.32 ms. Em relação à duração dos estímulos originais coletados dos dois grupos de falantes,

percebidos pelos documentadores como prototipicamente masculinos ou prototipicamente afeminados, observa-se que os intervalos de duração da coda (s) nos dados originais não evidenciam uma diferença de duração entre os dois grupos, de maneira que a percepção dos documentadores sobre como os falantes soam pode não estar relacionada diretamente à duração da coda (s).

Após o tratamento digital dos token, os estímulos foram organizados em duas condições experimentais diferentes, chamadas de C1 e C2. Participaram do experimento 122 ouvintes, 62 para a condição C1 e 60 para a C2. Desses 122 ouvintes, 56 são homens e 66 são mulheres com variação etária entre 20 e 55 anos. Na análise dos resultados, para a duração do /s/ em posição de coda final, os resultados gerais mostram que “a coda final tem efeito na percepção de quão masculino e quão gays soam os falantes que foram recrutados para participar da pesquisa” (SENE, 2022, p. 7). Isso quer dizer que quando os participantes foram ouvidos em seu disfarce em que a duração de /s/ foi alongada digitalmente, esses sujeitos foram percebidos como homens que soam mais gays e, por consequência, menos masculinos.

Para as análises do pitch médio, num momento denominado passos pré-experimento, Sene (2022), a partir do método chamado entrevista sociolinguística, gravou a fala de 12 vozes masculinas. Segundo o autor, essas 12 vozes “foram selecionadas a partir da técnica não probabilística conhecida como amostra por bola de neve” (SENE, 2022, p. 122). A técnica consiste em cada um dos indivíduos participantes das entrevistas recomendar outro, de forma que a amostra cresça num sentido linear, conforme figura a seguir.

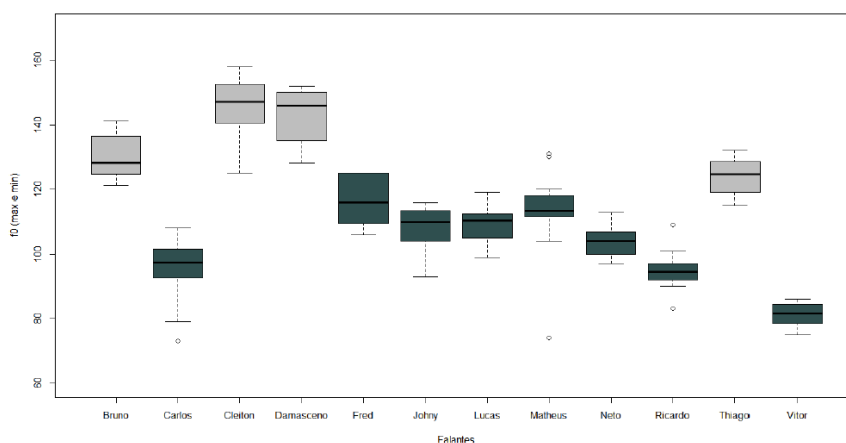
Figura 2.3 Diagrama da seleção dos informantes



Fonte: Sene (2022, p.122)

Em seguida à gravação, o autor mapeou os valores de F0 (correlato acústico do pitch) para conhecer a variância das 12 vozes. Levando em consideração que o valor médio da frequência fundamental (F0) de homens varia entre 100-120 Hz (cf. KENT e READ, 2015), o pesquisador optou pela seleção dos falantes cujos valores médios de F0 fossem inferiores a 120Hz, excluindo, portanto as quatro vozes masculinas mais agudas. Esses falantes que foram excluídos têm seus *boxplots* dispostos na cor cinza claro no gráfico abaixo.

Figura 2.4 *Boxplot* com os valores da F0 por falante



Fonte: Sene (2022, p.124)

Segundo o autor, é importante destacar que

como o objetivo deste experimento é examinar se a elevação do pitch médio tem efeito sobre a percepção de gênero e sexualidade, é plausível que os falantes selecionados já tenham medidas de F0 mais baixas, visto que a manipulação de um trecho de fala em que os homens tendem a ter valores médios mais altos pode resultar na preparação de um estímulo pouco ou nada natural. (SENE, 2022, p. 125)

Uma vez escolhidas as entrevistas, foram selecionados os trechos para compor os experimentos. Nesse experimento, o intento é examinar se a alteração do pitch médio de uma voz grave para uma voz aguda teria efeito sobre a percepção de sexualidade do falante. Uma diferença proposta no design experimental é que no experimento sobre a duração de /s/ em coda final foi utilizado o design *between-subject* e neste, o design *within-subject*. “Isso significa que, enquanto no design do experimento anterior o mesmo ouvinte não interagiu com as duas versões do estímulo, nesta versão, *within-subject*, o mesmo ouvinte interagirá com todos os áudios, ouvindo os falantes nos seus dois disfarces.” (SENE, 2022, p.129). Há

pelo duas vantagens específicas na seleção deste design para o experimento: maior robustez e a possibilidade de o ruído aleatório ser mais facilmente controlado, “já que independentemente se a pessoa que participar do experimento estiver estressada, feliz ou triste, ela interagirá com todas as variações de estímulos existentes dentro das condições experimentais elaboradas.” (SENE, 2022, p. 129).

Definidos esses critérios, foram manipulados digitalmente 8 trechos de fala, de forma que o valor de pitch fosse aumentado em +30Hz, totalizando 16 disfarces. Em seguida, o autor criou duas condições CE1 e CE2 em que a única diferença era a ordem apresentada dos estímulos. Participaram deste segundo experimento o total de 294 pessoas, 148 para a CE1 e 146 para a CE2. Das 294 pessoas, 179 foram do sexo feminino e 86 do sexo masculino. Apesar do autor não mencionar, acredita-se que os demais participantes não tenham respondido sobre sua sexualidade durante a participação na pesquisa. Os resultados para esta variável indicaram que “sete dos oito falantes recrutados para o experimento tiveram sua percepção alterada quando ouvidos em seu disfarce +30Hz, o que significa dizer que eles foram percebidos como homens que soam mais gays e menos masculinos.” (SENE, 2022, p.8).

Houve, por fim, um experimento em que ambas as variáveis foram combinadas, a duração de /s/ e o pitch médio, e os resultados, de forma geral, atestaram que quando combinada a duração de /s/ alongada digitalmente e o pitch médio +30Hz, a percepção de gênero e sexualidade foi potencializada. Em suma, é possível dizer que as variáveis representadas pelos estímulos digitalizados indexam significados sociais atribuídos à sexualidade dos falantes.

Como vimos, trabalhos concernentes à indexação social de sexualidade vêm sendo produzidos em âmbito nacional. Esse movimento de crescimento de trabalhos dentro desta temática, no âmbito dos estudos linguísticos, tem como consequência importante a reafirmação do lugar de fala de grupos minoritários. Trabalhar o significado social da sexualidade a partir de características que indexam determinadas sexualidades é um grande avanço para a Linguística, sobretudo para a Sociolinguística.

Conforme apresentado anteriormente, os trabalhos sobre orientação sexual de homens gays com o português brasileiro se baseiam na percepção de características fonéticas como a duração da coda, formantes e duração da vogais, variabilidade e média de pitch, concordância

nominal, sem que se conheça a produção espontânea dessas variáveis na fala espontânea desse grupo. há alguma referência à produção, como no caso da duração da coda e das vogais, por exemplo, no estudo de Barbuio (2016) , porém são dados de pouca quantidade e de produção controlada (leitura de frases). É a partir dessas lacunas que construímos uma amostra de fala espontânea para análises de produção da coda (s) na fala de homens gays cariocas. A metodologia utilizada para a construção dessa amostra encontra-se detalhada no capítulo a seguir.

3. Materiais e Métodos

Neste capítulo, serão apresentados os materiais que constituem as amostras de fala utilizadas para o levantamento dos dados de produção para análise da duração da coda (s), proposta na introdução deste estudo, como também os dados utilizados para a construção dos dois experimentos de percepção. Serão apresentados os dois experimentos, os participantes e as situações de aplicação. Além disso, serão discutidos os métodos utilizados para levantar e tratar os dados de forma qualitativa e quantitativa tanto na produção como na percepção do objeto de análise. Parte-se das seguintes hipóteses: 1) se há diferença de duração na produção da coda (s) nas falas de homens gays e de não gays, é devido à uma aproximação de característica com a fala das mulheres; 2) a duração maior da fricativa sibilante surda em coda silábica é indexadora da orientação sexual de homens gays e terá efeito na percepção desses falantes. Hipóteses relacionadas às variáveis de análise serão apresentadas nas seções que tratam dessas variáveis.

3.1 Dados de Produção

O objetivo proposto com este estudo de produção é investigar se a duração da fricativa sibilante em posição de coda silábica é característica marcante na fala de homens gays, isto é, se há diferença de duração da coda (s) em homens gays e não gays falantes do PB carioca. Para atingir este objetivo, os dados analisados são provenientes de duas amostras de fala: a amostra Identidades Cariocas – composta por 18 indivíduos do sexo masculino autodeclarados homossexuais – e a amostra Concordância¹¹ – composta por 8 indivíduos do sexo masculino¹² e 8 indivíduos do sexo feminino. As amostras de fala que formam os

¹¹ Para acesso à amostra Concordância: www.corporaport.lettras.ufrj.br

¹² A escolha dessa amostra com relação aos falantes masculinos foi baseada na estratificação das amostras de comunidades de fala, que utiliza a variável social Sexo/Gênero, e não Orientação Sexual, como um dos critérios para sua estratificação. O início da construção da amostra de fala começou por volta do ano de 2008 e por conta disso ficaria difícil recontatar os sujeitos para obtenção de uma autodeclaração de orientação sexual. Portanto, apesar de não ser um critério 100% fiel para a identificação da orientação sexual do falante, verificou-se durante a audição das entrevistas que todos os falantes do sexo masculino citam algum tipo de relacionamento (namoro ou casamento) com uma pessoa do sexo feminino, configurando que a orientação sexual do falante pode ser considerada “não gay”. Para os falantes do sexo feminino, o critério de escolha foi mais simples, tendo em vista que a orientação sexual das mulheres não foi um fator predefinido para este estudo, ou seja, tanto mulheres heterossexuais como mulheres LGBTs poderiam fazer parte do grupo controle, desde que fossem mulheres

corpora Identidades Cariocas¹³ e Concordância foram constituídas a partir do aparato teórico-metodológico da Sociolinguística laboviana (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006; LABOV, 1994).

3.1.1 Identidades Cariocas – Uma amostra de fala com homossexuais do sexo masculino

O conjunto de gravações que compõe a amostra de fala principal desta pesquisa, Identidades Cariocas¹⁴, foi coletado durante o período de 2019 - 2023 e é composto pela fala de 18 indivíduos do sexo masculino autodeclarados homossexuais, balanceados quanto à nível de Escolaridade e Faixa Etária, distribuídos no Quadro 3.1. Cada entrevista tem duração média de 30 minutos e foram realizadas em local de fácil acesso ao entrevistado: UFRJ (campi Fundão e Praia Vermelha), casa dos entrevistados e escritório de secretaria de igreja.

Quadro 3.1 Lista de Falantes da Amostra Identidades Cariocas

	21 a 35 Anos	36 a 50 Anos	51 Anos ou Mais
Até Ensino Médio Concluído	001	007	016
	002	008	017
	003	009	018
Ensino Superior Completo	004	010	013
	005	011	014
	006	012	015

Fonte: Do autor

A escolha pela estratificação da amostra de fala por Escolaridade e Faixa Etária se deu por hipóteses referentes a cada uma das duas variáveis. A primeira hipótese diz respeito à existência de diferentes atitudes que podem ocorrer em relação à orientação sexual devido às características macrossociais do falante, como pertencer a diferentes classes sociais, avaliadas aqui através da escolaridade do falante. Desta forma, pensa-se na possibilidade de que a escolaridade mais baixa ou mais alta em adultos tem reflexo em oportunidades de trabalho, salário, acesso à informação, autonomia social, pode interferir na manifestação da orientação

cisgênero – aquelas que se identificam com o gênero que lhes foi designado no nascimento, o qual é associado socialmente ao sexo biológico.

¹³ A amostra Identidades Cariocas foi organizada e gravada pelo autor do presente estudo.

¹⁴ Na seção Anexos, encontra-se disponível o roteiro de entrevistas utilizado para a gravação desta amostra de fala.

sexual em estudo, considerando o contexto de uma sociedade fortemente voltada para uma concepção binária da sexualidade.

A segunda hipótese diz respeito à faixa etária dos falantes. Nossa hipótese é que os homens gays mais velhos - aqueles que nasceram antes ou durante o período militar em que houve maior repressão à homossexualidade, classificada mundialmente até mesmo como uma doença - podem produzir a coda (s) de forma diferente dos homens gays mais jovens – aqueles que nasceram depois que alguns direitos LGBT+ foram estabelecidos. Pensando desta forma, esperamos que os homens gays mais velhos produzam codas (s) com durações menores, assim como esperamos que os homens não gays produzam codas (s) com menor duração.

Não descartamos que a definição da orientação sexual, além de questões culturais e, até mesmo políticas, como a que embasa a hipótese relativa à faixa etária, tem relação com aspectos individuais. Portanto, será necessário também considerar os indivíduos na análise.

3.1.1.1 Sujeitos da Amostra Identidades Cariocas

Os sujeitos da amostra Identidades Cariocas, ou seja, os falantes autodeclarados homossexuais, foram gravados durante o tempo proposto para a pesquisa desta tese (2019 – 2023). Os falantes das primeira e segunda Faixas Etárias foram gravados em 2019 e quando começamos a “recrutar” participantes para a terceira Faixa Etária (no início de 2020), visto que esses foram mais difíceis de se conseguir contato, foi o momento em que a pandemia de Covid-19 estourou mundialmente. Esses falantes foram mais difíceis de se conseguir pelos seguintes motivos: (a) não gostaria de ter a voz gravada; (b) não gostaria de falar sobre nada de sua vida pessoal; (c) não eram autodeclarados homossexuais para sua família; (d) não se sentiam confortáveis em encontrar o pesquisador para a gravação; e (e) por se sentirem desconfortáveis com o assunto. O segundo empecilho foi o momento de quarentena e as restrições propostas durante as maiores ondas de covid-19, já que o grupo de falantes mais velhos era o que possuía maior problemas com comorbidades e as entrevistas precisavam ser feitas pessoalmente, fator que impossibilitou que as entrevistas fossem gravadas anteriormente e, assim, só foram ser finalizadas em 2023.

No Quadro 3.2 abaixo, verificamos algumas características sociais dos falantes gays:

Quadro 3.2 Características sociais dos sujeitos da amostra Identidades Cariocas

Falante	Idade	Profissão	Bairro onde mora
001	21	Marceneiro	Paciência
002	24	Op. de Máquina	Santa Cruz
003	26	Call Center	Santa Margarida
004	25	Professor	Botafogo
005	30	Professor	Penha
006	29	Advogado	Campo Grande
007	36	Assist. de Logística	Campo Grande
008	36	Autônomo	Campo Grande
009	36	Conferente de Carga	Cosmos
010	40	Professor	Méier
011	40	Jornalista	São Cristóvão
012	36	Professor	Rocha Miranda
013	52	Cuidador	Jacarepaguá
014	55	Influencer Digital	Vidigal
015	57	Aposentado	Rocha Miranda
016	52	Professor	Taquara
017	50	RH	Santa Cruz
018	62	Vendedor	Vidigal

Fonte: Do autor

3.1.2 Amostra Concordância – Grupo Controle com os falantes Não Gays

Uma vez que o objetivo desta pesquisa é, por um lado, oferecer uma análise acerca da duração da coda (s) na fala de homens gays cariocas, e, por outro, verificar se a orientação sexual do falante funciona como um fator condicionante para a produção de (s) mais longos, vimos a necessidade de confrontar os resultados das análises da nossa amostra com outra constituída de dados de fala de falantes não gays, tanto homens como mulheres. Os resultados da fala de homens gays, portanto, seriam interpretados também em relação a um "grupo controle" com o objetivo de fazer uma comparação entre as diferentes orientações sexuais com relação às Faixas Etárias e Escolaridades. Para o grupo controle, utilizamos as amostras do corpus Concordância por conta de sua estratificação ser parecida com os moldes propostos para a amostra Identidades Cariocas.

O corpus Concordância (CORPORAPORT) é resultado de um projeto coordenado pelas professoras Silvia Rodrigues (FL/UFRJ) e Silvia Figueiredo Brandão (FL/UFRJ). A

amostra Concordância da variedade do Rio de Janeiro, composta por 18 entrevistas, é estratificada conforme o quadro a seguir:

Quadro 3.3 Estratificação da Amostra Concordância

Faixa Etária	Escolaridade	Gênero
A – 18 a 35 anos	1 – Ens. Fundamental	Masculino
B – 36 a 55 anos	2 – Ens. Médio	Feminino
C – 56 a 75 anos	3 – Ens. Superior	

Fonte: Do autor

Originalmente, o corpus Concordância está identificado conforme os Quadros 3.4 - para os falantes masculinos - e 3.5 - para os falantes femininos - a seguir:

Quadro 3.4 Informantes masculinos da Amostra Concordância

	18 a 35 Anos	36 a 55 Anos	56 Anos ou Mais
Até Ensino Médio Concluído	CopA1M	CopB1M	CopC1M
	CopA2M	CopB2M	CopC2M
Ensino Superior Completo	CopA3M	CopB3M	CopC3M

Fonte: Do autor

Quadro 3.5 Informantes femininos da Amostra Concordância

	18 a 35 Anos	36 a 55 Anos	56 Anos ou Mais
Até Ensino Médio Concluído	CopA1F	CopB1F	CopC1F
	CopA2F	CopB2F	CopC2F
Ensino Superior Completo	CopA3F	CopB3F	CopC3F

Fonte: Do autor

Para a presente pesquisa, foram desconsideradas as entrevistas CopC3M e CopC3F, pois os áudios estavam com muita interferência proveniente de ruídos e com o volume das vozes dos participantes muito baixo, o que inviabilizou por completo a tentativa de análise desses informantes. Sendo assim, foram considerados somente 8 áudios de cada gênero em vez de 9 áudios.

Algumas características sociais dos sujeitos da Amostra Concordância, que foram selecionados para compor as análises desta pesquisa, podem ser verificadas no Quadro 3.6 a seguir:

Quadro 3.6 Características sociais dos sujeitos da amostra Concordância

Falante	Idade	Profissão	Bairro onde mora
Homens Não Gays			
Cop A1M	23	Ator	Leme
Cop A2M	19	Estudante	Glória
Cop A3M	31	Advogado	Copacabana
Cop B1M	45	Auxiliar Administrativo	Copacabana
Cop B2M	47	Político	Copacabana
Cop B3M	50	Analista de Sistemas	Botafogo
Cop C1M	64	Operador de Máquina	Santa Marta
Cop C2M	56	Comerciante	Copacabana
Mulheres			
Cop A1F	19	Estudante	Copacabana
Cop A2F	20	Estudante	Leme
Cop A3F	20	Estudante	Botafogo
Cop B1F	43	Cozinheira	Santa Marta
Cop B2F	56	Secretária	Copacabana
Cop B3F	53	Professora	Copacabana
Cop C1F	82	Aposentada	Copacabana
Cop C2F	63	Secretária Executiva	Copacabana

Fonte: Do autor

3.1.3 Coda (s) em dados de produção: Envelope da Variação

Consonante ao já mencionado, a análise dos dados de produção para a variação da coda (s) foi realizada por meio da comparação dos dados obtidos na Amostra Identidades Cariocas com os obtidos na Amostra Concordância.

a) A variável estudada

Foram consideradas todas as ocorrências de fricativas surdas, nas entrevistas, da coda (s), sejam elas em coda internas, aqui, chamadas de codas mediais, ou em codas externas, também conhecidas como codas finais. Para qualquer ocorrência da coda (s), tomamos o cuidado de verificar aquelas em que a sílaba de ocorrência era formada por uma consoante africada + vogal + s – como por ex. em mortes –, a fim de considerar se o ambiente sonoro interferia ou não na realização da coda (s). Se a consoante africada interferisse de forma que ficasse duvidosa a fronteira entre a consoante africada e a coda (s), por suposta

supressão/apagamento da vogal nuclear, esta ocorrência de coda (s) não seria utilizada para fins de medição. Especificamente para as codas finais, houve o cuidado em não selecionar palavras cujo contexto seguinte fosse qualquer uma das sibilantes [s, z, ʃ, ʒ] ou qualquer uma das vogais do português, sabendo que diante de vogal poderia haver uma ressilabificação, passando o (s) da posição de coda para a posição de *onset* da sílaba seguinte, interferindo na forma/característica acústica das variantes, e diante de outra sibilante, torna-se delicado estabelecer com segurança a duração do (s) em coda.

Foram analisadas um total de 4149 codas (s) distribuídas, da seguinte forma:

Quadro 3.7 Número de codas (s) totais por amostra

Codas (s) Totais	
Homens Gays (18 falantes)	2428
Homens Não Gays (8 falantes)	849
Mulheres (8 falantes)	872
4149 Dados	

Fonte: Do autor

De forma categorizada, as codas (s) foram medidas a partir da classificação da posição da coda (codas mediais e finais) conjugada também à tonicidade da sílaba em que a coda (s) foi encontrada (átonas ou tônicas), como expostas a seguir:

Quadro 3.8 Número total de codas (s) medidas e analisadas

Número Total de Codas (S)					
	Mediais (Apl./N)		Finais (Apl./N)		Total (N)
Homens Gays	Átonas	842/1419	Átonas	834/1009	2428
	Tônicas	573/1419	Tônicas	175/1009	
Homens Não – Gays	Átonas	297/462	Átonas	258/387	849
	Tônicas	165/462	Tônicas	129/387	
Mulheres	Átonas	291/432	Átonas	367/440	872
	Tônicas	141/432	Tônicas	73/440	

Fonte: Do autor

Já a distribuição de dados por falante será exibida no capítulo referente às análises.

b) Grupos de Fatores

- **Variável dependente**

Consideramos como variável dependente a duração das fricativas coronais surdas – tratada aqui como uma variável contínua –, a alveolar [s] e a pós-alveolar [ʃ], em posição de coda silábica. De acordo com Schwartz (1967) e Ingemann (1968), ouvintes são capazes de identificar corretamente o sexo de falantes quando estes produzem fricativas surdas.

- **Variáveis sociais**

Para buscar identificar quais os fatores influentes na duração da coda (s), foram considerados fatores sociais. Os grupos de fatores sociais buscam avaliar as hipóteses apresentadas na seção 3.1.1 relativas à justificativa da estratificação da Amostra Identidades Cariocas.

- **Escolaridade** – como já mencionado anteriormente, a variável escolaridade é bastante recorrente nos estudos sociolinguísticos. Foi mencionado na seção 3.1.1 que a Amostra Identidades Cariocas foi estratificada com base em dois níveis de escolaridade, indivíduos com escolaridade até o Ensino Médio e indivíduos com o Ensino Superior. Esta escolha se deu por conta das mudanças nas políticas públicas de educação nas últimas décadas e exigências no mercado de trabalho, o que leva a ser cada vez mais raro encontrar indivíduos que não tenham pelo menos ingressado no ensino médio. Segundo o IBGE 2019, a taxa de analfabetos na região sudeste é a mais baixa das regiões brasileiras¹⁵. Em suma, os fatores da variável escolaridade são:

EM – até o Ensino Médio
ES – Ensino Superior

¹⁵ Dados mais detalhados sobre o IBGE 2019 disponíveis em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18317-educacao.html>

A diferença de escolaridade é pensada em função do que ela expressa quanto à inserção social dos indivíduos, isto é, indivíduos com mais escolaridade (nível superior) podem ter mais oportunidades em termos de trabalho e conseqüentemente de renda. Nesse sentido, mais escolaridade significa mais possibilidade de desempenhar sua orientação sexual em uma sociedade ainda tradicional e moralista? Essa é a hipótese que levou à estratificação da amostra também por escolaridade.

- **Faixa Etária** – apesar de ser uma variável utilizada na Sociolinguística para verificar se a variação é estável ou um processo de mudança linguística em curso, o objetivo de incluir esta variável, nesta pesquisa sobre o comportamento da coda (s) na fala de homens gays, é verificar se existe alguma relação entre a faixa etária de homens gays e a duração de (s) conforme motivações de cunho político-social. Por exemplo, na época da ditadura, meados da década de 60 do século passado, houve momentos de extrema repressão a vários grupos de pessoas. É de comum conhecimento que muitos artistas que não eram a favor do governo da época sofriam perseguição quando expunham suas ideias a partir da arte, muitos sendo forçados a partirem para exílio em outros países. O que não é comentado abertamente nos livros de história e literatura é a repressão à comunidade LGBT+¹⁶. A variável Faixa Etária, aqui, tem o objetivo de verificar se pessoas gays mais velhas, que viveram durante o período de repressão da ditadura, teriam um comportamento linguístico diferenciado daquelas mais novas que nasceram e viveram (vivem) em um período da sociedade em que já se encontram consolidados alguns direitos LGBT+. Portanto, a estratificação sob Faixas Etárias foi estabelecida da seguinte forma:

- 1 – 21 a 35 anos
- 2 – 36 a 50 anos
- 3 – 51 anos ou mais

- **Falante** – conforme Gomes (2011), nem sempre os indivíduos apresentam um comportamento que reflita o da comunidade em que está inserido. Desta forma, faz-se necessária a observação dessa variável para verificar em que medida os falantes da amostra Identidades Cariocas contribuem para a variação e se o comportamento de cada

¹⁶ Para maiores informações sobre grupos LGBT+ na ditadura, acesse: <http://memoriasdaditadura.org.br/lgbt/> e <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2015-08/repressao-da-ditadura-alcancou-grupos-sociais-dizem-pesquisadores>.

um dos falantes se dá da mesma maneira observada para os demais indivíduos que compõem a amostra.

- **Variáveis Linguísticas**

Os grupos de fatores sociais buscam avaliar as hipóteses apresentadas na seção 3.1.1 relativas à justificativa da estratificação da Amostra Identidades Cariocas. Em contrapartida, os fatores linguísticos são aquelas características que fazem parte diretamente do nosso objeto de estudo – a coda (s) – como a posição da coda e a tonicidade da sílaba.

- **Posição da coda** – quando trabalhamos com o contexto da coda (s) nos deparamos com duas possibilidades para a ocorrência da fricativa sibilante em posição de coda silábica: em posição interna da palavra, como em *gostoso*, ou no final da palavra, como em *lápiz*. Os fatores utilizados nesse grupo são:

M – Coda Medial
F – Coda Final

- **Tonicidade da sílaba** – a variável tonicidade, assim com a variável posição da coda, faz parte diretamente da estrutura do nosso objeto de estudo. Ao trabalharmos com um segmento consonantal que se encontra numa determinada posição da estrutura silábica, como a coda, também precisaremos lidar com a tonicidade da sílaba em que a coda se encontra (átona ou tônica). Os fatores aqui testados são:

A – Átona (*menos, respeito*)
T – Tônica (*casco, máscara*)

Os estudos com falantes de língua portuguesa (BARBUIO, 2016 e SENE, 2022) analisaram as codas (s) em posição de final de palavra. Já os principais estudos sobre a duração do (s) em língua inglesa, ou se basearam nas ocorrências de (s) em posição de *onset* (CRIST, 1997), ou não houve menção a qual posição específica do (s) na sílaba foi estudada (LINVILLE, 1998). Em nenhum momento, nos diferentes estudos, os autores

mencionam o objetivo de observar a coda em uma posição específica na palavra. Porém, um estudo piloto, feito no momento do exame de qualificação desta tese de doutorado, mostrou resultados significados para os contextos de coda (s) em sílabas tônicas mediais (GONÇALVES, 2021). Seguindo-se uma ordem de análise, o autor primeiro fez um levantamento de codas (s), quadro abaixo, na fala de 4 homens (2 autodeclarados gays e 2 não gays) para os 4 contextos de codas: tônicas mediais, tônicas finais, átonas mediais e átonas finais.

Quadro 3.9 Distribuição de ocorrências analisadas de (s) em coda por falante ¹⁷

	Falante Gay			Falante Heterossexual		
		N			N	Total
Tônicas Mediais	G1	20		H1	13	73
	G2	20		H2	20	
Tônicas Finais	G1	13		H1	15	53
	G2	5		H2	20	
Pretônicas Mediais	G1	20		H1	20	80
	G2	20		H2	20	
Átonas Finais	G1	20		H1	20	80
	G2	20		H2	20	

Fonte: Gonçalves (2021)

Em seguida, essas 286 ocorrências de coda (s) tiveram suas durações médias medidas (Tabela 3.1) com o uso do programa Praat e posteriormente, esses dados foram submetidos à análise estatística a partir do Pacote R (R Core Team, 2021) com o objetivo de verificar a significância estatística (Tabela 3.2) da duração das ocorrências da coda de cada grupo de orientação sexual em função de cada contexto linguístico (posição da sílaba na palavra e tonicidade). Para verificar a significância estatística, foi utilizado o teste-t, que compara duas médias e indica se as diferenças entre elas são significativas estatisticamente.

¹⁷ Em Gonçalves (2021), foram utilizados os rótulos G1 (Gui), G2 (Rick), H1 (CopA2), H2 (CopB2) para facilitar a leitura das análises.

Tabela 3.1 Médias de duração das codas (s) por falantes e por Orientação Sexual

	Falante Gay	Média (em s)	Falante Não Gay	Média (em s)
Tônicas	G1	0.103	H1	0.079
Mediais	G2	0.087	H2	0.064
	Média (G1 +G2)	0.095	Média (H1+H2)	0.070
Tônicas	G1	0.095	H1	0.087
Finais	G2	0.105	H2	0.090
	Média (G1 +G2)	0.098	Média (H1+H2)	0.089
Átonas	G1	0.147	H1	0.104
Mediais	G2	0.101	H2	0.064
	Média (G1 +G2)	0.124	Média (H1+H2)	0.084
Átonas	G1	0.086	H1	0.095
Finais	G2	0.120	H2	0.076
	Média (G1 +G2)	0.103	Média (H1+H2)	0.085

Fonte: Adaptado de Gonçalves (2021)

Tabela 3.2 Comparação das médias de duração entre os 2 grupos de Orientação Sexual por contexto linguístico

	Graus de Liberdade	Valor-T	Significância (p)
Tônicas Mediais – Não Gays x Gays	70.053	-4.1259	0.0001002
Tônicas Finais – Não Gays x Gays	38.67	-0.74915	0.4583
Pretônicas Mediais – Não Gays x Gays	47.056	-1.752	0.08628
Átonas Finais – Não Gays x Gays	77.376	-1.7222	0.08903

Fonte: Gonçalves (2021)

Em concordância com os valores de significância encontrados, observa-se que há diferença significativa entre os valores obtidos para a duração das codas em sílaba tônica medial (não gays= 0.070, gays=0.095), sendo os valores maiores obtidos para os homens gays, e ausência de significância entre as médias obtidas para os dois grupos na duração das codas tônicas finais (não gays=0.089, gays=0.098), átonas mediais (não gays=0.084, gays=0.124) e átonas finais (não gays=0.085, gays=0.103).

Nesta etapa da pesquisa, o total de dados levantados nas amostras mencionadas anteriormente serão analisados conjuntamente quanto a essas duas características (posição da coda na palavra e tonicidade) para avaliar se são significativamente diferentes as produções da fricativa em coda nos grupos de falantes estudados.

3.2 Dados de Percepção

O objetivo central com a conjugação do estudo de percepção ao estudo de produção, mencionado em 3.1, é o de analisar as possíveis relações entre usos linguísticos na fala de homens cariocas, aqui representados pela duração da coda (s), e a indexação social de orientação sexual.

A partir desta premissa, foram criados dois designs de experimentos de percepção para verificar a questão da indexação social de orientação sexual e também a eficácia nos números de acertos dos ouvintes com relação aos estímulos avaliados. A seguir, serão detalhados os critérios utilizados para a construção dos experimentos e a escolha das palavras utilizadas como estímulos.

3.2.1 As palavras avaliadas e os falantes dos experimentos

Quando as entrevistas da Amostra Identidades Cariocas foram gravadas, foi solicitado que cada falante ao final da entrevista lesse alguns gêneros textuais: uma notícia de jornal, um depoimento, e duas listas de palavras, uma lista com 34 palavras, lidas isoladamente, e uma segunda vez com as palavras inseridas em uma frase veículo (eu disse ____ duas vezes). Essas palavras foram somente utilizadas nos experimentos de percepção. Sendo assim, para a organização dos estímulos utilizados nos experimentos de percepção, utilizamos 20 palavras (Quadro 3.11) que foram lidas a partir desta lista de palavras¹⁸.

Quadro 3.10 Palavras com coda (s)

Asno	Atestado	Baskhara	Biscoito
Casco	Cesto	Cisne	Custo
Custoso	Destilados	Discoteca	Escravo
Espiritismo	Esgueirar-se	Fósforo	Fuscão
Fusquinha	Gostoso	Gustavo	Histórico
Imunologista	Justiça	Lusco Fusco	Mastruz com Leite
Mosca	Noz Moscada	Oswaldo	Organismo
Ostracismo	Pasta	Pesto	Riscado
Traquinas		Vasco	

Fonte: Do autor

¹⁸ Essas palavras foram retiradas da lista de palavras lidas pelos participantes das entrevistas no momento da gravação das entrevistas para montagem da amostra de fala espontânea. A lista foi elaborada como forma de captar a produção das codas, porém sem contar com resultados sobre a importância de propriedades específicas das sílabas com a coda (s), como tonicidade e posição na palavra, conforme obtidas posteriormente nesta tese. O script utilizado como base para a gravação das entrevistas da Amostra Identidades Cariocas e, principalmente, a lista de palavras se encontram disponíveis na seção Anexos desta pesquisa.

Para o uso nos experimentos de percepção, algumas destas palavras foram excluídas. Os critérios utilizados foram: a exclusão de nomes próprios, de palavras com mais de uma coda (s), de palavras que pudessem causar dúvidas por não serem tão corriqueiras na fala cotidiana e também a exclusão de palavras compostas. Assim, utilizamos as seguintes 20 palavras:

Quadro 3.11 Palavras selecionadas para compor os Experimentos de Percepção

Asno	Atestado	Biscoito	Casco
Cesto	Cisne	Custo	Custoso
Discoteca	Fósforo	Fusão	Gostoso
Histórico	Justiça	Mosca	Organismo
Pasta	Riscado	Traquinas	Vasco

Fonte: Do autor

Não foram utilizadas palavras distratoras por conta dos designs utilizados nos Experimentos, que serão detalhados mais adiante.

A seleção dos falantes para compor os experimentos de percepção foi baseada nos falantes mais jovens de cada amostra (aqueles com as idades correspondentes as duas primeiras faixas etárias, aproximadamente entre 18 e 50 anos de idade), pois no momento da realização dos experimentos ainda não tinha sido gravada a terceira faixa etária (51 anos ou mais) dos falantes homossexuais, inviabilizando a inclusão de vozes de pessoas mais velhas na construção dos experimentos. Fomos criteriosos em usar os estímulos extraídos das entrevistas que possuíam a melhor clareza com relação a menos ruídos de fundo interferindo na audição das palavras. Desta forma, em vez de usar todos os falantes homossexuais (001, 002, 003, 004, 005, 006, 007, 008, 009, 010, 011 e 012), selecionamos somente as entrevistas 001, 004, 006, 007, 009 e 011.

Com relação aos falantes não gays, precisamos gravar 12 homens autodeclarados heterossexuais para compor o experimento, sabendo que na gravação da Amostra Concordância os sujeitos não tinham sido gravados lendo nenhuma lista de palavras ou outro gênero textual (depoimento ou notícia de jornal). Assim, a partir da indicação de pessoas conhecidas, foram selecionados 12 falantes, de acordo com a faixa etária e as escolaridades semelhantes às da Amostra Identidades Cariocas, para a gravação da lista com as 20 palavras. Os falantes heterossexuais foram nomeados como 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108,

109, 110, 111 e 112, desde que os dois últimos dígitos indicassem as mesmas características dos falantes gays com os mesmos dois últimos dígitos (ex.: 001 e 101, falantes da primeira faixa etária com escolaridade até o ensino médio; 004 e 104, falantes da primeira faixa etária com ensino superior e assim por diante). Para fins de equilíbrio durante o desenvolvimento dos experimentos, seguimos com o mesmo critério utilizados para os falantes homossexuais, então, foram escolhidos 6 falantes com as gravações com baixa presença de ruídos interferentes. Foram selecionados os falantes 101, 102, 103, 107, 108 e 109.

3.2.2 A construção dos experimentos

A indexação social de orientação sexual a partir da coda (s) na fala de homens cariocas foi acessada a partir de dois experimentos de percepção.

Os experimentos de percepção foram construídos no software *PsychoPy*, uma ferramenta gratuita que faz uso da linguagem Python, e a partir de uma interface gráfica serve para a criação e hospedagem de experimentos.

Os participantes dos experimentos de percepção foram estudantes do Ensino Superior de diversos cursos de graduação, mas pode-se citar que a maioria foi proveniente dos cursos de Letras (UFRJ), Fonoaudiologia (UVA) e Terapia Ocupacional (IFRJ/Realengo). O experimento 1 começou a ser disponibilizado aos participantes entre os meses de fevereiro e março de 2023, em instituições de ensino privado, Universidade São José e Universidade Veiga de Almeida, tendo em vista que durante esse período as universidades públicas ainda estavam em recesso escolar. No final de março e início de abril do mesmo ano, terminamos a aplicação do experimento 1 e todo o experimento 2 nas duas instituições públicas: o Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ campus Realengo) e Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ Campus Fundão).

Para participar de qualquer um dos dois experimentos, os participantes, individualmente, deveriam preencher uma Ficha de Perfil Social, construída a partir da ferramenta Google Forms, que continha, inclusive, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) sobre a participação na tarefa, como na Figura 3.1.

Figura 3.1 Tela inicial do Formulário apresentado aos juízes ouvintes

Dados Pessoais

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - JUÍZES


Gostaríamos de convidar você a participar como voluntário (a) da pesquisa "Indexação social de orientação sexual na fala de homens gays cariocas". O motivo que nos leva a realizar esta pesquisa é de analisar algumas características encontradas na fala.

Caso você concorde em participar, você responderá um questionário que tem uma duração de aproximadamente 15 minutos. Esta pesquisa tem alguns riscos, que são: a interferência de ruídos durante a sua participação e a possível troca de lugar e também, por conta de algum imprevisto técnico, pode haver um prolongamento na duração da gravação. A pesquisa proporcionará um melhor conhecimento a respeito da variedade linguística do falante típico do Português Brasileiro.

Para participar deste estudo você não vai ter nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Apesar disso, se você tiver algum dano por causadas atividades que fizemos com você nesta pesquisa, você tem direito a indenização. Você terá todas as informações que quiser sobre esta pesquisa e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Mesmo que você queira participar agora, você pode voltar atrás ou parar de participar a qualquer momento. A sua participação é voluntária e o fato de não querer participar não vai trazer qualquer penalidade ou mudança na forma em que você é atendido (a). O pesquisador não vai divulgar seu nome. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão. Você não será identificado (a) em nenhuma publicação que possa resultar.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável e a outra será fornecida a você. Os dados coletados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos. Decorrido este tempo, o pesquisador avaliará os documentos para a sua destinação final, de acordo com a legislação vigente. Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resolução N° 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos.

Ao clicar em continuar, declaro que concordo em participar da pesquisa e que me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

danygoncalves@letras.ufrj.br [Alternar conta](#) 

Fonte: Do autor

Após clicar em continuar, aceitando participar da pesquisa, os participantes preenchem a última parte do formulário, a ficha de perfil social, com informações que poderiam ser utilizadas para caracterizá-los no momento das análises dos resultados. O campo

nome foi configurado como uma resposta não obrigatória a fim de conceder ao participante total confidencialidade na hora da discriminação dos dados analisados. A única forma de identificação do participante para distinção dos resultados foi o código utilizado no campo participante, proposto pelo pesquisador, que distinguia, no primeiro momento, somente o gênero do participante. As siglas utilizadas foram MG + número, para as mulheres, e HG + número, para os homens.

Figura 3.2 Ficha de perfil social apresentada aos participantes

The image shows a social profile form divided into two columns. The left column contains the following sections:

- Dados Pessoais** (Personal Data):
 - Participante * (Participant *): Sua resposta _____
 - Nome (Name): Sua resposta _____
 - Qual sua idade? * (How old are you? *): Sua resposta _____
 - Escolaridade * (Education *):
 - Até Ensino Médio
 - Ensino Superior em andamento
 - Ensino Superior concluído
 - Qual curso de graduação você fez/faz? * (Which graduation course did you take/are you taking? *): Sua resposta _____
 - Sexo/Gênero * (Sex/Gender *):
 - Homem Cisgênero
 - Homem Trans
 - Mulher Cisgênero
 - Mulher Trans
 - Não-Binária
 - Orientação Sexual * (Sexual Orientation *):
 - Gay
 - Lésbica
 - Bissexual
 - Heterossexual
 - Outro: _____

The right column contains the following sections:

- Orientação Sexual * (Sexual Orientation *):
 - Gay
 - Lésbica
 - Bissexual
 - Heterossexual
 - Outro: _____
- Com relação a sua renda familiar, você(s) recebe(m): * (Regarding your family income, how much do you receive?):
 - 1 a 2 Salários Mínimos
 - 3 a 4 Salários Mínimos
 - 5 ou + Salários Mínimos
- Onde você nasceu? * (Where were you born? *):
 - Rio de Janeiro, Capital
 - Rio de Janeiro, Região Metropolitana
 - Rio de Janeiro, Outros Lugares
 - Outro: _____
- Você tem amigos LGBTQ+? * (Do you have LGBTQ+ friends? *):
 - Sim, Muitos.
 - Sim, Poucos.
 - Não.
 - Não e prefiro não ter.

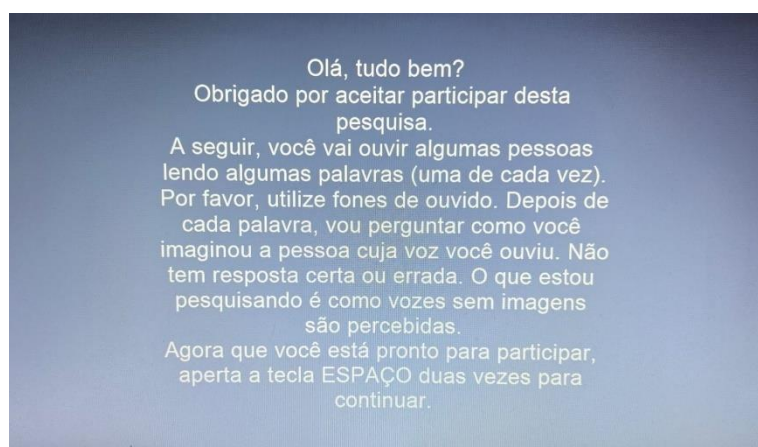
At the bottom of the right column, there are three buttons: "Voltar" (Back), "Próxima" (Next), and "Limpar formulário" (Clear form).

Fonte: Do autor

Logo após preencher o formulário de perfil social, foi entregue um fone de ouvido, do estilo headset – pois este tem uma menor captação de ruídos externos, ao participante e dadas as instruções de uso da interface do software *Psychopy*.

A tela inicial do experimento (Figura 3.3) agradece a participação do candidato e traz breve informação sobre a pesquisa.

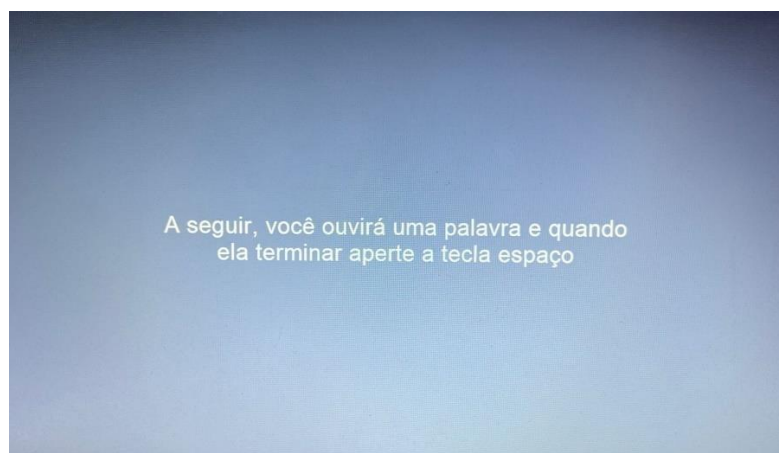
Figura 3.3 Tela inicial do Experimento de Percepção no programa *Psychopy*



Fonte: Do autor

Quando o participante aperta a tecla espaço duas vezes, aparece uma segunda tela que aparecerá toda vez que a pessoa tiver que ouvir uma nova pessoa falando (Figura 3.4).

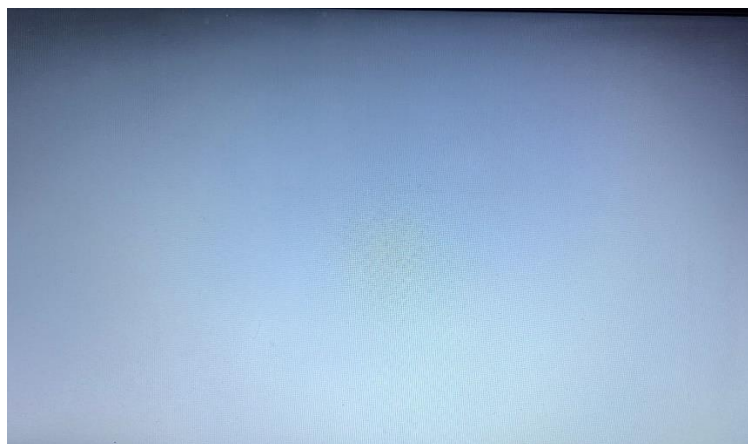
Figura 3.4 Tela do Experimento de Percepção no programa *Psychopy*



Fonte: Do autor

A tela seguinte é uma tela sem texto nenhum (Figura 3.5) que reproduz o arquivo de áudio que o participante precisa ouvir. Não há repetição do áudio, já que o objetivo do experimento é saber como vozes são percebidas e se o ouvinte tivesse uma segunda chance, esta poderia influenciar na escolha da resposta.

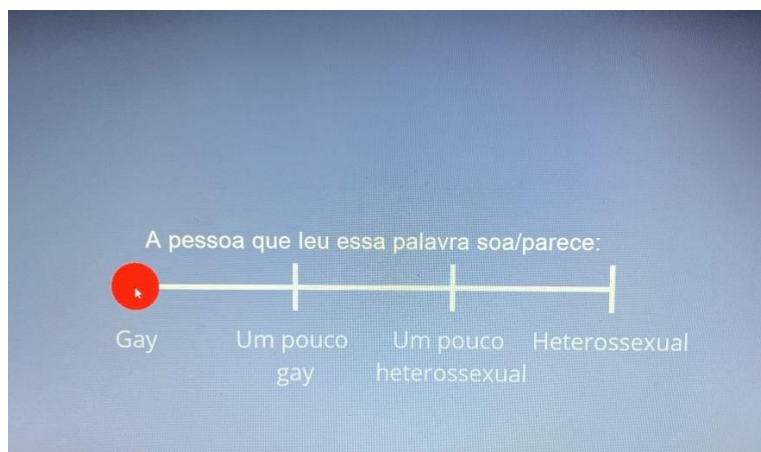
Figura 3.5 Tela do Experimento de Percepção no programa *PsychoPy*



Fonte: Do autor

A última tela da sequência é a tela da escala de resposta (Figura 3.6). A escala possui 4 pontos e o participante deve clicar na resposta que lhe soa mais fiel ao analisar como soa a pessoa que leu a palavra/lista de palavra anteriormente. Essa escala foi baseada na escala utilizada no trabalho de Klein (1990). A diferença é que Klein utiliza uma escala de 7 pontos em que o ponto 0 significava exclusivamente heterossexual e o extremo ponto 6, exclusivamente heterossexual. Nossa escala foi adaptada para 4 pontos, em que (na leitura dos resultados gerados pelo *PsychoPy*) seriam: 1 – gay, 2 – um pouco gay, 3 – um pouco heterossexual e 4 – heterossexual. Os números 3 e 4 seriam utilizados para os momentos em que os participantes se sentissem com dúvidas quanto à orientação sexual do falante.

Figura 3.6 Tela de resposta do Experimento de Percepção no programa *PsychoPy*



Fonte: Do autor

Após a avaliação da voz do falante, quando o juiz ouvinte clica na resposta que lhe convém, o programa retorna a tela “A seguir, você ouvirá uma palavra e quando ela terminar aperte a tecla espaço” (Figura 3.4) dando continuidade à audição dos demais áudios até a finalização do experimento.

O experimento 1 foi construído com o seguinte design: os juízes ouvintes seriam apresentados aos 12 falantes (6 homens gays e 6 homens heterossexuais) lendo, cada um de uma vez, a lista de palavras completa (com as 20 palavras com ocorrências da coda (s)). Não foram utilizados distratores pois a própria inserção de homens com diferentes orientações sexuais já fazia o papel de distrator.

O experimento 2 foi construído com as mesmas 20 palavras, mas ditas isoladamente. O diferencial neste experimento é que o juiz ouviria somente as 20 palavras, mas cada uma delas falada por um dos 12 participantes. Assim, foram criadas 12 listas (12 apresentações do mesmo design de experimento) em que os falantes aleatoriamente leriam as palavras. A ideia era, já que a quantidade de palavras não era um múltiplo de 12, que todos os falantes tivessem a mesma quantidade de áudios (20) quando fossem dispostas todas as 12 listas, verificadas no Quadro 3.12 abaixo.

Quadro 3.12 - Palavras e falantes do Experimento 2

Asno	001	004	006	007	009	011	101	102	103	107	108	109
Atestado	004	006	007	009	011	101	102	103	107	108	109	001
Biscoito	006	007	009	011	101	102	103	107	108	109	001	004
Casco	007	009	011	101	102	103	107	108	109	001	004	006
Cesto	009	011	101	102	103	107	108	109	001	004	006	007
Cisne	011	101	102	103	107	108	109	001	004	006	007	009
Custo	101	102	103	107	108	109	001	004	006	007	009	011
Custoso	102	103	107	108	109	001	004	006	007	009	011	101
Discoteca	103	107	108	109	001	004	006	007	009	011	101	102
Fósforo	107	108	109	001	004	006	007	009	011	101	102	103
Fuscão	108	109	001	004	006	007	009	011	101	102	103	107
Gostoso	109	001	004	006	007	009	011	101	102	103	107	108
Histórico	001	101	004	102	006	103	007	107	009	108	011	109
Justiça	004	102	006	103	007	107	009	108	011	109	001	101
Mosca	006	103	007	107	009	108	011	109	001	101	004	102
Organismo	007	107	009	108	011	109	001	101	004	102	006	103
Pasta	101	001	102	004	103	006	107	007	108	009	109	011
Riscado	102	004	103	006	107	007	108	009	109	011	101	001
Trakinas	103	006	107	007	108	009	109	011	101	001	102	004
Vasco	107	007	108	009	109	011	101	001	102	004	103	006

Fonte: Do autor

As características dos juízes ouvintes serão detalhadas no capítulo 5, o capítulo de resultados dos experimentos de percepção.

3.3 Ferramentas de Tratamento dos Dados

Após a gravação da Amostra Identidades Cariocas e a seleção da Amostra Concordância para o grupo controle, foram utilizadas algumas ferramentas para o tratamento dos dados das análises de produção e de percepção das codas (s):

a) **Elan**¹⁹ – o Elan é um software para anotação de arquivos de áudio e vídeo, idealizado pelo instituto Max Planck de Psicolinguística (HELLWIG; GEERTS, 2013).

O ELAN foi utilizado para a transcrição das entrevistas das duas amostras de fala que compõem este estudo, além das palavras utilizadas para compor os experimentos de percepção. A escolha por este software se deu por algumas facilidades que o programa tem, como: a sincronização entre o arquivo de mídia e a transcrição; a criação de múltiplas trilhas, bem como a representação de ações simultâneas; a gratuidade de seu uso; a ampla flexibilidade de formatos de exportação da transcrição (.txt, .textgrid etc.) e, consequentemente, a compatibilidade com outros programas como Word, Excel, R, Praat, etc.

¹⁹ Para mais informações, acesse: <https://archive.mpi.nl/tla/elan>

b) **Praat**²⁰ – Após a transcrição das entrevistas, os dados foram extraídos e tabulados manualmente para o programa Excel (pacote Office, Microsoft). Em seguida, para a análise acústica da duração da coda (s), fizemos uso do software Praat. O Praat é um programa gratuito, desenvolvido por Paul Boersma e David Weenink, do Instituto de Ciências Fonéticas de Amsterdam. Além de ser possível a medição da duração de um segmento utilizando o Praat, o programa também possibilita sintetizar, e manipular desde pequenos segmentos até a melodia de sons da fala. O software é tão abrangente que tem funções capazes de criar figuras de alta qualidade como espectogramas, oscilogramas, curvas de *pitch*, intensidade, entre outros.

c) **PsychoPy**²¹ – Para a criação e hospedagem dos experimentos de percepção, utilizamos o software *Psychopy*. Esta ferramenta gratuita faz uso da linguagem *Python* a partir de uma interface gráfica para a criação de experimentos. Seu uso começou a ser difundido na área da psicologia e, hoje, tem sido utilizado em diversas áreas do conhecimento.

d) **Jamovi**²² – Uma vez concluída a extração dos dados e a medição da duração dos segmentos analisados, passamos para a fase final da manipulação dos dados de produção e de percepção: a análise estatística. Para a análise estatística, consideramos o uso do programa Jamovi (The Jamovi Project, 2023). O Jamovi é um software simples de linguagem computacional baseado na linguagem do Programa R (www.r-project.org) direcionado à análise de dados, utilizada para análises estatísticas e gráficas. Assim como os programas mencionados, o Jamovi é gratuito e compatível com uma gama de programas e disponível para diversas plataformas. A principal característica do Jamovi em relação ao R Program é que a interface do Jamovi é mais simples e intuitiva do que a do R. Na Figura 3.7, temos um exemplo de tela do programa Jamovi em que é possível observar a barra de menu análises. Com alguns cliques, o programa gera os resultados de testes estatísticos e gráficos que podem ser utilizados para análises descritivas, desta forma, não precisamos usar *scripts*, pois as funções já estão programadas e são acessadas em um formato parecido com o do *Windows*.

²⁰ Disponível em: https://www.fon.hum.uva.nl/praat/download_win.html

²¹ Disponível em: <https://www.psychopy.org/>

²² Disponível em: <https://www.jamovi.org/>

Figura 3.7 Tela do programa Jamovi

The screenshot displays the Jamovi software interface. The title bar reads "jamovi - médias palavras percepção_gayseheteros_tonicas mediais". The main menu includes "Variáveis", "Dados", "Análises", and "Editar". Below the menu is a toolbar with icons for "Exploração", "Testes t", "ANOVA", "Regressão", "Frequências", "Fator", "Linear Models", and "JStatsPlot".

The central area shows a data table with the following columns: Amostra, Falante, FaixaEtaria, Escolarida..., Estilo, and Item. The data rows are as follows:

Amostra	Falante	FaixaEtaria	Escolarida...	Estilo	Item
1	Gays	1	1 EM	Lista de Palav...	asno
2	Gays	1	1 EM	Lista de Palav...	casco
3	Gays	1	1 EM	Lista de Palav...	cesto
4	Gays	1	1 EM	Lista de Palav...	cisne
5	Gays	1	1 EM	Lista de Palav...	custo
6	Gays	1	1 EM	Lista de Palav...	fósforo
7	Gays	1	1 EM	Lista de Palav...	fuscão
8	Gays	1	1 EM	Lista de Palav...	mosca
9	Gays	1	1 EM	Lista de Palav...	organism
10	Gays	1	1 EM	Lista de Palav...	pasta
11	Gays	1	1 EM	Lista de Palav...	vasco
12	Gays	4	1 ES	Lista de Palav...	asno
13	Gays	4	1 ES	Lista de Palav...	casco
14	Gays	4	1 ES	Lista de Palav...	cesto
15	Gays	4	1 ES	Lista de Palav...	cisne
16	Gays	4	1 ES	Lista de Palav...	custo
17	Gays	4	1 ES	Lista de Palav...	fósforo
18	Gays	4	1 ES	Lista de Palav...	fuscão
19	Gays	4	1 ES	Lista de Palav...	mosca
20	Gays	4	1 ES	Lista de Palav...	organism
21	Gays	4	1 ES	Lista de Palav...	pasta
22	Gays	4	1 ES	Lista de Palav...	vasco

The right side of the interface is currently blank, displaying the Jamovi logo and "version 2.4.1". A "Mostrar área de trabalho" button is visible in the bottom right corner. The status bar at the bottom shows "Pronto", "Filtros 0", "Contagem em linha 131", "Filtrado 0", "Aparado 0", "Adicionado 0", and "Células editadas 0".

Fonte: Do autor

4. Produção de Coda (s) na Fala de Homens e Mulheres Cariocas

O capítulo anterior apresentou a hipótese, os materiais que constituem as amostras de fala utilizadas nesta pesquisa: informantes, envelope da variação (variantes, variáveis dependente e independentes), e os métodos utilizados para levantar e tratar os dados (ferramentas de anotação, análise acústica, configuração dos experimentos de percepção e análises estatísticas). Assim, no presente capítulo, expomos os resultados obtidos a partir da medida de duração da coda (s) dos dados coletados na fala de homens gays, homens não gays e mulheres cariocas. Esses resultados foram obtidos a partir da realização de testes estatísticos utilizando o programa Jamovi. Importante ressaltar que as análises são dependentes, isto é, os dados das três amostras de fala foram rodados juntos com o objetivo de comparar a média de duração da coda (s) nos três grupos. Nosso objetivo principal no estudo de produção é verificar se a coda (s) tem uma duração mais alongada, isto é, uma duração maior, na fala de homens homossexuais do que na fala de homens não gays. Em relação à produção, partimos da seguinte hipótese: se há diferença de duração na produção da coda (s) nas falas de homens gays e de não gays, é possível dizer que a fala de homens gays se aproxima da fala de mulheres quanto à característica acústica estudada, a duração da fricativa sibilante surda em coda silábica? Em relação à percepção, partimos da hipótese de que a duração alongada da coda (s) é indexadora da identidade sexual de homens gays, então a duração da coda nos estímulos terá efeito na percepção da identidade desses falantes e que haverá maior acurácia na percepção desses falantes pelos participantes com a mesma identidade. Assim, a descrição dos resultados de produção da duração da fricativa neste capítulo encontra-se organizada da seguinte forma: a descrição dos resultados obtidos para a comparação das falas de homens gays e não gays e em seguida, a comparação das falas de homens gays e mulheres.

4.1 – Codas (s) na Fala de Homens Cariocas

Nas análises estatísticas entre os falantes - sejam eles gays, não gays ou mulheres - decidimos por renomear a codificação utilizada inicialmente (001, 002, 003... CopA1M, CopB1M, CopC1M... CopA1F, CopB1F, CopC1F...) por uma convenção que não interferisse

na ordem dos resultados quando o programa Jamovi nos disponibilizasse as análises. Como a ordem de análise dos níveis das variáveis utilizada pelo programa é a ordem alfabética, resolvemos por renomear todos os falantes do estudo de produção. No quadro a seguir, verificamos em negrito preto a nova codificação e em cinza, a codificação anteriormente citada.

Quadro 4.1 Nova codificação dos falantes

Gays		Não Gays (ou Heterossexuais²³)	Mulheres
GA (001)	GJ (010)	HA (CopA1M)	MA (CopA1F)
GB (002)	GK (011)	HB (CopA2M)	MB (CopA2F)
GC (003)	GL (012)	HC (CopA3M)	MC (CopA3F)
GD (004)	GM (013)	HD (CopB1M)	MD (CopB1F)
GE (005)	GN (014)	HE (CopB2M)	ME (CopB2F)
GF (006)	GO (015)	HF (CopB3M)	MF (CopB3F)
GG (007)	GP (016)	HG (CopC1M)	MG (CopC1F)
GH (008)	GQ (017)	HH (CopC2M)	MH (CopC2F)
GI (009)	GR (018)		

Fonte: Do autor.

Após essa nova codificação, foi realizada a comparação dos resultados obtidos para a duração da coda (s) em diferentes posições na palavra e tonicidades, a saber: sílaba tônica medial (casca, mesmo), sílaba átona medial (espaço, destino), sílaba tônica final (alguns, depois) e em sílaba átona final (novas, antes). Conforme já mencionado, os dados foram coletados de 18 falantes gays, 8 falantes masculinos não gays e 8 falantes mulheres, respectivamente das Amostras Identidades Cariocas e Amostra Concordância (UFRJ). Cabe ressaltar que primeiramente vamos descrever as análises para os dois grupos masculinos para na seção seguinte trazer os dados do grupo feminino para as análises.

Num primeiro momento, trabalharemos com o total (N) de 3277 dados – sendo 2428 dados provenientes das falas de homens gays e 849 das falas de homens não gays. Para uma melhor visualização da distribuição dos dados por falantes, apresentamos o quadro a seguir.

²³ Na disposição das amostras nos gráficos, utilizamos a palavra Heterossexual (ou Hete.) para os falantes masculinos não gays. A intenção foi a mesma proposta na nova nomenclatura dos falantes para fins de manter a ordem alfabética dos resultados nos gráficos e nas análises multivariadas.

Quadro 4.2 Total de Dados por Falante

Falante	Coda Medial Átona	Coda Medial Tônica	Coda Final Átona	Coda Final Tônica	Total
GA	30	41	20	4	95
GB	33	19	53	5	110
GC	37	40	39	13	129
GD	88	52	73	9	222
GE	56	51	64	13	184
GF	40	18	38	10	106
GG	37	58	48	12	155
GH	25	39	20	12	96
GI	43	28	65	5	141
GJ	55	71	52	14	192
GK	23	20	37	6	86
GL	55	29	53	15	152
GM	78	22	69	22	191
GN	50	20	62	10	142
GO	52	15	31	3	101
GP	25	18	38	6	87
GQ	81	21	56	12	170
GR	37	15	13	4	69
HA	46	10	42	6	104
HB	26	17	25	15	83
HC	39	32	47	25	143
HD	37	13	29	8	87
HE	25	27	25	24	101
HF	52	25	57	37	171
HG	48	27	20	2	97
HH	24	14	13	12	67
Total	1142	742	1089	304	3277

Fonte: Do autor.

Para a análise estatística dos dados, foram utilizados os Modelos Lineares Mistos a partir do programa Jamovi (The Jamovi Project, 2023). Conforme Godoy e Nunes (2020, online) “Modelos Lineares Mistos (MLMs) são uma classe de modelos estatísticos que recebem esse nome por especificarem, em sua equação, dois tipos de efeitos: efeitos fixos e aleatórios.” Nesta pesquisa, temos como exemplos de variáveis de efeitos fixos as variáveis que nos interessam analisar (amostra, faixa etária, escolaridade, posição da coda e tonicidade) e as variáveis de efeitos aleatórios (falante e item lexical). Variáveis de efeito fixo são aquelas que são especificadas por critérios que delimitam o universo a que se aplicam e podem ser testadas em outras amostras. Por exemplo, tonicidade da sílaba, que pode ser observada em

relação à posição tônica e as demais possibilidades de sílabas átonas. As variáveis de efeito aleatório são específicas da amostra como, por exemplo, os indivíduos que a compõem ou os itens lexicais presentes em uma amostra ou os estímulos usados em um experimento.

Em seguida à escolha do modelo estatístico, a primeira rodada estatística multivariada de análise entre os falantes homossexuais e os não homossexuais foi com o objetivo de verificar a significância estatística entre os valores obtidos na interação da orientação sexual com as variáveis sociais (escolaridade e faixa etária), na seção 4.1.1. Já na seção 4.1.2, analisamos a orientação sexual dos falantes em função das variáveis linguísticas (posição da coda e tonicidades).

4.1.1 Análise por Orientação Sexual x Variáveis Sociais

Com objetivo de verificar se os resultados das variáveis sociais, do ponto de vista da variação das médias, possuem diferenças significativas, analisaremos os resultados a partir dos modelos mistos de efeitos aleatórios²⁴. Portanto, para a análise das variáveis sociais, montamos um modelo no qual as variáveis de efeitos fixos são: Amostra (com 2 níveis: gays e não gays), Escolaridade (com 2 níveis: até ensino médio e ensino superior) e Faixa Etária (com 3 níveis: 1^a, 2^a e 3^a faixas etárias). Para os efeitos aleatórios incluímos as variáveis Falante e Item Lexical²⁵, conforme na Tabela 4.1 a seguir.

²⁴ Todos os modelos organizados nesse trabalho foram criados a partir do default do programa *Jamovi*, que está programado para realizar interações entre todas as variáveis de análises que indicamos, no momento em que o programa gera os resultados do modelo. Em que pese o princípio da independência dos grupos de fatores propostos (ortogonalidade dos grupos de fatores), a observação de interações inesperadas, quando há, pode ser relevante para a compreensão dos dados.

²⁵ Não inserimos as variáveis linguísticas nesta rodada, pois quando eram incluídas o programa não gerava os resultados.

Tabela 4.1 Medidas da duração total das codas (s) por Orientação Sexual x Variáveis Sociais

Names	Effect	Estimate	SE	Lower	Upper	df	t	p
(Intercept)	(Intercept)	0.08693	0.00336	0.08033	0.09352	20.8	25.842	<.001
Amostra1	Hete. – Gays	-0.01025	0.00653	-0.02306	0.00255	18.5	-1.570	0.133
Faixaetaria1	2 – 1	-0.00449	0.00621	-0.01667	0.00769	18.7	-0.723	0.478
Faixaetaria2	3 – 1	0.00364	0.00736	-0.01078	0.01807	15.5	0.495	0.627
Escolaridade1	ES – EM	0.00138	0.00653	-0.01141	0.01418	18.4	0.212	0.834
Amostra1 * Faixaetaria1	Não Gays - Gays * 2 – 1	0.01551	0.01242	-0.00883	0.03986	18.7	1.249	0.227
Amostra1 * Faixaetaria2	Não Gays - Gays * 3 – 1	-0.00287	0.01471	-0.03171	0.02597	15.5	-0.195	0.848
Amostra1 * Escolaridade1	Não Gays - Gays * ES - EM	0.00528	0.01304	-0.02028	0.03084	18.4	0.405	0.690
Faixaetaria1 * Escolaridade1	2 - 1 * ES - EM	0.01967	0.01242	-0.00468	0.04402	18.7	1.583	0.130
Faixaetaria2 * Escolaridade1	3 - 1 * ES - EM	0.03624	0.01301	0.01074	0.06175	14.8	2.785	0.014
Amostra1 * Faixaetaria1 * Escolaridade1	Não Gays - Gays * 2 - 1 * ES - EM	0.01325	0.02483	-0.03542	0.06193	18.6	0.534	0.600
Amostra1 * Faixaetaria2 * Escolaridade1	Não Gays - Gays * 3 - 1 * ES - EM							

Fórmula: DuracaoS ~ 1 + Amostra + Faixaetaria + Escolaridade + Amostra:Faixaetaria + Amostra:Escolaridade + Faixaetaria:Escolaridade + Amostra:Faixaetaria:Escolaridade+(1 | Falante) + (1 | Item)

Intercept: Gays; 1ª Faixa Etária; Ensino Médio

Fonte: Do autor.

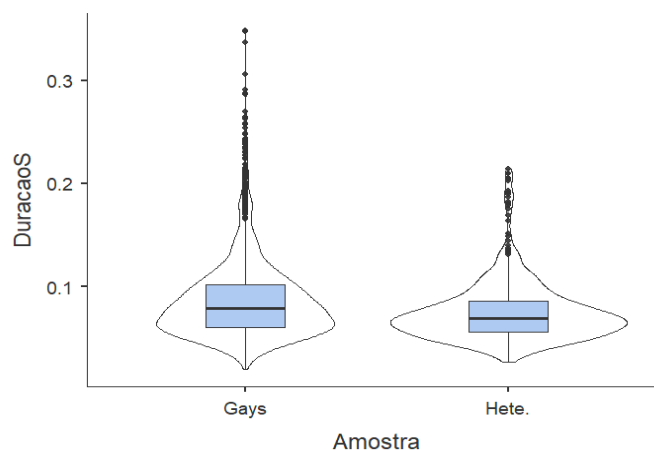
Os resultados do modelo apontam para a não existência de diferenças significativas entre as amostras, ou seja, o valor p para a significância entre o grupo de falantes gays x não

gays foi de 0.133. Isto quer dizer que num modelo em que contém as variáveis escolaridade e faixa etária, não encontramos diferenças significativas entre os grupos de falantes gays e os não gays.

Observamos, na Figura 4.1, a variação entre os dois grupos de orientação sexual, que de forma geral, nada mais é do que a distribuição das durações das codas (s) nas duas amostras sendo representadas pela linha média dos *boxplots*, cada uma de suas médias: para os homens gays temos a média de 0,086s e para os homens não gays, 0,075s. Ressaltamos que as medidas de duração são medidas absolutas em vez de medidas relativas. Apesar das medidas relativas ajudarem a normalizar os resultados que podem sofrer algumas interferências durante a produção da fala (como o acento, a qualidade vocálica, grau de ênfase, posição dentro da palavra ou frase, velocidade de fala etc.), o modelo estatístico escolhido possui efeitos aleatórios que contribuem para a normalização desses resultados.

A escolha dos *boxplots* traz contribuições para a análise descritiva dos dados, mostrando a dispersão real dos dados. Como podemos verificar na figura abaixo, apesar de as médias serem bem próximas, a distribuição de outliers para os falantes gays é mais dispersa e mais alta, enquanto a de falantes não gays é mais concentrada e mais baixa. Há mais variação na fala dos homens gays do que na de não gays, visto que a concentração dos resultados dispostas pela imagem do violino é mais alongada na área da média de duração da coda (s) na fala dos homens não gays. Isso pode significar que alguma característica específica das codas (s) pode indicar diferença significativa importante.

Figura 4.1 Média de distribuição da duração da coda (s) por Orientação Sexual



Fonte: Do autor.

Na Tabela 4.2, são apresentadas as médias de duração por falantes. Quando comparamos com a média geral do grupo gay com 0,086s, é possível identificar falantes específicos que possuem uma média de duração da coda (s) maior, por exemplo, os 10 falantes GA, GB, GC, GE, GH, GM, GO, GP, GQ e GR, enquanto os 8 falantes GD, GF, GI, GJ, GK, GL, GN produzem (s) em coda silábicas com duração abaixo da média geral.

Tabela 4.2 Média da duração total das codas (s) por falantes gays x não gays

Falante	Média de Duração de S	Falante	Média de Duração de S
GA	0.107	HA	0.074
GB	0.091	HB	0.095
GC	0.096	HC	0.059
GD	0.086	HD	0.077
GE	0.090	HE	0.074
GF	0.066	HF	0.081
GG	0.067	HG	0.062
GH	0.090	HH	0.081
GI	0.081		
GJ	0.081		
GK	0.081		
GL	0.062		
GM	0.099		
GN	0.072		
GO	0.088		
GP	0.112		
GQ	0.109		
GR	0.099		

Fonte: Do autor.

Quando pensamos no grupo dos homens não gays, que tem como média geral do grupo a duração da coda (s) em 0,075s, temos um equilíbrio de 4 falantes com a média de duração acima da média do grupo (HB, HD, HF, HH) e os outros 4 falantes com a média abaixo da média do grupo (HA, HC, HE, HG).

Como mencionado anteriormente, existem hipóteses voltadas às variáveis Escolaridade e Faixa Etária com relação aos falantes gays. Em síntese, verificamos se há diferenças entre as durações de (s) em coda na fala de informantes com até o Ensino Médio e aqueles com Ensino Superior e, com relação às três Faixas Etárias – 21 a 35 anos, 36 a 50 anos e acima de 51 anos.

No capítulo de introdução, trouxemos a seguinte pergunta: Será que falantes gays mais velhos, aqueles que nasceram ou viveram durante o período de opressão da ditadura militar (período político no Brasil que durou de 1964 a 1985), quanto à duração da fricativa em coda, teriam uma fala diferente da fala de homens gays mais jovens, aqueles que nasceram ou viveram após a criação dos direitos humanos (com a Constituição de 1988) e a despatologização da homossexualidade (no final dos anos 1990)? Se sim, a duração da coda (s) desses falantes mais velhos seria uma duração mais parecida com a de falantes não gays? Os resultados do modelo estatístico mostram que não há diferença significativa para as faixas etárias analisadas isoladamente, já que os valores p correspondentes são ambos acima de $> 0.05 - 0.478$ e 0.627 .

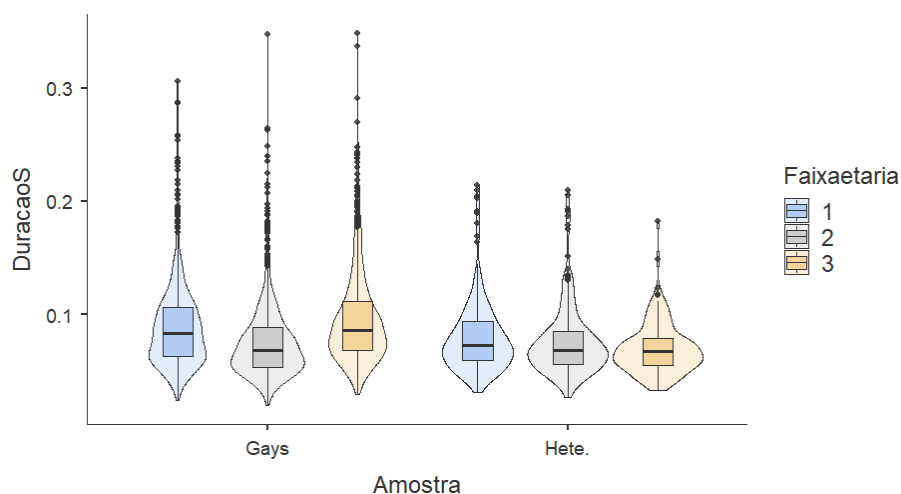
A interação entre as orientações sexuais dos falantes e suas faixas etárias também não demonstraram diferenças significativas, também com p valor $> 0.05 - 0.227$ e 0.848 . De forma mais detalhada, analisamos os resultados das médias para cada faixa etária por grupo de orientação sexual na tabela 4.3 e na Figura 4.2.

Tabela 4.3 Média da duração total das codas (s) por Orientação Sexual x Faixa Etária

Falantes	Posição da Coda	Média (s)
Gays	1ª Faixa Etária	0.089
	2ª Faixa Etária	0.076
	3ª Faixa Etária	0.096
Não Gays	1ª Faixa Etária	0.079
	2ª Faixa Etária	0.076
	3ª Faixa Etária	0.069

Fonte: Do autor.

Figura 4.2 Média de distribuição da duração da coda (s) por Orientação Sexual x Faixa Etária



Fonte: Do autor.

Dando ênfase, aos resultados obtidos para o grupo de falantes de homens gays, temos algo completamente diferente do esperado: são os falantes da primeira e da terceira faixas etárias que produzem as codas (s) mais alongadas. É até esperado que os falantes da primeira faixa etária tenham características já avaliadas como características pertencentes à fala de homens gays (CRIST, 1997; LINVILLE, 1998) visto que vivenciam um momento da história em que as lutas por direitos iguais, tanto de sexo/gênero como de orientação sexual, têm ganhado notoriedade e avançado. Uma vez que tenham mais liberdade em ter seus casamentos, entre pessoas de mesmo sexo, validados, e a criação de leis contra a homofobia ganhado mais peso no país, as pessoas homossexuais tendem a se sentir mais seguras para serem quem são, com relação ao modo de se vestir, de gesticular, de falar, sem que precisem ficar se oprimindo por conta de uma sociedade machista e retrógrada.

Na comparação entre as duas amostras, percebemos que os falantes da primeira faixa etária dos homens gays produzem a sibilante em coda com uma duração média de 0.089s, em comparação a 0.079s dos homens não gays; os falantes da segunda faixa etária de ambas as amostras tiveram exatamente a mesma média de duração da coda (s), 0.076s. A terceira faixa etária é a que contém os valores mais interessantes: 0.096s para os homens gays e 0.069 para os homens não gays. O que não era esperado é que esses falantes gays da terceira faixa etária, aqueles com 50 anos ou mais, fossem ter uma fala com durações mais altas da coda (s). Durante a Ditadura Militar, a orientação sexual de homens gays era reprimida. Quando era

relevante às interações sociais, precisava ser veladamente sinalizada. Talvez a coda (s) fosse, à época, um dos recursos de sinalização usados para marcar-se gay quando possível e relevante para a interação social, sem a necessidade de assumir, abertamente, a orientação social. Os mais jovens já cresceram com a luta pelos direitos civis da população LGBTQ+, transitam socialmente sem tanta restrição. Podem amenizar o uso de pistas de orientação sexual ao circular na sociedade abertamente gays

Partindo para os resultados das escolaridades, também verificamos a não existência de significância estatística com valor p elevado, p valor = 0.834. Na correlação entre orientação sexual e escolaridade dos falantes, com p valor = 0.690, também não foram encontradas diferenças significativas. Na Tabela 4.4, apresentamos as médias de duração da coda (s) por grupo de orientação sexual x escolaridade.

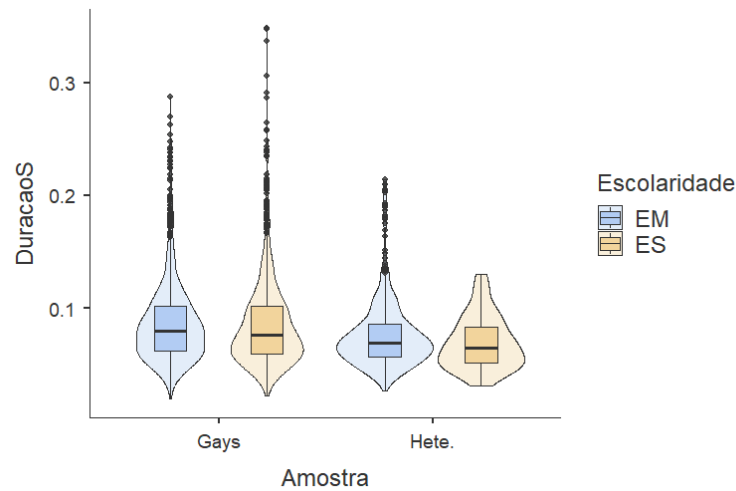
Tabela 4.4 Média da duração total das codas (s) por Orientação Sexual x Escolaridade

Falantes	Posição da Coda	Média (s)
Gays	Até Ensino Médio	0.087
	Ensino Superior	0.087
Não Gays	Até Ensino Médio	0.076
	Ensino Superior	0.069

Fonte: Do autor.

Como verificado na Tabela 4.4, para o grupo de falantes homossexuais, há uma maior duração média para os dois grupos de escolaridade quando comparados com os falantes não gays, porém as análises estatísticas indicam que essa diferença não é significativa, inclusive, no grupo de falantes homossexuais, a média de produção de (s) em coda silábica é a mesma, 0.087s. Na Figura 4.3, podemos observar a distribuição bastante dispersa dos outliers nas duas escolaridades do grupo de homens gays e menos dispersa na escolaridade até o ensino médio dos homens não gays.

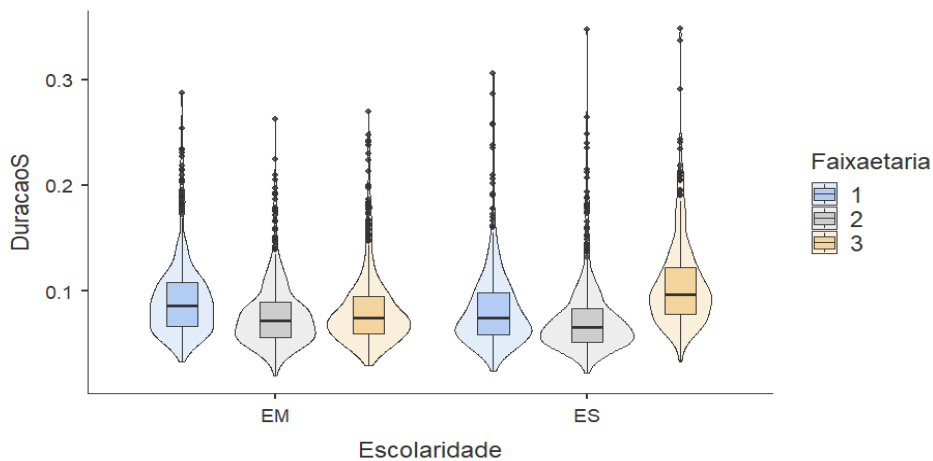
Figura 4.3 Média de distribuição da duração da coda (s) por Orientação Sexual x Escolaridade



Fonte: Do autor.

O único resultado que foi indicado como estatisticamente significativo foi o da interação entre faixa etária e escolaridade com p valor = 0.014. Esse resultado indica que falantes da 3ª faixa etária com ensino superior apresentam maiores durações para as codas (s) em relação aos falantes de 1ª faixa etária com ensino médio. Esses resultados não corroboram nenhuma de nossas hipóteses, levando em consideração que se referem a dados das duas amostras em conjunto e não à comparação de resultados por grupo de falantes entre si (Figura 4.4).

Figura 4.4 Média de distribuição da duração da coda (s) por Faixa Etária x Escolaridade



Fonte: Do autor.

Em suma, para as variáveis sociais, não há nenhuma diferença que distinga as amostras entre si. Os estudos anteriores (BARBUIO, 2016; SENE, 2022) não tinham verificado as variáveis sociais para as análises entre os grupos de orientação sexual. Como uma pesquisa pautada nos princípios e aportes teórico-metodológicos da Sociolinguística, decidimos verificar também as variáveis sociais para entender de que forma se dá a variação das codas (s) e se caso houvesse diferença significativa, buscar compreender de que forma os fatores analisados poderiam contribuir para identificar diferenças entre falantes do sexo masculino, mas de orientações sexuais diferentes. Na seção a seguir, são apresentadas as análises a partir do viés das variáveis linguísticas, observadas nos estudos supracitados.

4.1.2 Análise por Orientação Sexual x Variáveis Linguísticas

São características importantes quando analisamos a variação das codas (s) a tonicidade da sílaba – se átona ou tônica – e a posição da coda na palavra – se medial (interna) ou final (externa). Para a análise das variáveis linguísticas, montamos um modelo (Tabela 4.5), no qual as variáveis de efeitos fixos são: Amostra (com 2 níveis: gays e não gays), Tonicidade (com 2 níveis: átonas e tônicas) e Posição da Coda (com 2 níveis: finais e mediais). Para os efeitos aleatórios incluímos as variáveis Falante e Item Lexical.

Tabela 4.5 Medidas da duração total das codas (s) por Orientação Sexual x Variáveis Linguísticas

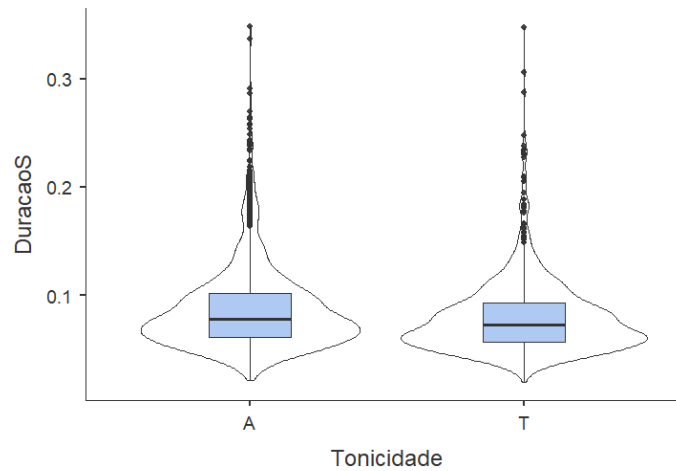
Names	Effect	Estimate	SE	Lower	Upper	df	t	p
(Intercept)	(Intercept)	0.08666	0.00309	0.08060	0.09271	31.2	28.058	< .001
Amostr1	Hete. - Gays	0.01056	0.00596	0.02224	0.00111	27.0	-1.773	0.088
Tonicidade1	T - A	0.00156	0.00255	0.00657	0.00345	846.7	-0.611	0.541
Posicaocoda1	M - F	0.00897	0.00253	0.01392	0.00401	863.2	-3.547	< .001
Amostr1 * Tonicidade1	Hete. - Gays * T - A	6.06e-4	0.00400	0.00845	0.00723	2901.1	-0.152	0.880
Amostr1 * Posicaocoda1	Hete. - Gays * M - F	6.04e-4	0.00396	0.00837	0.00716	2897.8	-0.153	0.879
Tonicidade1 * Posicaocoda1	T - A * M - F	0.00101	0.00504	0.00887	0.01088	817.3	0.200	0.841
Amostr1 * Tonicidade1 * Posicaocoda1	Hete. - Gays * T - A * M - F	0.01941	0.00787	0.03484	0.00399	2878.5	-2.467	0.014

Fórmula: DuracaoS ~ 1 + Amostra + Tonicidade + Posicaocoda + Amostra:Tonicidade + Amostra:Posicaocoda + Tonicidade:Posicaocoda + Amostra:Tonicidade:Posicaocoda+(1 | Falante)+(1 | Item)

Intercept: Gays; Átonas; Finais

Fonte: Do autor.

Inicialmente, verificamos novamente que a variável amostra, que indica as orientações sexuais dos falantes, não gera resultados estatisticamente significativos, com p valor em 0.088. Da mesma forma que a tonicidade da sílaba isoladamente também não, p valor 0.541, ou seja, comparando a tonicidade da sílaba do conjunto total de dados, não há diferenças significativas, esse tendência é corroborada pela distribuição dos dados dos *boxplots* e dos violinos na Figura 4.5, em que ambas as representações exibem características bem parecidas.

Figura 4.5 Média de distribuição da duração da coda (s) por Tonicidade da sílaba

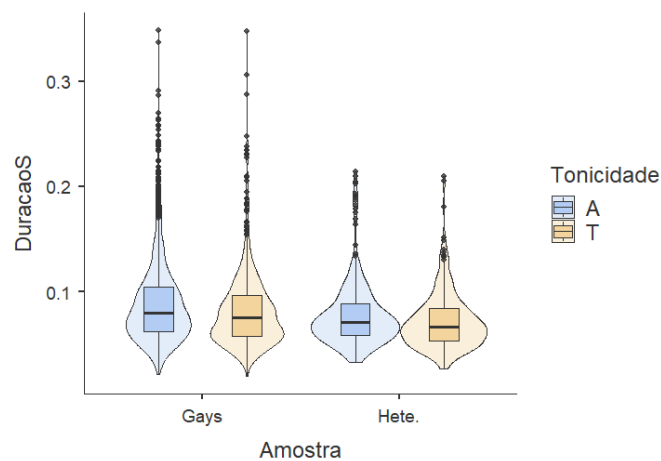
Fonte: Do autor.

Quando nos atemos à distribuição da média de duração da coda (s) por grupo de orientação sexual em função da tonicidade da sílaba, obtemos os dados a seguir:

Tabela 4.6 Média da duração total das codas (s) por Orientação Sexual x Tonicidade da Sílab

Falantes	Tonicidade da Sílab	Média (s)
Gays	Átonas	0.089
	Tônicas	0.082
Não Gays	Átonas	0.078
	Tônicas	0.072

Fonte: Do autor.

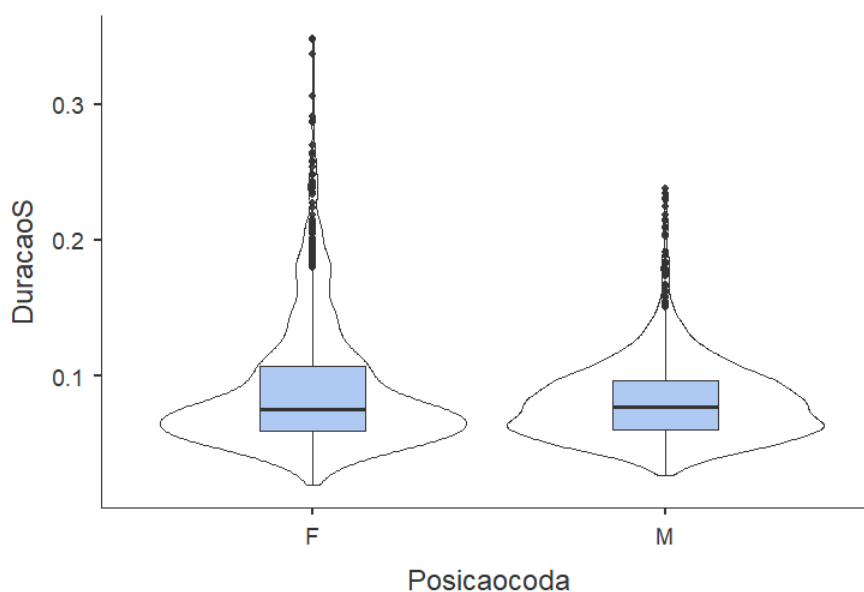
Figura 4.6 Média de distribuição da duração da coda (s) por Orientação Sexual x Tonicidade da Sílab

Fonte: Do autor.

Quando separadas por orientação sexual, a duração maior é verificada na fala dos homens homossexuais. Mas assim como na análise da tonicidade da sílaba para o conjunto total de dados, não há diferenças significativas verificadas, pois o valor p gerado é de 0.880.

A segunda variável linguística analisada é a posição da coda na palavra. Para o total de dados, esta variável nos mostra uma diferença significativa, valor $p < 0.001$, entre as médias de codas (s) mediais e finais. Segundo os resultados da Tabela 4.5, é significativa a diferença de duração das codas (s): em sílabas mediais é menor - 0.081s - do que as codas (s) encontradas em sílabas finais - 0.090s. Esses resultados configuram uma diferença em relação às codas para o grande grupo de dados e não especificamente para determinado grupo de falantes.

Figura 4.7 Média de distribuição da duração da coda (s) por Posição da Coda na palavra



Fonte: Do autor.

A distribuição dos resultados, conforme Figura 4.7, mostra uma leve diferença entre os *boxplots*. Há uma maior dispersão de codas com maiores durações de (s) nas palavras em que o (s) medido estava em posição medial da palavra. Analisada de forma separada, a variável posição da coda não nos traz resultados relevantes para nossas proposições, contudo, a diferença estatística pode contribuir para descobrir se em análises mais específicas e restritas a contextos da posição da coda em separado (análise somente de codas mediais ou somente de

codas finais), encontraríamos resultados que explicassem a convergência ou, como esperado, a divergência entre as amostras de fala.

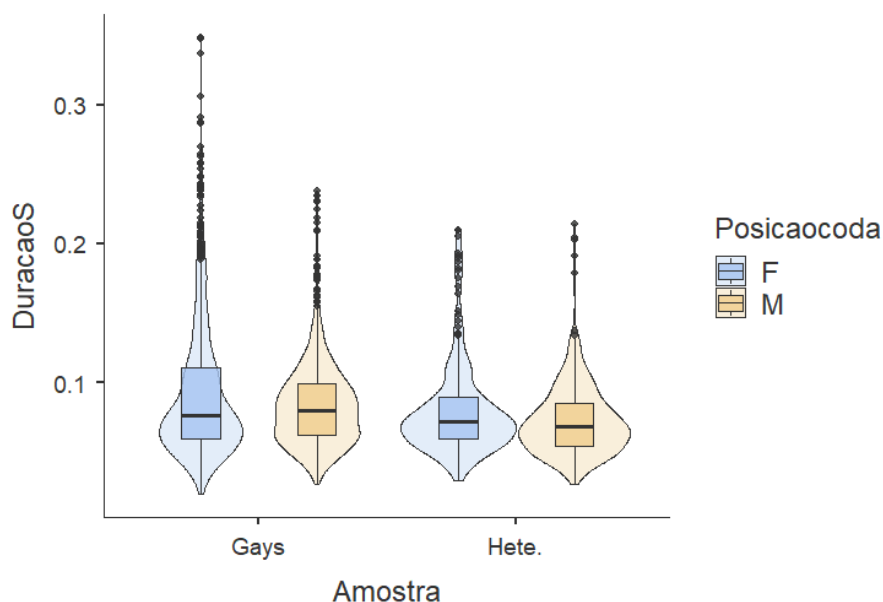
A Tabela 4.7 mostra os resultados das médias de duração do (s) em posição de coda para cada uma das orientações sexuais analisadas, assim como a Figura 4.8, nos mostra a representação gráfica destes resultados.

Tabela 4.7 Média da duração total das codas (s) por Orientação Sexual x Posição da Coda

Falantes	Posição da Coda	Média (s)
Gays	Mediais	0.083
	Finais	0.092
Não Gays	Mediais	0.073
	Finais	0.080

Fonte: Do autor

Figura 4.8 Média de distribuição da duração da coda (s) por Orientação Sexual x Posição da Coda



Fonte: Do autor.

Como na interação entre amostra e tonicidade, na interação entre amostra e posição da sílaba tampouco há indícios de diferença significativa, valor $p = 0.879$. A significância estatística volta a aparecer quando o modelo estatístico correlaciona amostra, tonicidade e

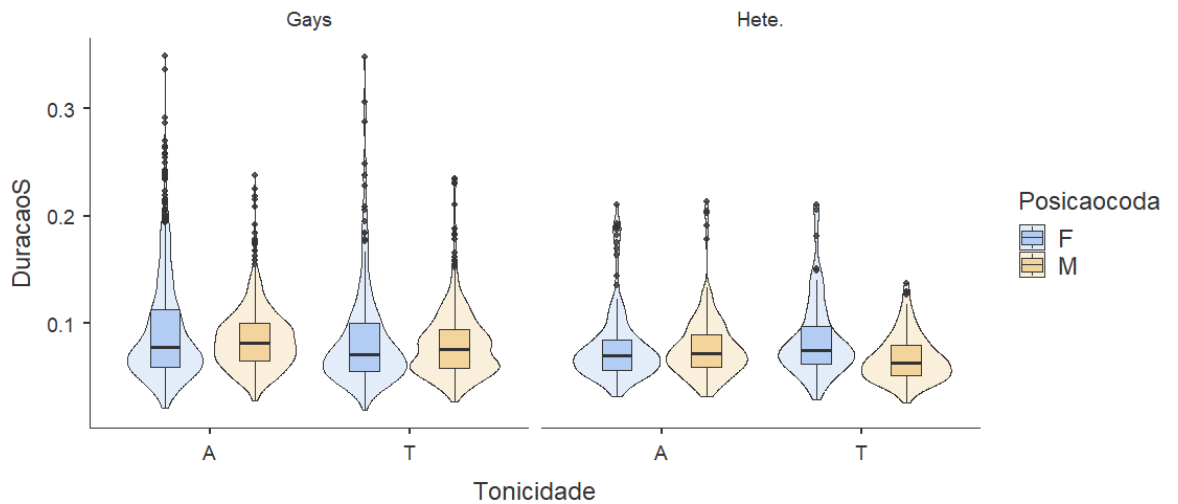
posição da coda, gerando um valor p de 0.014. Olhando para os dados das médias de duração em função da amostra x tonicidade x posição, temos:

Tabela 4.8 Média da duração total das codas (s) por Orientação Sexual x Tonicidade x Posição da Coda

Falantes	Posição da Coda	Média (s)	
Gays	Átonas	Mediais	0.085
		Finais	0.093
	Tônicas	Mediais	0.080
		Finais	0.087
Não Gays	Átonas	Mediais	0.077
		Finais	0.078
	Tônicas	Mediais	0.067
		Finais	0.085

Fonte: Do autor

Figura 4.9 Média de distribuição da duração da coda (s) por Orientação Sexual x Tonicidade x Posição da Coda



Fonte: Do autor.

Os resultados do modelo indicam que os homens gays produzem as codas (s) em posição tônica medial mais longas que os homens não gays, assim como ocorre para as codas (s) em posição átona final.

A depender da estrutura silábica, há uma variação sistemática entre a duração das sílabas. Era esperado encontrar codas (s) mais alongadas em sílabas tônicas, sendo que desde que determinada palavra não apresente outra sílaba com estrutura complexa, é a sílaba tônica que apresenta uma duração maior na palavra (COSTA e DIAS, 2014). Além disso, quando pensamos na estrutura silábica em consonância aos correlatos acústicos, Major (1985, p. 260) afirma que “Os correlatos acústicos do acento nas línguas naturais são um ou mais dos seguintes: pitch, intensidade e duração. (...) uma sílaba tônica é mais intensa e mais longa. No PB, os dados mostram os mesmos três correlatos do acento, apesar de que a duração é o mais consistente.”

Essa diferença verificada na posição medial da coda entre os dois grupos masculinos pode indicar de fato onde as duas amostras de fala divergem entre si. É possível que haja um contexto específico em que falantes gays se diferenciem de falantes não gays. A tendência identificada no resultado apresentado na Tabela 4.8 com a análise da massa de dados levantada nas amostras de fala já havia sido detectada na análise piloto de Gonçalves (2021), com 2 falantes para cada grupo de orientação sexual, em que se verificou uma diferença significativa entre as codas em posição tônica medial para os falantes dos dois grupos. A partir da interação significativa verificada entre amostra x tonicidade x posição da coda, com p valor 0.014, podemos inferir que há algum contexto nessa direção que efetivamente pode caracterizar a diferença máxima entre as duas amostras. Portanto, nosso próximo passo é comparar as amostras em função dos contextos de coda em separado.

4.1.2.1 A variação nas Tônicas Mediais

Após as análises para o conjunto total de dados, tendo como propósito verificar em que momento as duas amostras divergem quanto aos dados de duração da coda (s), fizemos as seguintes rodadas de Modelos Lineares Mistos com as codas (s):

- Tônicas Mediais x Tônicas Finais;
- Somente Tônicas Mediais;
- Somente Tônicas Finais;
- Átonas Mediais x Átonas Finais;
- Somente Átonas Mediais;

- Somente Átonas Finais.

Dessas análises, salvo a rodada feita somente com os dados de codas (s) em posição de sílabas tônicas mediais, que indicaram diferença significativa entre os dois grupos de falantes, nenhuma outra resultou em significância estatística²⁶. Foram analisados 738 dados de coda (s) em posição tônica medial em que 573 ocorrências eram provenientes da amostra Identidades Cariocas e 165, da Amostra Concordância. As análises para as sílabas tônicas mediais encontram-se dispostas na tabela abaixo.

Tabela 4.9 Medidas da duração total das codas (s) por Orientação Sexual x Tônicas Mediais

Names	Effect	Estimate	SE	Lower	Upper	df	t	P
(Intercept)	(Intercept)	0.08056	0.00342	0.07386	0.08726	24.0	23.556	<.001
Amostr1	Hete. – Gays	0.01503	0.00606	0.02691	0.00314	15.0	-2.478	0.026
Faixaetaria1	2 – 1	0.00530	0.00574	0.01655	0.00596	14.9	-0.923	0.371
Faixaetaria2	3 – 1	0.00560	0.00739	0.02009	0.00889	17.2	-0.758	0.459
Escolaridade1	ES – EM	0.00203	0.00616	0.01409	0.01004	15.9	-0.330	0.746
Amostr1 * Faixaetaria1	Hete. – Gays * 2 – 1	0.01367	0.01148	0.00884	0.03617	14.9	1.190	0.253
Amostr1 * Faixaetaria2	Hete. – Gays * 3 – 1	0.01479	0.01489	0.04397	0.01440	17.7	-0.993	0.334
Amostr1 * Escolaridade1	Hete. – Gays * ES – EM	0.00841	0.01206	0.01522	0.03204	14.6	0.698	0.496
Faixaetaria1 * Escolaridade1	2 – 1 * ES – EM	0.01732	0.01148	0.00518	0.03982	14.8	1.509	0.152
Faixaetaria2 * Escolaridade1	3 – 1 * ES – EM	0.02196	0.01276	0.00305	0.04697	15.0	1.721	0.106
Amostr1 * Faixaetaria1 * Escolaridade1	Hete. – Gays * 2 – 1 * ES – EM	0.02426	0.02290	0.02063	0.06914	14.7	1.059	0.307
Amostr1 * Faixaetaria2 * Escolaridade1	Hete. – Gays * 3 – 1 * ES – EM

Fórmula: DuracaoS ~ 1 + Amostra + Faixaetaria + Escolaridade + Amostra:Faixaetaria + Amostra:Escolaridade + Faixaetaria:Escolaridade + Amostra:Faixaetaria:Escolaridade+(1 | Falante)+(1 | Item)

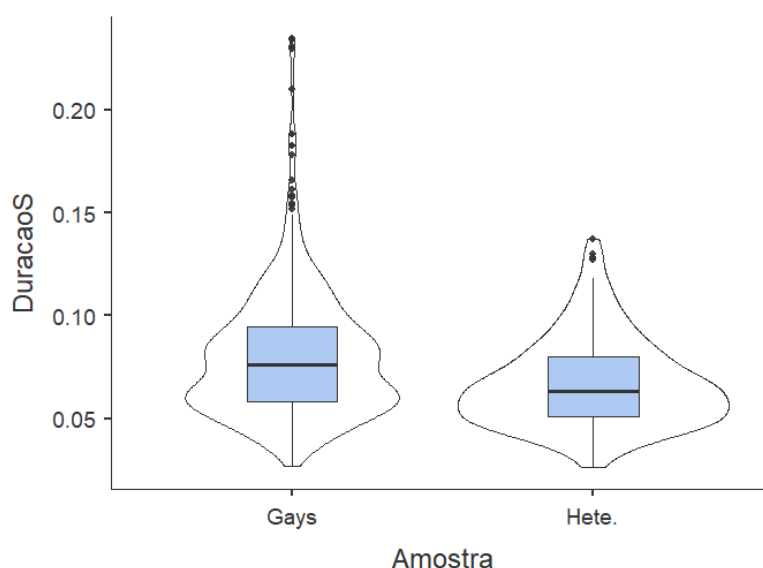
Intercept: Gays; 1ª Faixa Etária; Ensino Médio

Fonte: Do autor.

²⁶ Essas rodadas estão disponíveis na seção Anexos desta tese.

Como descrito por Gonçalves (2021), e confirmado com as análises aqui propostas, os resultados parecem indicar que são as codas tônicas mediais que diferem as duas orientações sexuais, com p valor = 0.026 e médias de 0.080s para os falantes gays e 0.067s para os falantes não gays. A Figura 4.10 ressalta essa diferença entre os dois grupos de homens cariocas.

Figura 4.10 Média de distribuição da duração da coda (s) por Orientação Sexual x Tônicas Mediais



Fonte: Do autor.

Com base em Bybee (2001) e Pierrehumbert (2003, 2016), Cristóvão Silva e Gomes (2020, p.15) afirmam que para os Modelos de Exemplos que “a representação das palavras no léxico contém detalhe fonético que agrega tanto informações articulatórias quanto acústicas, como duração dos segmentos e prosódia.” Portanto, esse detalhe fonético presente na duração da coda (s) na fala de homens gays e não gays, que permite distinguir os dois grupos quanto à sua orientação sexual, vai além das categorias tradicionais atribuídas ao conhecimento fonológico dos falantes (sexo/gênero, idade, classe social).

Esses resultados remetem também ao trabalho de Johnson (2006), conforme já mencionado na seção 1.3, sobre a relação entre variáveis fonéticas e sexo/gênero, trazendo questionamentos que podem contribuir para a análise final dos dados de (s) em coda durante a conjugação dos estudos de produção e percepção. Em suma, Johnson tinha o objetivo de

verificar como falantes que podem ser enquadrados como estereótipos e não estereótipos de gênero seriam percebidos a partir da produção de suas falas. Esses falantes foram classificados desta forma a partir dos resultados obtidos em um teste realizado por Strand (2000), em que a autora solicitou aos participantes que identificassem os falantes quanto ao gênero a partir da percepção de suas falas. Desta forma, os falantes que foram indicados mais e menos vezes como homem e mulher foram os escolhidos como os estereótipos e os não estereótipos de gênero.

Já as vozes não estereotipadas ou não prototípicas de mulher foram reconhecidas como homem, para mais de 80% das palavras, e as palavras não foram reconhecidas se o falante não era prototípico. Johnson menciona que independentemente da diferença entre tratos vocais, pessoas de diferentes sexos/gêneros desempenham gênero, isto é, expressam sua orientação sexual/identidade de gênero também através da língua. Por esta razão, incluímos no grupo controle, mulheres heterossexuais para comparação com o grupo alvo dessa pesquisa. Essas análises estão dispostas na seção 4.2.

4.2 Até que ponto homens gays e mulheres se assemelham na duração da coda (s)?

Como mencionado anteriormente, especula-se que homens gays possam ter suas falas comparadas à fala de mulheres. Desde a década de 1970, estudos como os de Lakoff (1973) e McConnell-Ginet (1978) buscam descrever algumas particularidades que podem ser observadas na fala de homens e outras que podem ser observadas na fala de mulheres. Os papéis de gênero têm forte influência nessas diferenças, construindo perante a sociedade o pensamento de que há uma maneira específica de homens falarem e outra específica de mulheres falarem, e quem não se comunica dessa forma esperada, é visto como uma pessoa que não está desempenhando o papel de gênero pré-determinado que lhe compete. O que acontece é o seguinte: se um homem homossexual não utiliza uma linguagem considerada masculina, a sociedade o estigmatiza atribuindo-lhe uma fala mais feminina, o mesmo acontece com uma mulher homossexual a qual é atribuída uma fala mais masculina. Na mídia, essas pessoas são caracterizadas com uma fala mais caricata tanto para o feminino como para o masculino e isso nem sempre reflete a realidade. Smyth e Rogers (2008) avaliam diversas

características em que homens gays e mulheres heterossexuais se aproximam na forma em que produzem suas falas e uma dessas características é quanto à duração mais alongada de /s/.

Para fins de comparação, nesta seção verificamos as análises entre os dois sexos – feminino e masculino – e as orientações sexuais pré-estabelecidas anteriormente. Em 4.2.1, analisamos a rodada estatística entre os homens não gays e as mulheres e, por fim, em 4.2.2, verificamos se há realmente uma semelhança entre a fala de homens gays e mulheres – ambas as análises com os dados de coda (s) em sílabas tônicas mediais.

4.2.1 – Homem não gays e mulheres produzem de maneira diferente a coda (s)?

Foram feitas duas rodadas estatísticas para comparar a duração das codas (s) na fala de homens não gays e mulheres: uma com todos os tipos de codas (s) – átonas, tônicas, finais e mediais – e outra com somente as codas (s) em sílabas tônicas mediais. A primeira rodada encontra-se na seção anexos desta tese, e a segunda encontra-se na Tabela 4.11 a seguir. A primeira rodada não nos mostrou diferença significativa entre os dois gêneros de falantes, assim como não foi encontrada significância estatística quando fizemos o mesmo tipo de análise para os grupos dos homens (gays x não gays).

Analisando exclusivamente as codas (s) em posição tônica medial – com um total de 306 codas medidas – também não foi encontrada significância estatística nem para as amostras entre si, muito menos para as outras variáveis analisadas, como disposto na Tabela 4.10.

Tabela 4.10 Medidas da duração total das codas (s) por Homens Não Gays e Mulheres x Tônicas
Mediais

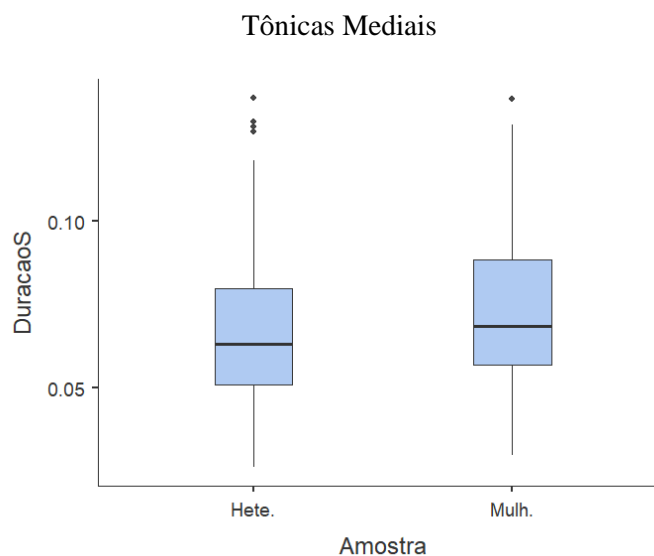
Names	Effect	Estimate	SE	Lower	Upper	Df	t	p
(Intercept)	(Intercept)	0.07243	0.00313	0.06630	0.07856	9.88	23.163	<.001
Amostr1	Mulh. - Hete.	0.01019	0.00535	2.91e-4	0.02068	5.46	1.906	0.110
Faixaetaria1	2 - 1	0.00739	0.00515	0.00271	0.01749	5.82	1.433	0.203
Faixaetaria2	3 - 1	0.01290	0.00602	0.02469	0.00110	6.02	-2.143	0.076
Escolaridade1	ES - EM	0.00593	0.00530	0.01632	0.00446	5.28	-1.118	0.312
Amostr1 * Faixaetaria1	Mulh. - Hete. * 2 - 1	0.00648	0.01025	0.01360	0.02656	5.67	0.633	0.552
Amostr1 * Faixaetaria2	Mulh. - Hete. * 3 - 1	0.02021	0.01185	0.00301	0.04343	5.68	1.706	0.142
Amostr1 * Escolaridade1	Mulh. - Hete. * ES - EM	0.00117	0.01060	0.01962	0.02195	5.27	0.110	0.917
Faixaetaria1 * Escolaridade1	2 - 1 * ES - EM	0.01404	0.01026	0.00606	0.03414	5.71	1.369	0.222
Faixaetaria2 * Escolaridade1	3 - 1 * ES - EM	0.02523	0.02029	0.06501	0.01454	5.46	-1.243	0.264
Amostr1 * Faixaetaria1 * Escolaridade1	Mulh. - Hete. * 2 - 1 * ES - EM
Amostr1 * Faixaetaria2 * Escolaridade1	Mulh. - Hete. * 3 - 1 * ES - EM

Fórmula: DuracaoS ~ 1 + Amostra + Faixaetaria + Escolaridade + Amostra:Faixaetaria + Amostra:Escolaridade + Faixaetaria:Escolaridade + Amostra:Faixaetaria:Escolaridade+(1 | Falante)+(1 | Item)

Intercept: Gays; 1ª Faixa Etária; Ensino Médio

Fonte: Do autor.

As médias de duração da coda (s) para a fala dos homens não gays (0.067s) e das mulheres (0.073s) podem ser verificadas no gráfico abaixo.

Figura 4.11 Média de distribuição da duração da coda (s) por Homens Não Gays e Mulheres x

Fonte: Do autor.

À priori, é possível considerar que os resultados tanto para o grupo total de palavras quanto para o grupo de codas tônicas mediais mostram que não há diferenças entre as falas de homens não gays e de mulheres quando a característica analisada é o (s) em posição de coda silábica. Esses resultados são interessantes na medida em que anteriormente foi verificado que há diferença de duração entre as falas de homens gays x homens não gays quando o (s) se encontra em posição de coda medial tônica. Nossa hipótese era a de que homens gays se aproximariam da fala de mulheres em alguma instância, porém os resultados verificados na comparação entre homens não gays e mulheres nos levariam a considerar outras interferências na produção da fala de homens gays.

4.2.2 – Gays e mulheres produzem de forma parecida a coda (s)?

Assim como para as análises em 4.2.1, foram feitas duas rodadas estatísticas para comparar a duração das codas (s) na fala de homens gays e mulheres: uma com todos os tipos de codas (s) – átonas, tônicas, finais e mediais – e outra com somente as codas (s) em sílabas tônicas mediais. A primeira rodada encontra-se na seção anexos desta tese, e a segunda encontra-se disposta na Tabela 4.11 a seguir. A primeira rodada não nos mostrou diferença significativa entre os dois gêneros de falantes.

Analisando exclusivamente as codas (s) em posição tônica medial – com um total de 738 codas medidas – também não foi encontrada significância estatística nem para as amostras entre si, muito menos para as outras variáveis analisadas, como disposto na Tabela 4.11.

Tabela 4.11 Medidas da duração total das codas (s) por Homens Gays e Mulheres x Tônicas Mediais

Names	Effect	Estimate	SE	Lower	Upper	Df	t	p
(Intercept)	(Intercept)	0.08689	0.00362	0.07980	0.0940	31.1	24.0283	<.001
Amostra1	Mulh. - Gays	0.00136	0.00626	0.01364	0.0109	17.7	-0.2170	0.831
Faixaetaria1	2 - 1	4.50e-4	0.00590	0.01201	0.0111	17.2	-0.0764	0.940
Faixaetaria2	3 - 1	0.00621	0.00716	0.00782	0.0202	15.8	0.8679	0.398
Escolaridade1	ES - EM	0.00207	0.00620	0.01423	0.0101	17.1	-0.3337	0.743
Amostra1 * Faixaetaria1	Mulh. - Gays * 2 - 1	0.02283	0.01178	2.52e-4	0.0459	17.1	1.9385	0.069
Amostra1 * Faixaetaria2	Mulh. - Gays * 3 - 1	0.01083	0.01440	0.01740	0.0391	16.2	0.7519	0.463
Amostra1 * Escolaridade1	Mulh. - Gays * ES - EM	0.00808	0.01215	0.01573	0.0319	15.7	0.6652	0.516
Faixaetaria1 * Escolaridade1	2 - 1 * ES - EM	0.00179	0.01172	0.02119	0.0248	16.8	0.1524	0.881
Faixaetaria2 * Escolaridade1	3 - 1 * ES - EM	0.02335	0.01267	0.00148	0.0482	15.1	1.8434	0.085
Amostra1 * Faixaetaria1 * Escolaridade1	Mulh. - Gays * 2 - 1 * ES - EM	0.00766	0.02346	0.05365	0.0383	16.8	-0.3266	0.748
Amostra1 * Faixaetaria2 * Escolaridade1	Mulh. - Gays * 3 - 1 * ES - EM

Fórmula: DuracaoS ~ 1 + Amostra + Faixaetaria + Escolaridade + Amostra:Faixaetaria + Amostra:Escolaridade + Faixaetaria:Escolaridade + Amostra:Faixaetaria:Escolaridade+(1 | Falante)+(1 | Item)

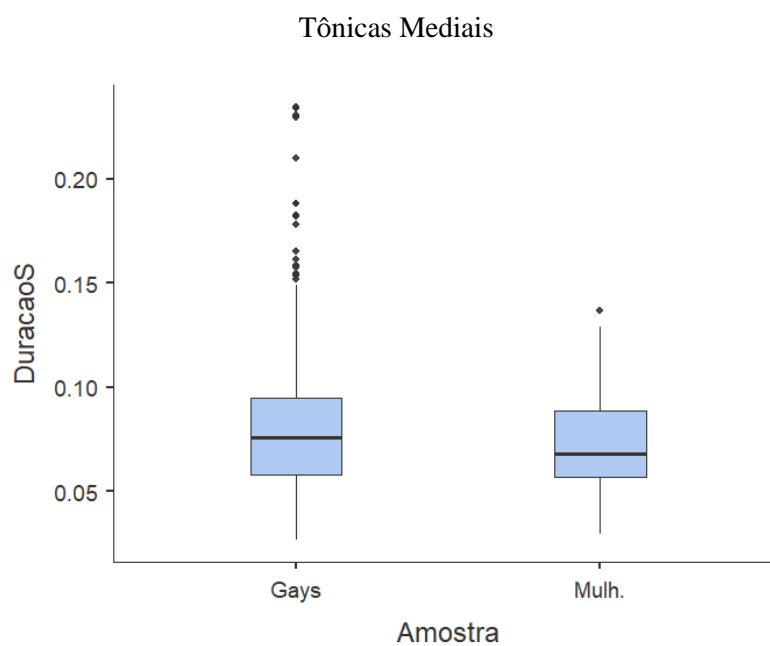
Intercept: Gays; 1ª Faixa Etária; Ensino Médio

Fonte: Do autor.

Esta análise responde parcialmente a hipótese de que os homens gays têm uma fala parecida com a de mulheres. Não podemos concluir que de fato as codas (s) produzidas por homens gays se assemelham às codas (s) produzidas pelas mulheres, pois nos resultados anteriores foi constatado que para a comparação das codas (s) na fala de homens não gays e

das mulheres também não houve diferença significativa. Os resultados das médias podem ser verificados na figura a seguir.

Figura 4.12 Média de distribuição da duração da coda (s) por Homens Gays e Mulheres x



Fonte: Do autor.

Num primeiro momento, podemos inferir que homens gays e mulheres têm características em suas falas – como o caso da coda (s) – que torna o seu jeito de falar parecido em função de características não avaliadas/medidas na presente pesquisa. Mas são os experimentos de percepção no capítulo seguinte que nos darão subsídios para fazer constatações mais aprofundadas com a conjugação dos resultados de produção descritos neste capítulo e os resultados de percepção descritos a seguir.

5. Percepções Sociolinguísticas de coda (s) e Indexação Social de Orientação Sexual

O capítulo anterior descreveu os resultados obtidos para o estudo de produção da coda (s) na fala de homens (gays e não gays) e mulheres cariocas. Os resultados indicam que há diferenças significativas entre as falas de homens gays e a de homens não gays quando analisadas as durações das codas (s) em posição tônica medial. Além disso, pode-se dizer que, quando comparadas as falas de homens gays com as falas de mulheres – quanto à ocorrência de (s) em posição de coda silábica –, não houve diferenças significativas.

Com o objetivo de verificar se a duração da coda (s) indexa ou não a orientação sexual, neste capítulo, expomos os resultados dos experimentos de percepção. Os experimentos de percepção buscam verificar se estímulos com a coda (s), produzidos por falantes homens gays e falantes homens heterossexuais, são percebidos como gay ou heterossexual e se a orientação sexual dos participantes ouvintes interfere nesta avaliação. Foram construídos dois experimentos, o experimento com todos os itens da lista de palavras produzidos pelos 12 falantes (1 lista de palavras x 12 falantes) (5.1) e o experimento com os mesmos itens da lista de palavras anterior, porém produzidas por diferentes falantes de orientações sexuais diferentes (20 palavras, cada uma lida por um dos 12 falantes, sendo que a partir da 13^a palavra repetiam-se 8 desses falantes) (5.2). Nos dois experimentos, o participante primeiramente ouve a lista de palavras e depois atribui uma resposta sobre como o falante soa (gay, um pouco gay, um pouco heterossexual, heterossexual) enquanto faz a leitura da lista de palavras. Conforme Drager (2010), a conjugação de estudos de produção e percepção pode facilitar a compreensão de determinados aspectos concernentes aos objetos de estudos analisados, neste caso, pode trazer contribuições acerca de como os estereótipos são formados e como a variação linguística é armazenada na mente e que tipos de processos cognitivos subjazem o uso da linguagem.

5.1 – Experimento 1 – A lista de palavras: Percebendo o indivíduo

O experimento 1 é composto por estímulos retirados da leitura da lista de palavras, do quadro 3.1, por cada um dos 12 falantes, 6 deles de orientação sexual homossexual – retirados

da Amostra Identidades cariocas – e os outros 6, de orientação heterossexual²⁷. É importante lembrar que todos os falantes autodeclararam sua orientação sexual no momento da gravação de suas falas.

Na apresentação do experimento 1, os participantes ouviram 12 estímulos (cada um dos 12 homens – gays ou heterossexuais – lendo a lista completa com as 20 palavras) e em seguida os avaliaram, de acordo com a forma que os falantes soavam, conforme a seguinte ordem na escala *likert*: gay (1), um pouco gay (2), um pouco heterossexual (3) ou heterossexual (4). Das palavras lidas²⁸, temos a seguinte classificação conforme a posição da coda (s) na palavra:

Quadro 5.1 Classificação da coda (s) quanto à Tonicidade e Posição da Coda na palavra

Classificação da coda (s)	Palavra
Tônica Medial	As.no
Átona Medial	A. tes.ta.do
Átona Medial	Bis.coi.to
Tônica Medial	Cas.co
Tônica Medial	Ces.to
Tônica Medial	Cis.ne
Tônica Medial	Cus.to
Átona Medial	Cus.to.so
Átona Medial	Dis.co.te.ca
Tônica Medial	Fós.fo.ro
Átona Medial	Fus.cão
Átona Medial	Gos.to.so
Átona Medial	His.tó.ri.co
Átona Medial	Jus.ti.ça
Tônica Medial	Mos.ca
Tônica Medial	Or.ga. nis.mo
Tônica Medial	Pas.ta
Átona Medial	Ris.ca.do
Átona Final	Tra.qui. nas
Tônica Medial	Vas.co

Fonte: Do autor.

²⁷ Os falantes heterossexuais não fazem parte da Amostra Concordância, foram selecionados especialmente para os Experimentos de Percepção. Esses falantes se autodeclararam heterossexuais e deles somente foram gravadas as listas de palavras que compõem os experimentos 1 e 2.

²⁸ Conforme mencionado anteriormente, essas palavras foram retiradas da lista de palavras lidas pelos participantes das entrevistas no momento da gravação de suas vozes. É importante que em trabalhos futuros seja feito um controle sobre essas características para eventuais experimentos com a coda (s).

No total, participaram deste experimento 53 indivíduos, sendo eles 14 do gênero masculino e 39 do gênero feminino. Do gênero masculino temos 3 ouvintes LGBTs²⁹ e 11 heterossexuais, em contrapartida, do gênero feminino temos 10 ouvintes LGBTs e 29 heterossexuais. No total geral para este experimento, o experimento 1 foi aplicado a 40 pessoas heterossexuais e 13 pessoas LGBTs. Essa discrepância de grupos de orientação sexual se dá por conta do local onde foram selecionados os participantes. Houve três momentos de aplicação do experimento 1: na Universidade São José, na Universidade Veiga de Almeida e no Instituto Federal do Rio de Janeiro – *Campus Realengo*. Na Universidade São José, o curso de graduação dos participantes foi predominantemente o de Educação Física, um curso de graduação pouco escolhido por homens LGBTs; na Universidade Veiga de Almeida, os participantes foram predominantemente do curso de Fonoaudiologia, turma em que a maioria dos discentes são do gênero feminino; e no Instituto Federal do Rio de Janeiro, a predominância dos participantes foram de turmas de Terapia Ocupacional, que também é um curso majoritariamente frequentado por estudantes do gênero feminino. Esses perfis de estudantes dos cursos nos levam a entender o porquê de a maioria dos participantes do experimento 1 ser do gênero feminino.

5.1.1 – Analisando os indivíduos

O Quadro 5.2 a seguir apresenta a distribuição dos resultados por falante de cada lista, com o total de respostas para cada nível da escala. No quadro, G e H identificam a orientação sexual do falante e, de A a F, os diferentes falantes. Os falantes nomeados com as letras A,B e C são da primeira faixa etária; os D, E e F são da segunda faixa etária. No Quadro 5.2, é possível verificar essa distribuição de respostas seguida da porcentagem em cada um dos 4 pontos de como cada falante soava para o ouvinte.

²⁹ O grupo LGBT inclui participantes Gays, Bissexuais ou Lésbicas.

Quadro 5.2 Distribuição das respostas para a Orientação Sexual dos falantes dos estímulos 4 níveis

Falante	Resposta			
	1 (Gay)	2 (um pouco Gay)	3 (um pouco Heterossexual)	4 (Heterossexual)
G.A	38 (72%)	6 (11%)	1 (2%)	8 (15%)
G.B	39 (73%)	8 (15%)	3 (6%)	3 (6%)
G.C	34 (64%)	14 (26%)	2 (4%)	3 (6)
G.D	0 (0%)	0 (0%)	8 (15%)	45 (85%)
G.E	4 (8%)	13 (25%)	14 (26%)	22 (41%)
G.F	6 (11%)	20 (38%)	11 (21%)	16 (30%)
H.A	17 (32%)	12 (23%)	10 (19%)	14 (26%)
H.B	1 (2%)	0 (0%)	9 (17%)	43 (81%)
H.C	5 (9%)	9 (17%)	13 (25%)	26 (49%)
H.D	12 (23%)	8 (15%)	11 (21%)	22 (41%)
H.E	0 (0%)	0 (0%)	10 (19%)	43 (81%)
H.F	8 (15%)	12 (23%)	12 (23%)	21 (49%)
Total de Respostas por falante				53

Fonte: Do autor.

A distribuição geral das respostas já nos mostra algumas tendências de resultados. Os falantes gays mais jovens (G.A, G.B e G.C) foram percebidos mais vezes como gays (ou um pouco gay) do que como heterossexuais (ou um pouco heterossexuais). Na percepção dos falantes gays da segunda faixa etária (G.D, G.E e G.F) não foi observada a mesma tendência de respostas observada para os falantes gays mais jovens. Há uma maior variabilidade de repostas neste grupo, de forma que o falante G.D não foi percebido nenhuma vez como um falante que soa gay (ou um pouco gay), sendo avaliado como hetero, e o falante G.E tendeu a ser avaliado como heterossexual, diferentemente de G.F cujo resultados não foram tão claros quanto a pender em uma única direção.

Para os falantes heterossexuais, somente o falante H.A parece soar diferente dos demais. Enquanto os falantes H.B e H.E soaram claramente heterossexuais, H.C, H.D e H.F tenderam a serem avaliados como heterossexuais, considerando as respostas dos níveis 3 e 4 da escala. O falante H.A soou um pouco mais gay (55%) do que heterossexual (45%).

Para melhor situar as tendências das respostas, em um segundo momento, combinamos os resultados 1 e 2, obtendo a resposta Gay, e os resultados 3 e 4, obtendo a resposta Heterossexual. Essa forma de análise deixa os resultados mais robustos sem que se enviesem os resultados finais das análises. O Quadro 5.3 resume os resultados obtidos para cada

uma das duas repostas, inclusive deixando mais claro a diferença entre as repostas em cada falante.

Quadro 5.3 Distribuição binária das repostas para a Orientação Sexual dos falantes dos estímulos

Falante	Resposta	
	Gay	Heterossexual
G.A	44 (83%)	9 (17%)
G.B	47 (89%)	6 (11%)
G.C	48 (91%)	5 (9%)
G.D	0 (0%)	53 (100%)
G.E	17 (32%)	36 (68%)
G.F	26 (49%)	27 (51%)
H.A	29 (55%)	24 (45%)
H.B	1 (2%)	52 (98%)
H.C	14 (26%)	39 (74%)
H.D	20 (38%)	33 (62%)
H.E	0 (0%)	53 (100%)
H.F	20 (38%)	33 (62%)

Fonte: Do autor.

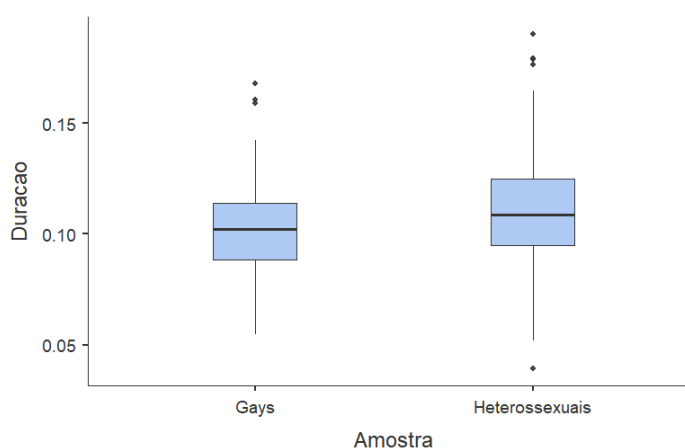
Essa nova redistribuição dos dados nos ajuda a entender melhor a direção dos resultados obtidos. Os falantes que obtiveram alguma resposta acima de 80% - G.A, G.B, G.C, G.D, H.B e H.E – foram percebidos pelo participantes em consonância com a orientação que autodeclararam. Já o falante G.D. foi claramente percebido como tendo orientação diferente e, em relação a G.F e H. A., houve uma tendência a serem avaliados diferentemente do que se autodeclararam. Esses resultados nos fazem questionar qual fator linguístico influencia a percepção do participante enquanto os avaliam. Nossa hipótese é a de que a duração da coda (s) pode influenciar nesta distinção. Levando-se em consideração que, no capítulo 4, verificamos que a duração das codas (s) em sílaba tônica medial diferencia os falantes gays dos falantes não gays, foram estabelecidas as médias das 20 codas (s) de cada lista de palavras por falantes para fins de verificação conforme a tabela 5.1.

Tabela 5.1 Médias totais e na sílaba tônica da coda (s) dos falantes

Falante	Média total da coda (s)	Média da coda (s) medial em sílaba tônica	Falante	Média total da coda (s)	Média da Coda (s) medial em sílaba tônica
G.A	0.114	0.111	H.A	0.115	0.113
G.B	0.105	0.103	H.B	0.111	0.097
G.C	0.105	0.099	H.C	0.136	0.137
G.D	0.098	0.094	H.D	0.114	0.110
G.E	0.096	0.088	H.E	0.080	0.075
G.F	0.094	0.093	H.F	0.106	0.107
Média Total por Grupo					
G	0.102	0.098	H	0.110	0.107

Fonte: Do autor

Os resultados obtidos para as médias totais da coda (s) de cada falante do experimento não ajudam a resolver essa questão de forma isolada, visto que, quando calculada a média geral por grupo da orientação sexual dos participantes, a média geral das codas (s) dos falantes heterossexuais (0.110s) é mais alta que a dos falantes homossexuais (0.102s). Na Figura 5.1 podemos observar a distribuição das medidas de duração das palavras da lista por grupo de orientação sexual.

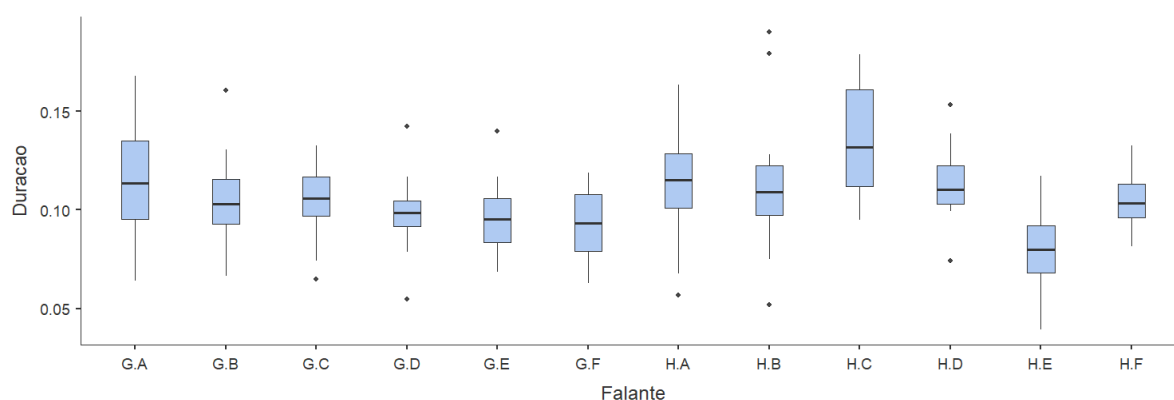
Figura 5.1 Distribuição dos valores de duração da coda (s) por orientação sexual dos falantes dos estímulos

Fonte: Do autor.

A Figura 5.2 nos mostra a distribuição das médias das codas (s) por falante. A média das codas (s) em posição medial da sílaba dos falantes G.A, G.B e G.C (0.111, 0.103 e 0.099s, respectivamente) são mais altas do que as médias dos falantes G.D, G.E e G.F (0.094, 0.088 e

0.093s, respectivamente), o que poderia indicar o porquê dos falantes da primeira faixa etária terem soado como gays mais vezes do que os falantes da segunda faixa etária, de acordo com a percepção dos participantes do experimento. O falante G.D é o falante da segunda faixa etária com a maior média de duração desta faixa (total = 0.098s; medial = 0.094s) tendo sido percebido por todos os participantes como heterossexual em 100% das respostas. Esse resultado é inesperado, uma vez que os falantes G.E e G.F, cujas médias são, respectivamente, 0.096s e 0.094s pouco mais baixas do que a média do G.D, foram percebidos como gays. Quanto aos falantes heterossexuais, salvo o falante H.E com a média em 0.080s – que é percebido 100% como heterossexual –, todos os outros 5 falantes heterossexuais possuem médias mais altas de duração para as codas (s). Uma vez que, de acordo com a Tabela 5.1, os estímulos tanto de falantes gays como de falantes heterossexuais não se diferenciam em função da duração da coda média geral e média da sílaba tônica, a identificação da orientação sexual dos indivíduos conforme o Quadro 5.3 pode se dever a características não controladas dos estímulos.

Figura 5.2 Distribuição dos valores de duração da coda (s) por Falantes dos estímulos do Experimento 1



Fonte: Do autor.

Os valores da Tabela 5.1, relativos à média por falante da coda (s) medial em sílaba tônica, acompanham a mesma tendência observada para a média total, que considera todas as produções de (s) em coda, independentemente da tonicidade e da posição da sílaba na palavra, para a maioria dos homens do grupo gay. Nesse caso, a média total mais baixa na sílaba tônica está alinhada à avaliação desses falantes como heterossexuais. No grupo dos homens hétero,

também se observa uma proximidade entre a média total e a média da coda medial na sílaba tônica, com exceção de H. B. Observa-se também a média mais alta de duração da coda (s) em sílaba tônica de H.A e a média mais baixa da coda (s) medial em sílaba tônica do falante H.B. De acordo com o Quadro 5.3, H.A. foi avaliado como gay e H.B. como heterossexual, assim como H.D, H.E e H.F.

Para que possamos verificar se há alguma relação entre a orientação sexual do ouvinte (juiz) x falante, distribuimos os resultados das respostas dos participantes em função de sua orientação sexual para cada grupo de falantes:

Quadro 5.4 Quadro de respostas binárias por Orientação Sexual do Participante

Orientação Sexual do Participante	Orientação Sexual do Falante						Total Geral
	Gay		Total	Heterossexual		Total	
	Gay	Hetero		Gay	Hetero		
Homem Heterossexual	35 (53%)	31 (47%)	66	15 (23%)	51 (77%)	66	132
Homem LGBT	14 (78%)	4 (22%)	18	7 (39%)	11 (61%)	18	36
Mulher Heterossexual	94 (54%)	80 (46%)	174	47 (27%)	127 (73%)	174	348
Mulher LGBT	39 (65%)	21 (35%)	60	15 (25%)	45 (75%)	60	120

Fonte: Do autor.

Os resultados disponíveis no quadro 5.4 nos ajudam a entender a distribuição das respostas em função da orientação sexual dos participantes. Observa-se que os estímulos produzidos pelos falantes gays foram avaliados majoritariamente como gays pelo grupo de participantes Homem LGBT (78%), assim como por participantes do grupo Mulher LGBT (65%). Os grupos de participantes Homens e de Mulheres Heterossexual também avaliam os falantes gays mais vezes como gays do que como heterossexuais, respectivamente 53% e 54%, porém, sem uma diferença acentuada entre as duas respostas. Já os estímulos produzidos por falantes homens heterossexuais foram bem reconhecidos pelos participantes das quatro categorias. Ou seja, os resultados mostram que a orientação sexual do participante ouvinte não necessariamente interfere na resposta atribuída sobre a orientação sexual do falante, principalmente quando nos referimos aos indivíduos heterossexuais, que avaliaram mais vezes os falantes gays como gays e os falantes heterossexuais como heterossexuais.

Considerando as respostas atribuídas a cada falante individualmente, verificamos, primeiramente, os resultados encontrados para os falantes gays.

Quadro 5.5 Distribuição de respostas binárias por Orientação Sexual do Participante x Falantes Gays Individualmente

Falante	Orientação Sexual do Participante	Respostas	
		GAY	HETEROSSEXUAL
G.A	Homem Hetero.	9 (82%)	2 (18%)
	Homem LGBT	3 (100%)	0 (0%)
	Mulher Hetero.	22 (76%)	7 (24%)
	Mulher LGBT	10 (100%)	0 (0%)
$X^2= 3.724(3), p=0.2929$			
Falante	Orientação Sexual do Participante	Respostas	
		GAY	HETEROSSEXUAL
G.B	Homem Hetero.	8 (73%)	3 (27%)
	Homem LGBT	3 (100%)	0 (0%)
	Mulher Hetero.	28 (97%)	1 (3%)
	Mulher LGBT	8 (80%)	2 (20%)
$X^2= 5.7118(3), p=0.1265$			
Falante	Orientação Sexual do Participante	Respostas	
		GAY	HETEROSSEXUAL
G.C	Homem Hetero.	11 (100%)	0 (0%)
	Homem LGBT	3 (100%)	0 (0%)
	Mulher Hetero.	24 (83%)	5 (17%)
	Mulher LGBT	10 (100%)	0 (0%)
$X^2= 4.569(3), p=0.2062$			
Falante	Orientação Sexual do Participante	Respostas	
		GAY	HETEROSSEXUAL
G.D	Homem Hetero.	0 (0%)	11 (100%)
	Homem LGBT	0 (0%)	3 (100%)
	Mulher Hetero.	0 (0%)	29 (100%)
	Mulher LGBT	0 (0%)	10 (100%)
$X^2= NA, p=NA$			
Falante	Orientação Sexual do Participante	Respostas	
		GAY	HETEROSSEXUAL
G.E	Homem Hetero.	3 (27%)	8 (73%)
	Homem LGBT	3 (100%)	0 (0%)
	Mulher Hetero.	5 (17%)	24 (83%)
	Mulher LGBT	6 (60%)	4 (40%)
$X^2= 12.977(3), p=0.004686$			
Falante	Orientação Sexual do	Respostas	
G.F		GAY	HETEROSSEXUAL

	Participante		
	Homem Hetero.	4 (36,4%)	7 (63,6 %)
	Homem LGBT	2 (67%)	1 (33%)
	Mulher Hetero.	15 (52%)	14 (48%)
	Mulher LGBT	5 (50%)	5 (50%)
$X^2= 1.1675(3), p=0.7608$			

Fonte: Do autor.

O falante G.A foi avaliado majoritariamente como uma pessoa que “soa gay” por todos os grupos de participantes do experimento do que como uma pessoa que “soa heterossexual”. Os grupos de participantes que se enquadram nas orientações sexuais LGBTs são os participantes que relacionam 100% corretamente a resposta “soar gay” ao falante G.A. O valor obtido para o teste de qui-quadrado confirma que não há diferença significativa entre os resultados, como observado, é possível mencionar que, de maneira geral, todos os grupos de participantes tenderam a avaliar o falante G.A como gay.

Em relação ao segundo falante, G.B, foram obtidos resultados semelhantes aos do falante G.A. Todos os quatro grupos de participantes tenderam a avaliá-lo como gay, o que é comprovado com o p-valor >0.005 do teste de qui-quadrado. O que o diferencia do falante G.A é que somente o grupo de participantes masculinos LGBTs é que o avalia 100% como gay, havendo um pouco de variação nas respostas dos demais grupos de orientação sexual (homens heterossexuais, mulheres heterossexuais e mulheres LGBTs).

O falante G.C recebeu 100% de avaliações “soa gay” para os grupos de participantes homem heterossexual, homem LGBT e mulher LGBT e 83% do grupo de mulheres heterossexuais. De acordo com o resultado do p-valor > 0.005 para o teste de qui-quadrado, novamente é possível afirmar que não há diferença entre os grupos de participantes, todos tenderam a avaliar este falante como gay. É importante ressaltar que esses três primeiros falantes são falantes gays com faixa etária entre 21 e 35 anos de idade. Esse comentário pode ser interessante para fins de novos objetivos em futuras pesquisas já que a partir do falante G.D os resultados não serão mais tão evidentes para a avaliação “soar gay”.

O falante G.D foi 100% avaliado como uma pessoa que soa heterossexual por todos os participantes do experimento, isto é, por todos os quatro grupos de orientações sexuais. Esses dados foram inesperados já que a tendência encontrada anteriormente nos resultados dos outros 3 falantes gays se mantinha voltada para a resposta “soar gay”. A média total da coda

(s) para o falante G.D é de 0.098s (cf. Tabela 5.1), sendo mais baixa que a média das codas (s) para os falantes G.A, G.B e G.C. Apesar de as médias das codas (s) para os falantes G.D, G.E e G.F serem mais baixas que as médias para os falantes G.A, G.B e G.C não há exatamente um padrão que possa ser considerado relevante para dizer com precisão que os falantes mais velhos, esses da segunda faixa etária (36 a 50 anos – G.D, G.E e G.F), são falantes que soam diferente dos demais em função da duração das codas (s), já que não foi observado efeito significativo da faixa etária na duração da coda (s) nos dados de produção analisados no capítulo anterior. Esse fato é corroborado pela avaliação de G.E e G.F, cujas médias de duração encontradas são respectivamente 0.096s e 0.094s, menores que a do falante G.D, que é o único falante com predominância de respostas “soa heterossexual”.

Os resultados para o falante G.E também são diferentes dos demais. O resultado do teste de qui-quadrado, cujo valor $p < 0.05$, é indicativo de que há diferença significativa entre as atribuições de respostas por cada grupo de orientação sexual. Os homens LGBTs (100%) e as mulheres LGBTs (60%) tenderam a avaliar o falante G.E como uma pessoa que soa gay, já os homens heterossexuais e as mulheres heterossexuais avaliaram esse falante como uma pessoa que soa heterossexual, com porcentagem de 73% e 83% respectivamente.

O último falante gay, G.F, obteve respostas cuja direção não é tão clara de se delinear. O p-valor do teste de qui-quadrado resultou em $p = 0.7608$, isto significa que não há diferença entre as categorias de participantes na avaliação dos estímulos. No entanto, quando verificamos a distribuição dos dados, não identificamos esta tendência em duas das quatro orientações sexuais dos participantes. Os homens heterossexuais tenderam a avaliar este falante como heterossexual (63,6%) e os homens LGBTs, como gay (67%), enquanto os dois grupos de orientação sexual das mulheres não se decidiram claramente por um caminho, 52% de respostas “gay” dadas pelas mulheres heterossexuais e 50% pelas mulheres LGBTs.

Em suma, os falantes gays obtiveram resultados que os dividem em algumas nuances: os falantes G.A, G.B e G.C são nitidamente percebidos como gays; o falante G.D é excepcionalmente o único falante percebido como heterossexual; há convergências entre os resultados em função da orientação sexual para o falante G.E, participantes LGBTs tendem a avaliá-lo como gay e participantes heterossexuais tendem a avalia-lo como heterossexual; o falante G.F é o falante com a distribuição de respostas mais diversificada de todos os falantes

gays, provavelmente há mais características linguísticas, que não foram controladas no experimento, em conflito que levam os participantes do experimento a não terem uma tendência em relação às suas respostas quanto a como este falante soa enquanto fala.

No Quadro 5.6, temos os resultados encontrados para os falantes heterossexuais.

Quadro 5.6 Distribuição de respostas binárias por Orientação Sexual do Participante x Falantes Heterossexuais Individualmente

Falante	Orientação Sexual do Participante	Respostas	
		GAY	HETEROSSEXUAL
H.A	Homem Hetero.	3 (27%)	8 (73%)
	Homem LGBT	3 (100%)	0 (0%)
	Mulher Hetero.	17 (89%)	12 (11%)
	Mulher LGBT	6 (60%)	4 (40%)
$X^2= 6.1175(3), p=0.106$			
Falante	Orientação Sexual do Participante	Respostas	
		GAY	HETEROSSEXUAL
H.B	Homem Hetero.	0 (0%)	11 (100%)
	Homem LGBT	0 (0%)	3 (100%)
	Mulher Hetero.	0 (0%)	29 (100%)
	Mulher LGBT	1 (10%)	9 (90%)
$X^2= 4.3827(3), p=0.223$			
Falante	Orientação Sexual do Participante	Respostas	
		GAY	HETEROSSEXUAL
H.C	Homem Hetero.	4 (36,4%)	7 (63,6%)
	Homem LGBT	2 (67%)	1 (33%)
	Mulher Hetero.	8 (27,6%)	21 (72,4%)
	Mulher LGBT	0 (0%)	10 (100%)
$X^2= 6.6709(3), p=0.08316$			
Falante	Orientação Sexual do Participante	Respostas	
		GAY	HETEROSSEXUAL
H.D	Homem Hetero.	4 (36,4%)	7 (63,6%)
	Homem LGBT	0 (0%)	3 (100%)
	Mulher Hetero.	12 (41,4)	17 (58,6%)
	Mulher LGBT	4 (40%)	6 (60%)
$X^2= 2.0127(3), p=0.5698$			
Falante	Orientação Sexual do Participante	Respostas	
		GAY	HETEROSSEXUAL
H.E	Homem Hetero.	0 (0%)	11 (100%)
	Homem LGBT	0 (0%)	3 (100%)
	Mulher Hetero.	0 (0%)	29 (100%)

	Mulher LGBT	0 (0%)	10 (100%)
$X^2= NA, p=NA$			
Falante	Orientação Sexual do Participante	Respostas	
		GAY	HETEROSSEXUAL
H.F	Homem Hetero.	4 (36,4%)	7 (63,6%)
	Homem LGBT	2 (67%)	1 (33%)
	Mulher Hetero.	10 (35,5%)	19 (64,5%)
	Mulher LGBT	4 (40%)	6 (60%)
$X^2= 1.2299(3), p=0.7458$			

Fonte: Do autor.

Diferentemente dos falantes gays da primeira faixa etária que tiveram uma tendência maior em serem avaliados mais assertivamente conforme sua orientação sexual, o primeiro falante heterossexual, H.A, foi avaliado como gay por 3 dos 4 grupos de juízes. O único grupo de participantes que o classificou preferencialmente como heterossexual foi o de homens heterossexuais (73%). Os demais grupos escolheram a opção “soa gay mais vezes – homens LGBTs, 100%; mulheres heterossexuais, 89%; e mulheres LGBTs, 60%). O resultado do teste de qui-quadrado confirma esta tendência em ser mais vezes avaliado como gay nas três categorias mencionadas, p-valor= 0.106.

O falante H.B foi quase que unanimemente avaliado como heterossexual, salvo por uma participante mulher LGBT que o avaliou como gay. A tendência para este resultado é afirmada com o valor encontrado para o teste de qui-quadrado, p-valor= 0.223.

O terceiro falante heterossexual, H.C, obteve resultados mais distribuídos entre as duas categorias utilizadas na análise final – gay ou heterossexual. A direção das respostas leva o falante H.C a ser avaliado mais vezes como uma pessoa que soa heterossexual pelos homens heterossexuais (63,6%), pelas mulheres heterossexuais (72,4%) e mulheres LGBTs (100%). Somente os homens LGBTs o avaliaram majoritariamente como gay (67%) em vez de heterossexual. Este é o falante com a média das codas (s) mais alta entre os 12 falantes que compõem o experimento, com 0.136s. Os dados da Tabela 5.1 sobre a duração das codas (s) mostram que houve, na maioria dos casos, convergência das durações das codas entre as duas orientações sexuais, diferente do comportamento observado nos dados de produção de fala espontânea.

Para o falante H.D, já a confirmar pelo resultado do teste de qui-quadrado, p-valor = 0.5698, há uma mesma tendência na avaliação do mesmo como heterossexual nos quatro

grupos de participantes: homens heterossexuais (63,6%), homens LGBTs (100%), mulheres heterossexuais (58,6%) e mulheres LGBTs (60%).

O quinto falante heterossexual, H.E, pode ser considerado como o falante que soa prototipicamente heterossexual, levando em consideração que todos os seus resultados foram 100% de respostas para uma pessoa que soa heterossexual. Uma característica interessante que deve ser mencionada aqui é que a duração média das codas (s) para este falante é a mais baixa (0.080s), assim como a média da coda na posição medial em sílaba tônica (0.075s), entre todo o grupo dos 12 falantes selecionados para o experimento, podendo ser uma das características que leva o participante ouvinte a distingui-lo com 100% de acurácia conforme sua orientação sexual.

O último falante que compõe o experimento 1 é o falante H.F. A tendência de resposta para este falante é a de que ele soa mais vezes como uma pessoa heterossexual, além de ser a sua orientação sexual. A mesma tendência das respostas para os quatro grupos de participantes também é atestada pelo p-valor = 0.7458 obtido pelo teste de qui-quadrado. Somente o grupo dos homens LGBTs avaliou este falante 67% das vezes como alguém que soa gay, os demais (homens heterossexuais – 63,6%, mulheres heterossexuais – 64,5%, e mulheres LGBTs – 60%) seguiram a direção da resposta “soa heterossexual”.

Em suma, os falantes heterossexuais foram majoritariamente avaliados como pessoas que soam heterossexual, diferente do grupo dos homens gays em que três falantes foram avaliados majoritariamente como pessoas que soam heterossexual.

A última análise a ser descrita para os dados do experimento 1 foi feita utilizando o Modelo Logístico Misto. O modelo de regressão logística é utilizado preferencialmente quando a variável dependente é binária, no nosso caso a variável resposta com duas categorias: gay e hetero, sendo considerada binária. A escolha pelo Modelo Logístico Misto se dá com o mesmo objetivo do modelo escolhido para ser utilizado no estudo de produção (ver capítulo 4), que assim como os Modelos Lineares Mistos é uma classe de modelos estatísticos que especifica, em sua equação, dois tipos de efeitos: efeitos fixos e aleatórios.

Com objetivo de verificar se há influência e correlação entre a orientação sexual do falante e a orientação sexual do participante nas respostas atribuídas, montamos um modelo

(em que os resultados estão apresentados na Tabela 5.2) no qual as variáveis de efeitos fixos fossem: Orientação do Falante (com 2 níveis: gays e heterossexuais) e Orientação Sexual do Participante (com 4 níveis: Homem Heterossexual, Homem LGBT, Mulher Heterossexual e Mulher LGBT). Para os efeitos aleatórios incluímos a variável Participante.

Tabela 5.2 Medidas das respostas dadas pelos participantes em função da Orientação Sexual dos falantes e dos participantes³⁰

Names	Effect	Estimate	SE	exp(B)	Lower	Upper	Z	p
(Intercept)	(Intercept)	0.202	0.120	1.224	0.968	1.547	1.686	0.092
OrientacaoF1	H - G	1.481	0.239	4.396	2.750	7.027	6.186	< .001
OrientacaoP1	HLGBT - HH	-0.952	0.419	0.386	0.170	0.878	2.271	0.023
OrientacaoP2	MH - HH	-0.135	0.223	0.874	0.564	1.354	0.604	0.546
OrientacaoP3	MLGBT - HH	-0.311	0.278	0.732	0.425	1.263	1.120	0.263
OrientacaoF1 * OrientacaoP1	H - G * HLGBT - HH	0.360	0.838	1.433	0.277	7.401	0.429	0.668
OrientacaoF1 * OrientacaoP2	H - G * MH - HH	-0.190	0.446	0.827	0.345	1.984	0.425	0.671
OrientacaoF1 * OrientacaoP3	H - G * MLGBT - HH	0.373	0.556	1.451	0.488	4.316	0.670	0.503

Fórmula: Resposta ~ 1 + OrientacaoF + OrientacaoP + OrientacaoF:OrientacaoP + (1 | Participante)

Intercept: G (Gay); HH (Homem Heterossexual)

Fonte: Do autor.

Os resultados da Tabela 5.2 confirmam a tendência de avaliar como hétero os falantes héteros dos estímulos (p-valor=<.001 para o fator orientação do falante), e que os homens LGBT foram os que menos fizeram essa correlação (estimate - 0.952 e p-valor=0.023).

³⁰ As letras e siglas G, H, HH, HLGBT, MH e MLGBT correspondem respectivamente a: Gays, Heterossexuais, Homens Heterossexuais, Homens LGBTs, Mulheres Heterossexuais e Mulheres LGBTs.

5.2 – Experimento 2 – Percebendo o grupo

O experimento 2 é composto das mesmas 20 palavras presentes no Experimento 1, conforme mostradas no Quadro 5.1 (asno, atestado, biscoito, casco, cesto, cisne, custo, custoso, discoteca, fósforo, fuscão, gostoso, histórico, justiça, mosca, organismo, pasta, riscado, traquinas, vasco), organizadas para serem avaliadas isoladamente, isto é, cada uma das 20 palavras, apresentadas em ordem aleatória e ditas por diferentes falantes, recebia uma avaliação se soavam mais gay ou mais hetero. Cada participante ouviu 20 itens lexicais, dez lidos por falantes gays e 10 lidos por falantes heterossexuais.

No experimento 2, os participantes avaliaram como os falantes soavam, conforme a seguinte ordem na escala *likert*: gay (1), um pouco gay (2), um pouco heterossexual (3) ou heterossexual (4).

Esse experimento foi majoritariamente aplicado na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, tendo como voluntários os estudantes de Letras e da Faculdade de Belas Artes. Obtivemos um total de 62 participantes, dos quais 19 são do sexo masculino e 43 do sexo feminino. Desses 19 participantes, 8 se autodeclararam homens LGBTs e 11, heterossexuais. Das 43 participantes, 19 declaradamente LGBTs e 24, heterossexuais. Portanto, temos 35 pessoas heterossexuais e 27 LGBTs, um número um pouco mais equilibrado se comparado ao número de participantes quanto sua orientação sexual do experimento 1.

O Quadro 5.7 a seguir apresenta o total de respostas atribuídas pelos participantes ouvintes com relação a como soa cada um dos 2 grupos de falantes – os homens gays e os homens heterossexuais – de acordo com a escala apresentada anteriormente.

Quadro 5.7 Quadro de respostas totais por grupo de falantes

Falante	Respostas			
	1 (Gay)	2 (um pouco Gay)	3 (um pouco Heterossexual)	4 (Heterossexual)
Grupo Gay	216 (35%)	125 (20%)	100 (16%)	179 (29%)
Grupo Heterossexual	93 (15%)	127 (20,5%)	140 (22,5%)	260 (42%)

Fonte: Do autor.

Para melhor situar as tendências das respostas, estas foram organizadas de forma binária, tomando gay (gay + um pouco gay) e heterossexual (um pouco heterossexual + heterossexual) como as respostas a serem analisadas. Desta forma, obtivemos os dados totais como os representados no Quadro 5.8 a seguir.

Quadro 5.8 Quadro de respostas binárias por grupo de falantes

Orientação sexual do falante	Respostas	
	GAY	HETEROSSEXUAL
Grupo Gay	341 (55%)	279 (45%)
Grupo Heterossexual	220 (35%)	400 (65%)
$X^2= 46.876(1), p< 0.001$		

Fonte: Do autor.

Quando separadas as repostas de forma binária, percebemos duas tendências de resultados: o grupo de homens gays é avaliado mais vezes como homens que soam gay (55%) e o grupo de homens heterossexuais são percebidos mais vezes como homens que soam heterossexual (65%). Para as análises entre dois grupos de orientação sexual dos falantes, esses resultados nos remetem a hipótese de que há diferenças entre a maneira como um homem fala a depender de sua orientação sexual. Apesar de não ser um resultado categórico e nem próximo do categórico, há diferenças significativas que são inclusive atestadas pelo resultado do teste de qui-quadrado, $p\text{-valor}<0.001$.

Nosso segundo objetivo é verificar qual a tendência na direção dos dados a partir da orientação sexual dos participantes do experimento 2. Portanto, foram separados, no Quadro 5.9, os resultados obtidos a partir da orientação sexual do participante por grupo de falantes (o grupo de homens gays e o grupo de homens heterossexuais).

Quadro 5.9 Quadro de respostas binárias por Orientação Sexual do Participante x Grupos de Falantes

Orientação sexual do falante	Orientação Sexual do Participante	Respostas	
		GAY	HETEROSSEXUAL
Grupo Gay	Homem Hetero.	63 (57%)	47 (43%)
	Homem LGBT	43 (54%)	37 (46%)
	Mulher Hetero.	121 (50,4%)	119 (49,6%)
	Mulher LGBT	114 (60%)	76 (40%)
$X^2= 4.2363(3), p= 0.2371$			
	Orientação Sexual do Participante	Respostas	
		GAY	HETEROSSEXUAL
Grupo Heterossexual	Homem Hetero.	39 (35%)	71 (65%)
	Homem LGBT	33 (41%)	47 (59%)
	Mulher Hetero.	80 (33%)	160 (67%)
	Mulher LGBT	68 (36%)	122 (64%)
$X^2= 1.6545(3), p=0.6471$			

Fonte: Do autor.

Os resultados verificados para o grupo de falantes gays indicam que há uma tendência de todos os quatro grupos de orientação sexual direcionarem a maior parte de suas avaliações (comprovada pelo resultado do teste de qui-quadrado, $p=0.2371$) ao fato de que o grupo gay soa gay, com 57% nas avaliações dos homens heterossexuais, 54%, nas do homens LGBTs, 50,4% nas das mulheres heterossexuais e 60% nas das mulheres LGBTs. Somente no grupo de mulheres heterossexuais, a tendência é menos clara.

O grupo de falantes heterossexuais também aponta uma tendência de resposta, neste caso, para “soa heterossexual” pelos quatro grupos de participantes. Os homens heterossexuais os avaliaram com 65%, os homens LGBTs com 59%, as mulheres heterossexuais com 67% e por fim as mulheres LGBTs com 64%. Essa tendência é atestada com o p-valor=0.6471 obtido para o teste de qui-quadrado, que indica não haver diferença na distribuição das respostas por grupo de participante.

Assim como no experimento 1, com o objetivo de verificar se há influência e correlação entre a orientação sexual do falante e a orientação sexual do participante nas respostas atribuídas, considerando o item lexical individualmente, montamos um modelo no qual as variáveis de efeitos fixos fossem: Orientação do Falante (com 2 níveis: gays e

heterossexuais) e Orientação Sexual do Participante (com 4 níveis: Homem Heterossexual, Homem LGBT, Mulher Heterossexual e Mulher LGBT). Para os efeitos aleatórios incluímos a variável Participante, ou seja, todas as mesmas variáveis incluídas no experimento 1. Os resultados estão apresentados na Tabela 5.3 a seguir.

Tabela 5.3 Medidas das respostas dadas pelos participantes em função da Orientação Sexual dos falantes e dos participantes

Names	Effect	Estimate	SE	exp(B)	Lower	Upper	z	P
(Intercept)	(Intercept)	0.1706	0.0636	1.186	1.047	1.34	2.682	0.007
OrientacaoF1	H - G	0.7740	0.1272	2.168	1.690	2.78	6.083	<.001
OrientacaoP1	HLGBT - HH	-0.0514	0.2114	0.950	0.628	1.44	0.243	0.808
OrientacaoP2	MH - HH	0.1852	0.1675	1.203	0.867	1.67	1.105	0.269
OrientacaoP3	MLGBT - HH	-0.0635	0.1744	0.938	0.667	1.32	0.364	0.716
OrientacaoF1 * OrientacaoP1	H - G * HLGBT - HH	-0.3882	0.4226	0.678	0.296	1.55	0.918	0.358
OrientacaoF1 * OrientacaoP2	H - G * MH - HH	-0.1823	0.3350	0.833	0.432	1.61	0.544	0.586
OrientacaoF1 * OrientacaoP3	H - G * MLGBT - HH	0.0979	0.3488	1.103	0.557	2.18	0.281	0.779

Fórmula: Resposta ~ 1 + OrientacaoF + OrientacaoP + OrientacaoF:OrientacaoP + (1 | Participante)

Intercept: G (Gay); HH (Homem Heterossexual)

Fonte: Do autor.

Conforme pode ser observado na Tabela 5.3, houve efeito da orientação sexual do falante na avaliação dos estímulos: os resultados indicam tendência à resposta hétero quando o estímulo era de falante hétero (estimate 0.7740, $p < 0.001$), conforme apontado na análise dos quadros com os resultados para cada grupo de falantes. Também se confirma a ausência da relação entre orientação sexual do participante e orientação sexual do falante. Assim como no experimento 1 não há diferenças significativas quando conjugamos as variáveis orientação sexual do falante e orientação sexual do participante. Isso implica dizer que a hipótese inicial de que o participante ouvinte teria um número maior de acertos quando o falante que estivesse

avaliando fosse de sua mesma orientação sexual não se confirma com os resultados obtidos a partir do modelo estatístico. O que diferencia estes resultados dos resultados verificados nas análises propostas para o experimento 1 é que, em nenhum momento, as análises do experimento 2 nos deixou dúvidas de que a orientação sexual do participante fosse influenciar na resposta dada, já que em todas as análises os resultados ficaram bem claros, as tendências foram sempre as mesmas para todas as orientações sexuais dos participantes.

Considerações Finais

A presente tese tratou da produção e percepção da coda (s) na fala de homens gays e não gays com o objetivo de verificar se tal variável linguística é fator de indexação social de orientação sexual na fala de homens cariocas. Esta tese foi motivada por algumas questões pessoais e acadêmicas que viemos enfrentando: (i) há de fato diferenças entre a fala de homens gays e homens não gays?; (ii) homens gays se assemelham ao modo de falar das mulheres?; (iii) como falam os homens gays?; (iv) repressão influencia o modo de falar de uma pessoa? – foram essas perguntas, além de trabalhos da literatura de língua inglesa e portuguesa que nos fizeram chegar até aqui.

Nossos objetivos principais foram: verificar se os homens gays cariocas tendem a produzir a fricativa coronal surda [s/ʃ] em posição de coda mais alongada do que os homens heterossexuais; se os homens gays mais velhos - aqueles que nasceram antes ou durante o período militar em que houve maior repressão à homossexualidade, poderiam assumir uma postura diferente de acordo com a duração da coda (s) e, possivelmente, os gays mais jovens – depois que alguns direitos LGBT+ foram estabelecidos - poderiam ter um modo de falar mais parecido com os indivíduos que foram considerados nos estudos em língua inglesa; e também se os homens homossexuais teriam uma fala parecida, quanto a duração da coda (s), com a de mulheres heterossexuais.

O dados apresentados nessa tese são provenientes dos corpora Identidades Cariocas e Concordância (CORPORAPORT/UFRJ). Para as primeiras análises, foram coletados 2428 dados da Amostra Identidades Cariocas e foram comparados a 1721 dados provenientes da Amostra do grupo controle (Amostra Concordância – CORPORAPORT/UFRJ) – sendo eles 849 dados de fala de homens não gays e 872 dados de fala de mulheres.

Nossa primeiras análises tiveram como objetivo atestar se havia diferenças entre a duração das codas (s) nas falas de homens gays e de homens não gays quanto à escolaridade e a faixa etária dos falantes. Os resultados do modelo apontam para a não existência de diferenças significativas entre as amostras, ou seja, o valor p para a significância entre o grupo de falantes gays x não gays foi de 0.133. Isto quer dizer que num modelo que contém as variáveis escolaridade e faixa etária, não foram encontradas diferenças significativas entre os grupos de falantes gays e os não gays.

A interação entre as orientações sexuais dos falantes e suas faixas etárias também não demonstraram diferenças significativas, também com p valor > 0.05 – 0.227 e 0.848. Enfatizando os resultados obtidos para o grupo de falantes homossexuais, percebemos que são os falantes da primeira e da terceira faixas etárias que apresentam as codas (s) mais alongadas. É até esperado que os falantes da primeira faixa etária tenham características já avaliadas em outros trabalhos (CRIST, 1997; LINVILLE, 1998) – ou seja, codas (s) mais alongadas – mais proeminentes em suas falas, visto que vivenciam um momento da história em que as lutas por direitos iguais, tanto de sexo/gênero como de orientação sexual, têm ganhado notoriedade e avançado na obtenção desses direitos.

Na comparação entre as duas amostras, percebemos que os falantes da primeira faixa etária dos homens gays produzem (s) em coda com uma duração média de 0.089s, em comparação a 0.079s dos homens não gays; os falantes da segunda faixa etária de ambas as amostras produzem exatamente a mesma média de duração da coda (s), 0.076s. A terceira faixa etária é a que contém os valores mais interessantes: 0.096s para os homens gays e 0.069 para os homens não gays, o que significaria dizer que os homens gays produzem codas (s) mais alongadas em suas falas e os homens não gays produzem (s) menos alongadas em suas falas. O que não era esperado é que esses falantes gays da terceira faixa etária, aqueles com 50 anos ou mais, fossem ter uma fala com durações mais altas da coda (s).

Segundo Barbuio (2016),

Jacobs (1996) destaca que a opressão sofrida pelos gays, ao longo de muitos anos - quando houve muita discriminação, e ser gay não era algo bem tolerado por muitos na sociedade - fez com que inúmeros homens homossexuais escondessem sua orientação sexual. Para se proteger uns aos outros, muitos gays passaram a se organizar em comunidades de fala mais fechadas, buscando mais liberdade, pois, assim, poderiam se identificar como homossexuais com mais segurança. Nessas comunidades, várias características, anteriormente reprimidas, como certos tipos de vestimentas, comportamentos, vocabulários e pronúncias passaram a ser expostas, e livremente praticadas entre os membros. [...] Ainda segundo o pesquisador, essa repressão sexual e social teve importante papel para o desenvolvimento das características da “fala gay”, ao longo do tempo. Como resultado, mesmo nos dias atuais, em que a homossexualidade já goza de uma melhor aceitação social, a fala utilizada por muitos homossexuais, quando interagem em comunidades, ainda pode ser considerada como uma linguagem bastante peculiar. (BARBUIO, 2016, p. 46)

Apesar disto, nossa hipótese inicial não foi corroborada, falantes gays mais velhos não produzem codas (s) menos alongadas que falantes mais jovens. Isso implica dizer que possivelmente a repressão não interferiu no modo de falar desses homens, pelo menos ao que tange a duração da coda (s). Pode ser que haja alguma característica mais proeminente na fala de homens gays mais jovens que sejam mais estereotipadas que não sejam utilizadas na fala de gays mais velhos, o que pode ser tema para pesquisas futuras sobre a fala gay.

Seguindo com os resultados das escolaridades, também verificamos a não existência de significância estatística com valor p elevado, p valor = 0.834. Na correlação entre orientação sexual e escolaridade dos falantes, com p valor = 0.690, também não foram encontradas diferenças significativas.

O único resultado que foi indicado como estatisticamente significativo foi o da interação entre faixa etária e escolaridade com p valor = 0.014. Esse resultado indica que falantes da 3ª faixa etária com ensino superior possuem maiores durações para as codas (s) em função dos falantes de 1ª faixa etária com ensino médio. Esses resultados não corroboram e nem consolidam nenhuma de nossas hipóteses, levando em consideração que se referem a dados das duas amostras em conjunto e não à comparação de resultados por grupo de falantes entre si.

Num segundo momento, fizemos as análises das variáveis linguísticas: tonicidade da sílaba e posição da coda na palavra. Inicialmente, verificamos novamente que a variável amostra, que indica as orientações sexuais dos falantes, não gerou resultados estatisticamente significativos, com p valor em 0.088. Da mesma forma que a tonicidade da sílaba isoladamente também não, p valor 0.541, ou seja, comparando a tonicidade da sílaba do conjunto total de dados, não houve diferenças significativas. Quando separadas por orientação sexual, a duração maior é verificada na fala dos homens homossexuais. Mas assim, como na análise da tonicidade da sílaba para o conjunto total de dados, não há diferenças significativas verificadas, pois o valor p gerado é de 0.880. A segunda variável linguística analisada foi a posição da coda na palavra. Para o total de dados, esta variável nos mostrou uma diferença significativa, valor $p < 0.001$, entre as médias de codas (s) mediais e finais. Esses resultados configuram uma diferença em relação às codas para o grande grupo de dados e não especificamente para determinado grupo de falante.

Os resultados do modelo estatístico indicaram que os homens gays produzem as codas (s) em posição tônica medial mais longas que os homens não gays, assim como ocorre para as codas (s) em posição átona final.

A depender da estrutura silábica, há uma variação sistemática entre a duração das sílabas. Era esperado encontrar codas (s) mais alongadas em sílabas tônica, sendo que desde que determinada palavra não apresente outra sílaba com estrutura complexa, é a sílaba tônica que apresenta uma duração maior na palavra (COSTA e DIAS, 2014).

Essa diferença verificada entre as amostras em relação as duas variáveis linguísticas (tonicidade da sílaba e posição da coda na palavra) poderia indicar de fato onde as duas amostras de fala divergem entre si. Por isso, assim como já tinha sido verificado na análise piloto de Gonçalves (2021) uma diferença significativa entre as codas em posição tônica medial para os falantes dos dois grupos de orientação sexual, partimos para uma terceira análise comparando as amostras em função dos contextos de coda em separado.

Foram analisados 738 dados de coda (s) em posição tônica medial em que 573 ocorrências eram provenientes da amostra Identidades Cariocas e 165, da Amostra Concordância. Como descrito por Gonçalves (2021), e confirmado com as análises aqui propostas, são as codas tônicas mediais que diferem as duas orientações sexuais, com p valor = 0.026 e médias de 0.080s para os falantes gays e 0.067s para os falantes não gays.

Esses dados corroboram parcialmente a hipótese de que os falantes gays se diferem dos falantes não gays com relação à coda (s), porém somente com relação às codas (s) em posição tônica medial.

Esses resultados nos levam a pensar o que pode caracterizar as mesmas pistas acústicas na fala de homens gays de diversas nacionalidades a ponto de a duração da coda (s) possa ser um indexador de Orientação Sexual com falantes de língua inglesa e de língua portuguesa. Johnson (2006) menciona que, independentemente da diferença entre tratos vocais, pessoas de diferentes sexos/gêneros desempenham gênero, isto é, expressam sua orientação sexual/identidade de gênero também através da língua. Por esta razão, incluímos no grupo controle, mulheres heterossexuais para comparação com o grupo alvo dessa pesquisa.

Primeiro, comparamos a fala de homens não gays com a fala de mulheres. Foram feitas duas rodadas estatísticas para comparar a duração das codas (s) na fala de homens não

gays e mulheres: uma com todos os tipos de codas (s) – átonas, tônicas, finais e mediais – e outra com somente as codas (s) em sílabas tônicas mediais. A primeira rodada não nos mostrou diferença significativa entre os dois gêneros de falantes, assim como não foi encontrada significância estatística quando fizemos o mesmo tipo de análise para os grupos dos homens (gays x não gays). Analisando exclusivamente as codas (s) em posição tônica medial – com um total de 306 codas medidas – também não foi encontrada significância estatística nem para as amostras entre si, muito menos para as outras variáveis analisadas. A diferença entre médias de duração da coda (s) para a fala dos homens não gays (0.067s) e das mulheres (0.073s) é relativamente pequena (0.006s), o que contribui para que não haja diferença significativa entre as amostras de fala.

Esses resultados são interessantes na medida em que anteriormente foi verificado que há diferença de duração entre as falas de homens gays x homens não gays quando o (s) se encontra em posição de coda medial tônica. Nossa hipótese era a de que homens gays se aproximariam da fala de mulheres em alguma instância, porém os resultados verificados na comparação entre homens não gays e mulheres nos levariam a considerar outras interferências na produção da fala de homens gays.

Em seguida às análises entre a fala de homens não gays x mulheres, foram feitas duas rodadas estatísticas para comparar a duração das codas (s) na fala de homens gays e mulheres: uma com todos os tipos de codas (s) – átonas, tônicas, finais e mediais – e outra com somente as codas (s) em sílabas tônicas mediais. A primeira rodada não nos mostrou diferença significativa entre os dois gêneros de falantes. Analisando exclusivamente as codas (s) em posição tônica medial – com um total de 738 codas medidas – também não foi encontrada significância estatística nem para as amostras entre si, muito menos para as outras variáveis analisadas

Esta análise responde parcialmente a hipótese de que os homens gays têm uma fala parecida com a de mulheres. Não podemos concluir que de fato as codas (s) produzidas por homens gays se assemelham completamente com as codas (s) produzidas pelas mulheres, pois nos resultados anteriores foi constatado que para a comparação das codas (s) na fala de homens não gays e das mulheres também não houve diferença significativa

Podemos inferir que homens gays e mulheres têm características em suas falas – como o caso da coda (s) – que torna o seu jeito de falar parecido em função também de características não avaliadas/medidas na presente pesquisa.

Com o objetivo de verificar se a duração da coda (s) indexa ou não a orientação sexual, foram aplicados dois experimentos de percepção – o primeiro com o objetivo de analisar o falante e o segundo com o objetivo de analisar o grupo de falantes em função de sua orientação sexual. Conforme Foulkes (2010, p.14),

O conhecimento indexical permite que um falante sinalize voluntariamente características por meio da fala e permite ao ouvinte interpretar os valores indexicais de características voluntárias ou involuntárias. (...) A variação indexical é onipresente, difundido, plástico, multifacetado e complexo. Nós incorporamos informações indexicais sempre que falamos, e as encontramos sempre que ouvir o discurso. Um sistema maduro de percepção e produção da fala deve permitir que o falante-ouvinte codifique e decodifique linguagens e indexicais informações através do mesmo meio.

Os experimentos de percepção buscaram verificar se estímulos com a coda (s), produzidos por falantes homens gays e falantes homens heterossexuais, são percebidos como gay ou heterossexual e se a orientação sexual dos participantes ouvintes interferia nesta avaliação. Nos dois experimentos, o participante primeiramente ouvia a lista de palavras e depois atribuía uma resposta sobre como o falante soa (gay, um pouco gay, um pouco heterossexual, heterossexual) enquanto faz a leitura da lista de palavras.

No primeiro experimento, os participantes ouviram 12 estímulos (cada um dos 12 homens – gays ou heterossexuais – lendo a lista com as 20 palavras) e em seguida os avaliaram, de acordo com a forma que os falantes soavam, conforme a seguinte ordem na escala *likert*: gay (1), um pouco gay (2), um pouco heterossexual (3) ou heterossexual (4).

Participaram deste experimento 53 indivíduos, sendo eles 14 do gênero masculino e 39 do gênero feminino. Do gênero masculino temos 3 ouvintes LGBTs e 11 heterossexuais, em contrapartida, do gênero feminino temos 10 ouvintes LGBTs e 29 heterossexuais. No total geral para este experimento, o experimento 1 foi aplicado a 40 pessoas heterossexuais e 13 pessoas LGBTs.

Em suma, os falantes gays obtiveram resultados que os dividem em algumas categorias: os falantes G.A, G.B e G.C são nitidamente percebidos como gays; o falante G.D é excepcionalmente o único falante percebido como heterossexual; houve convergências entre os resultados em função da orientação sexual para o falante G.E, participantes LGBTs tenderam a avaliá-lo como gay e participantes heterossexuais tenderam a avaliá-lo como heterossexual; o falante G.F é a incógnita do grupo, provavelmente houve mais características linguísticas – não controladas nesta pesquisa – em conflito que levam os participantes do experimento a não terem uma tendência em relação às suas respostas quanto a como este falante soa enquanto fala, ou como já mencionado em trabalhos como o de Strand (2000), existe a possibilidade do falante G.F não ter uma fala estereotipadamente gay, de forma, que poderia ser enquadrado como uma pessoa que soa heterossexual – por não conter características em sua fala que o denote como gay. Em resumo, os falantes heterossexuais foram majoritariamente avaliados como pessoas que soam heterossexual, diferente do grupo dos homens gays em que três falantes foram avaliados majoritariamente como pessoas que soam heterossexual.

A última análise do Experimento 1 foi gerada a partir de um modelo de regressão logística para verificar a interação das respostas conforme a orientação sexual do falante em relação à orientação sexual do participante ouvinte. Os resultados indicaram que os falantes heterossexuais foram majoritariamente avaliados de acordo com sua orientação sexual e que os participantes do grupo de homens gays foi o que menos seguiu esta tendência.

O experimento 2 é composto das mesmas 20 palavras presentes no Experimento 1, organizadas para serem avaliadas isoladamente. Cada participante ouviu 20 itens lexicais, dez lidos por falantes gays e 10 lidos por falantes heterossexuais. Obtivemos um total de 62 participantes, dos quais 19 são do sexo masculino e 43 do sexo feminino. Desses 19 participantes, 8 se autodeclararam homens LGBTs e 11, heterossexuais. Das 43 participantes, 19 declaradamente LGBTs e 24, heterossexuais. Portanto, temos 35 pessoas heterossexuais e 27 LGBTs, um número um pouco mais equilibrado se comparado ao número de participantes quanto sua orientação sexual do experimento 1.

Quando foram separadas as repostas de forma binária, houve duas tendências de resultados: o grupo de homens gays foi avaliado mais vezes como homens que soam gay (55%) e o grupo de homens heterossexuais foram percebidos mais vezes como homens que

soam heterossexual (65%). Para as análises entre dois grupos de orientação sexual dos falantes, esses resultados nos remetem a hipótese de que há diferenças entre a maneira como um homem fala a depender de sua orientação sexual. Apesar de não ser um resultado categórico e nem próximo do categórico, há diferenças significativas que são inclusive atestadas pelo resultado do teste de qui-quadrado, $p\text{-valor} < 0.001$.

Os resultados para o grupo de falantes gays indicaram a tendência de que todos os quatro grupos de orientação sexual direcionaram a maior parte de suas avaliações (comprovada pelo resultado do teste de qui-quadrado, $p=0.2371$) ao fato de que o grupo gay soa gay, com 57% nas avaliações dos homens heterossexuais, 54%, nas do homens LGBTs, 50,4% nas das mulheres heterossexuais e 60% nas das mulheres LGBTs. Somente no grupo de mulheres heterossexuais a tendência foi menos clara.

No grupo de falantes heterossexuais, os resultados também apontaram uma tendência de resposta, neste caso, para “soa heterossexual” pelos quatro grupos de participantes. Os homens heterossexuais os avaliaram com 65%, os homens LGBTs com 59%, as mulheres heterossexuais com 67% e por fim as mulheres LGBTs com 64%. Essa tendência é atestada com o $p\text{-valor}=0.6471$ obtido para o teste de qui-quadrado, que indica não haver diferença na distribuição das respostas por grupo de participante.

Assim como no experimento 1, com o objetivo de verificar se há influência e correlação entre a orientação sexual do falante e a orientação sexual do participante nas respostas atribuídas, considerando o item lexical individualmente, foi realizada uma rodada a partir de um modelo de regressão logística.

Houve efeito da orientação sexual do falante na avaliação dos estímulos: os resultados indicam tendência à resposta hétero quando o estímulo era de falante hétero (estimate 0.7740, $p < 0.001$). Também se confirma a ausência da relação entre orientação sexual do falante e orientação sexual do participante. Assim, como no experimento 1, não há diferenças significativas quando conjugamos as variáveis orientação sexual do falante e orientação sexual do participante. Isso implica dizer que a hipótese inicial de que o participante ouvinte teria um número maior de acertos quando o falante que estivesse avaliando fosse de sua mesma orientação sexual não se confirma com os resultados obtidos a partir do modelo estatístico. O que diferencia estes resultados dos resultados verificados nas análises propostas para o experimento 1 é que, em nenhum momento, as análises do experimento 2 nos deixaram

dúvidas de que a orientação sexual do participante fosse influenciar a resposta dada, já que em todas as análises os resultados ficaram bem claros, as tendências foram sempre as mesmas para todas as orientações sexuais dos participantes.

Em síntese, os resultados obtidos nessa pesquisa de doutorado evidenciam que a indexação social de orientação sexual é multifatorial. Embora tenha sido observado nos dados de produção espontânea diferença significativa de duração na produção da coda (s) entre homens gays e heterossexuais, mais longa nos homens gays no contexto de sílaba tônica medial, os resultados dos experimentos não indicaram que a percepção das diferenças de orientação sexual dos falantes dos estímulos se devesse exclusivamente a essa característica dos estímulos. Observou-se que os tempos de duração obtidos na leitura da lista de palavras não foram diferentes entre os dois grupos de falantes, o que pode ter afetado o experimento. Assim, um trabalho futuro a ser desenvolvido, a diferença de duração da coda tônica medial deverá ser controlada de maneira que seja possível estabelecer uma diferença que espelhe o resultado observado na produção espontânea e assim se verificar em que medida essa característica é importante na identificação dessas orientações sexuais.

Referências

ASTRAL (Associação de Travestis e Liberados). *Diálogo de bonecas*. Rio de Janeiro: Astral, 1993.

BARBUIO, E. *Percepção da Orientação Sexual de homens gays e heterossexuais por meio de características acústicas da fala*. João Pessoa: UFPB, 2016. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal da Paraíba. Programa de Pós-Graduação em Linguística – João Pessoa, 2016, 137p.

BOUAVICHITH, D. A. Cross-contextual consistency of/s/length and spectral quality in gay men's speech. *The Journal of the Acoustical Society of America*, v. 142, n. 4, p. 2583-2583, 2017.

BOUAVICHITH, D. A. *et al.* Perceptual influences of social and linguistic priming are bidirectional. In: *Proceedings of the 19th International Congress of Phonetic Sciences, Melbourne, Australia 2019*. Canberra, Aust.: Australas. Speech Sci. Technol. Assoc., 2019. p. 1039-1043.

BYBEE, J. *Phonology and language use*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

BYBEE, J.; CACOULLOS, R. T.. "Phonological and grammatical variation in exemplar models". In *Studies in Hispanic and Lusophone Linguistics* 1: 399-413, 2008.

BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. Cambridge University Press, 2010.

BYBEE, J. Usage-based theory and exemplar representations of constructions. In: *The Oxford handbook of construction grammar*. 2013.

CAMPBELL-KIBLER, K. Intersecting variables and perceived sexual orientation in men. *American Speech*. 86(1): 52-68, 2011.

CHESEBRO, J. W. *Gayspeak: Gay male & lesbian communication*. The Pilgrim Press, 132 West 31 St., New York, NY 10001, 1981.

CONNINE, C. M.; RANBOM, L. J.; PATTERSON, D. J. Processing variant forms in spoken word recognition: The role of variant frequency. *Perception & Psychophysics*, v. 70, n. 3, p. 403-11, 2008.

CORY, D. W.. *The homosexual in America: a subjective approach*. 1951.

CRIST, S. Duration of onset consonants in gay male stereotyped speech. *U. Penn Working Papers in Linguistics*, Volume 4. 3, 1997.

CRISTÓFARO SILVA, T. *Dicionário de fonética e fonologia*. São Paulo: Contexto, 2015.

CRISTÓFARO SILVA, T., GOMES, C. A.. Fonologia na Perspectiva dos Modelos de Exemplares. In: GOMES, C. A. (org.). *Fonologia na Perspectiva dos Modelos de Exemplares*. São Paulo: Contexto, 2020. p.13 -36.

DRAGER, K. Sociophonetic variation in speech perception. *Language and Linguistics Compass*, v. 4, n. 7, p. 473-480, 2010.

DRAGER, K., & KIRTLEY, M. Awareness, Saliency, and Stereotypes in Exemplar-Based Models of Speech Production and Perception. In A. Babel (Ed.), *Awareness and Control in Sociolinguistic Research* (pp. 1-24). Cambridge: Cambridge University Press, 2016. doi:10.1017/CBO9781139680448.00

FARRELL, R. A. The argot of the homosexual subculture. *rodger*, p. 97-109, 1972.

FELIX, R. de A. A. *Adjetivo superlativo na fala de homens gays: uma discussão sociolinguística*. Araraquara: UNESP, 2016. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Estadual Paulista —Júlio de Mesquita Filho. Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa – Araraquara, 2016, 97p.

FOULKES, P., & DOCHERTY, G. The social life of phonetics and phonology. *Journal of phonetics*, 34(4), 409-438, 2006.

GAUDIO, R. P. *Sounding gay: Pitch properties in the speech of gay and straight men*. *American Speech*, 69(1), 30–57, 1994.

GOLDINGER, S. D. Words and voices: episodic traces in spoken word identification and recognition memory. *Journal of experimental psychology: Learning, memory, and cognition*, 22(5), 1166, 1996.

GOMES, C. A. “Para além dos pacotes estatísticos VARBRUL/GOLDVARB e RBRUL: qual a concepção de gramática?”. In *Revista GELNE*. Volume 13, nº 01, 2011.

GONÇALVES, D. T. *Indexação social de sexualidade à luz da Sociolinguística: primeiras impressões sobre a produção de (s) em coda na fala de homens gays cariocas*. Exame de Qualificação. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

HAY, J.; WARREN, P.; DRAGER, K. Factors influencing speech perception in the context of a merger-in-progress. *Journal of Phonetics*, v. 34, n. 4, p. 458-484, 2006.

HAYES, J. J. Gayspeak. *Quarterly Journal of Speech*, v. 62, n. 3, p. 256-266, 1976.

HILDEBRANDT, K. A. JANY, C.; SILVA, W. (orgs.) *Documenting Variation in Endangered Languages*. Hawaii: University of Hawai’I Press, 2017.

INGEMANN, F. Identification of the speaker’s sex from voiceless fricatives. *J Acoust Soc Am*, 44, p. 1142–1143, 1968.

JACOBS, G; SMYTH, R; ROGERS, H. Language and sexuality: Searching for the phonetic correlates of gay-and straight-sounding male voices. *Toronto Working Papers in Linguistics*, v. 18, 2000.

JOHNSON, K. Resonance in an exemplar-based lexicon: The emergence of social identity and phonology. *Journal of phonetics*, 34(4), 485-499, 2006.

KOOPS, C.; GENTRY, E.; PANTOS, A. The effect of perceived speaker age on the perception of PIN and PEN vowels in Houston, Texas. *University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics*, 14, v. 2, Article 12. Disponível em: <https://repository.upenn.edu/pwpl/vol14/iss2/12>

KULICK, D. Gay and lesbian language. *Annual review of anthropology*, v. 29, n. 1, p. 243-285, 2000.

LABOV, W. *Principles of linguistic change: Internal factors*. Oxford: Blackwell, 1994.

LABOV, W. *Padrões Sociolinguísticos*. São Paulo, Parábola, 2008 [1972].

LAKOFF, G. *Women, fire, and dangerous things*. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, R. *Language and woman's place*. New York: Harper & Row, 1975.

LAMBERT, W. E., HODGSON, R. C., GARDNER, R. C., & FILLENBAUM, S. Evaluational reactions to spoken languages. *The Journal of Abnormal and Social Psychology*, 60(1), 44, 1960.

LEAP, W. (ed.). *Beyond the lavender lexicon: Authenticity, imagination, and appropriation in lesbian and gay languages*. Routledge, 1995.

LEGMAN, G. The language of homosexuality: An American glossary. *Sex variants: A study of homosexual patterns*, v. 2, p. 1149-79, 1941.

LEVON, E. Hearing gay: Prosody, interpretation and the affective judgments of men's speech. *American Speech* 81 (1): 56-78, 2006.

LEVON, E. Sexuality in context: Variation and the sociolinguistic perception of identity. *Language in Society*, v. 36, n. 4, p. 533-554, 2007.

LINVILLE, S. E. Acoustic correlates of perceived versus actual sexual orientation in men's speech. *Folia Phoniactrica et Logopaedica*, 50, 35-48, 1998.

LUMBY, M. E. Homophobia: The quest for a valid scale. *Journal of Homosexuality*, v. 2, n. 1, p. 39-48, 1976.

MACK, S.; MUNSON, B. The influence of /s/ quality on ratings of men's sexual orientation: Explicit and implicit measures of the 'gay lisp' stereotype. *Journal of Phonetics*, v. 40, n. 1, p. 198-212, 2012.

MCCONNELL-GINET, S. *Language, Sex and Gender: Does 'La Différence' Make a Difference?* 1983.

MENDES, R. B. Diminutivos como marcadores de sexo/gênero. *Revista Linguística*, v. 8, n. 1, 2012.

MENDES, R. B. *Percepção e performance de masculinidades: efeitos da concordância nominal de número e da pronúncia de /e/ nasal*. São Paulo: USP, 2018. Tese de Doutorado. Tese de Livre Docência. 225f. Universidade de São Paulo, 2018.

MORAES, J. A. de. À propos des marques prosodiques du style effeminé em portugais brésilien. IN: FONAGY, I.; PERROT, Jean. *Polyphonie pour Ivan Fonagy*. Editions L'Harmattan, 1997.

MUNSON, B., JEFFERSON, S.V., & MCDONALD, E.C. The influence of perceived sexual orientation on fricative perception. *Journal of the Acoustic Society of America*. 119, 2427 – 2437, 2006.

MUNSON, B., MCDONALD, E. C., DEBOE, N. L. & WHITE, A. R.. The acoustic and perceptual bases of judgments of women and men's sexual orientation from read speech. *Journal of Phonetics* 34(2): 202-240, 2006.

MUNSON, B. The acoustic correlates of perceived masculinity, perceived femininity, and perceived sexual orientations. *Language and Speech* 50(1): 125-142, 2007.

OCHS, E. Indexing Gender. Rethinking Context, ed. Alessandro Duranti and Charles Goodwin, 335-358. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

OLIVEIRA, R. G. de. *A variação articulatória em libras e a Orientação Sexual do surdo: estudo sobre captura de movimentos e percepção linguística*. São Paulo: USP, 2017. Tese de Doutorado (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral). Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral – Rio de Janeiro, 2017, 316p.

OUSHIRO, L. *Identidade na pluralidade: avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo*. Tese (Doutorado em Letras) – USP, FFLCH, São Paulo, 2015.

PENELOPE, J., WOLFE, S. J. *Sexist slang and the gay community: Are you one, too?* Women's Studies Program, University of Michigan, 1979.

PIERREHUMBERT, J. B. Knowledge of Variation. CLS 30, *Papers from Parasession on Variation and Linguistic Theory*, 1994.

PIERREHUMBERT, J. B. Exemplar dynamics: Word frequency, lenition and contrast. In J. Bybee and P. Hopper (eds.), *Frequency effects and the emergence of linguistic structure*. Amsterdam: John Benjamins, 2001.

PIERREHUMBERT, J. B. An unnatural process. *Laboratory Phonology*, v. 8, 2002.

PIERREHUMBERT, J. B. *Probabilistic Phonology: discrimination and robustness*. In: R. BOD, J. HAY, S. JANNEDY (eds.), p. 177-228, 2003.

PIERREHUMBERT, J. B., BENT, T., MUNSON, B., BRADLOW, A. R. and BAILEY, J. M. "The influence of sexual orientation on vowel production. *Journal of the Acoustical Society of America* 116(4): 1905-1018, 2004.

PIERREHUMBERT, J. B. Phonological representation: Beyond abstract versus episodic. *Annual Review of Linguistics*. 2016;2: 33–52

PODESVA, R. On constructing social meaning with stop release bursts. In: *Sociolinguistics Symposium*. 2004. p. 1-5.

PODESVA, R. Phonation type as a stylistic variable: the use of falsetto in constructing a persona. *Journal of Sociolinguistic*, Hoboken, vol. 11(4), 478–504, 2007.

PONTE, M. R. Life in a parking lot: An ethnography of a homosexual drive-in.. In *Deviance: Field Studies and Self-Disclosures*, Edited by: Jacobs, Jerry. 7–29. Palo Alto: National Press, 1974.

R CORE TEAM. *R: A language and environment for statistical computing*. R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria, 2021. URL <https://www.R-project.org/>.

RENDALL, D.; VASEY, P. L.; MCKENZIE, J. The Queen's English: An alternative, biosocial hypothesis for the distinctive features of "gay speech". *Archives of sexual behavior*, v. 37, n. 1, p. 188-204, 2008.

RIBEIRO, A. B. O. *Usos linguísticos de lésbicas e de gays: questões de identidade e estilo*. Florianópolis: UFSC, 2020. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Linguística – Florianópolis, 2020, 157p.

RINGER, R. J. (ed.). *Queer words, queer images: Communication and the construction of homosexuality*. NYU Press, 1994.

ROGERS, H., & SMYTH, R. Phonetic differences between gay- and straight – sounding male speakers of North American English. In: *Proceedings of the 15th International Congress of Phonetic Sciences*, 1855-58. Barcelona: Universitat Autònoma de Barcelona, 2003.

SANTANA, W. P. da S. *Variação de gênero gramatical como indexador de identidade gay*. Florianópolis: UFSC, 2018. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Linguística – Florianópolis, 2018, 112p.

- SANTOS JUNIOR, O. P. *Bichonário: um dicionário gay*. Salvador: Editora do Autor, 1996.
- SCHWARTZ, M. Identification of speaker sex from isolated, voiceless fricatives. *J Acoust Soc Am*, 43, p. 1178–1179, 1967.
- SENE, M. G. de. *A percepção sociolinguística de gênero e sexualidade: efeitos da duração de /s/ e do pitch médio*. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de PósGraduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciência e Letras da UNESP/Araraquara, 2022.
- SMYTH, R., JACOBS, G. and ROGERS, H. Male voices and perceived sexual orientation: an experiment and theoretical approach. *Language in Society* 32, pp. 329 – 350. Cambridge University Press. 2003
- SONENSCHNEIN, D. The homosexual's language. *J. Sex Res.* 5(4):281–91, 1969.
- STANLEY, J. P. Homosexual slang. *American speech*, v. 45, n. 1/2, p. 45-59, 1970.
- STRAND, E.A. *Gender Stereotype Effects in Speech Processing*. PhD Dissertation, Ohio State University, 2000.
- TRACY, E. C., BAINTEER, S. A., SANTARIANO, N. P. Judgments of self-identified gay and heterosexual male speakers: Which phonemes are most salient in determining sexual orientation? *Journal of Phonetics* 52: 13-25, 2015.
- VIP, A., LIBI, F. Aurélia, a Dicionária da Língua Afiada. Editora do Bispo: São Paulo, 2006, 143p.
- WEBBINK, P. Nonverbal behavior and lesbian/gay orientation. In: *Gender and nonverbal behavior*. Springer, New York, NY, 1981. p. 253-259.
- WEDEL, A. B. Exemplar models, evolution and language change. *Linguistic Review* 23(3):247–74, 2006.
- WEINREICH, LABOV & HERZOG. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*; tradução Marcos Bagno; revisão técnica Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- ZIMMAN, L. *Female-to-Male transsexuals and gay-sounding voices: A pilot study*. *Colorado Research in Linguistics*, 2010. http://www.colorado.edu/ling/CRIL/volume22_Issue1 Acesso em 21-07-2021.
- ZIMMAN, L. Hegemonic masculinity and the variability of gay-sounding speech. The Perceived Sexuality of Transgender Men. *Journal of Language and Sexuality John Benjamins Publishing Company*, 2013.

Anexos

Roteiro de entrevista

PARTE I

Bairro (aprox. 10 min.)

Objetivos: descobrir o grau de enraizamento do informante no bairro onde vive/outros bairros; descobrir o grau de mobilidade da pessoa

(1) Há quanto tempo você mora em (bairro)?

(2) Você gosta de morar aqui?

(3) Por que você escolheu morar neste bairro? (manter em mente que o informante pode não ter escolhido morar ali: pode ter sido porque a família já morava lá etc.)

(a) Se o informante mora há bastante tempo: Como era o bairro antes/quando você se mudou pra cá? Mudou muito?

(b) Se o informante não mora lá há muito tempo, ou se nem sempre viveu ali: Em que outros lugares você já morou? Como era lá comparado com esse bairro aqui? Onde você preferia morar?

(4) Você tem bastante contato com as pessoas aqui do bairro?

(5) Hoje, tem algum outro bairro em que você gostaria de morar?

Infância (aprox. 5 min.)

Objetivos: relaxar o informante (em geral, as pessoas gostam de falar sobre sua infância); obter informações sobre mudanças no bairro/cidade do Rio de Janeiro; grau de mobilidade do informante; obter informações sobre Escolaridade

(6) E como foi a sua infância (no bairro X)? Você pode contar um pouco de como foi, o que você fazia...?

(a) brincava na rua/dentro de casa? Do que vocês brincavam?

(b) como eram os seus pais? eram rígidos...?

(7) Você foi pra escola no mesmo bairro? Como era a escola? Você sempre estudou na mesma escola? Você gostava de ir pra escola? Tem algum professor que te marcou? Até que série você estudou?

(8) Enquanto ainda era criança/adolescente, você ia pra outros lugares dentro da cidade do Rio de Janeiro? (pra onde, pra fazer o quê...)

Família (aprox. 5 min.)

Objetivos: obter informações sobre rede social do informante, grau de enraizamento no

bairro/cidade

(9)Você tem irmãos? (é possível que esta informação já tenha aparecido na parte sobre infância; neste caso, falar algo como: “Você disse que tem uma irmã... Você tem outros irmãos?”) Quantos anos eles têm?

(10)Seus pais são daqui do Rio mesmo? (Se sim, perguntar também sobre avós, bisavós... até encontrar a primeira geração da família que veio pra cá). Quantos anos eles (pais) têm? Quando seus (pais/avós/bisavós) vieram para o Rio de Janeiro? Você sabe por que eles vieram?

(11)Você tem filhos? Quantos anos eles têm?

(12)E o resto da família, tios, primos, também vivem aqui no Rio de Janeiro? (Se sim, em que bairros? Moram próximo? Se não, onde? Tem contato sempre?)

Trabalho/Ocupação/Estudo (aprox. 5 min.)

Objetivos: obter informações sobre rede social do informante; características socioeconômicas

(13)Você trabalha aqui por perto? (se não souber onde a pessoa trabalha)

(14)O que você faz?

(15)Você gosta do seu serviço? (Se não, o que a pessoa preferiria fazer?)

Lazer (aprox. 5 min.)

Objetivos: obter informações sobre rede social do informante; mobilidade na cidade; características socioeconômicas

(16)E nas horas de lazer, o que você e sua família gostam de fazer? (Se saem, vão pra que lugares?) Você acha que a cidade do Rio tem boas opções de lazer? Quais?

(17)A maioria dos seus amigos mora aqui nesse bairro mesmo? (Se não, onde?)

(18)Você tem alguma atividade de recreação em grupo, algum clube...?

(19)Quais são seus amigos mais antigos? Você mantém contato com os amigos de colégio?

(20)Você costuma viajar? Pra que lugares já viajou? Que lugares gostaria de conhecer?

PARTE II

A Cidade do Rio de Janeiro (aprox. 20 min.)

(21)Uma pesquisa recente mostrou que as cidades mais perigosas do Brasil encontram-se no

Rio de Janeiro. O que você acha disso? (se o informante perguntar, a pesquisa é do Ipea 2018)

(22)Você gosta de morar no Rio de Janeiro? (Se não, em que lugar preferiria morar?) Por quê?

(23)O que você acha que caracteriza a cidade (tanto as coisas boas quanto ruins)?

(24)O que você acha que caracteriza o carioca (tanto as coisas boas quanto ruins)? E os homens cariocas homossexuais?

(25)Olhando pra mim, você diria que eu sou carioca? Por quê? E, mais, diria que sou gay? Por quê?

(26)O que você mais gosta aqui no rio de Janeiro?

(27)O que você não gosta no Rio? (a depender do tópico mencionado pelo informante – violência, trânsito, poluição etc. – procurar explorar mais o assunto. P.ex.: você já foi assaltado? O que aconteceu? (para obter narrativa pessoal) O que o governo poderia fazer pra solucionar esse problema? (para obter uma fala mais distanciada))

(28)Pras pessoas que não vivem no Rio de Janeiro, como você acha que elas imaginam que seja a cidade? Qual é a imagem que as pessoas de fora do Rio têm da cidade?

(29)Você falou que já foi pra (X, Y, Z). Quando você foi pra esses lugares, as pessoas percebiam que você era carioca? (Se sim) como elas percebiam? E que você era gay? Como caracterizam isso?

(30)Quando você conhece alguém, você percebe se a pessoa é homossexual ou não?

(a)(Se sim) como você percebe? (Se o informante mencionar o modo de falar, seguir nessa linha e tentar conseguir informações mais precisas. É normal as pessoas não saberem definir o porquê, mas devemos tentar tirar mais informações).

(b)(Se não) Quando você ouve uma pessoa falando, por exemplo, você percebe que ela é homossexual pelo sotaque?

LEITURA DE NOTÍCIA DE JORNAL: Dizer ao informante: “Agora eu queria que você lesse esse texto. Você pode ler em voz baixa antes de falar em voz alta.” Esperar que o informante leia a notícia.

DEPOIMENTO: Dizer ao informante: “Agora eu queria que você lesse esse texto. Você pode ler em voz baixa antes de falar em voz alta.” Esperar que o informante leia a notícia.

LISTA DE PALAVRAS: Apresentar ao informante a lista de palavras e dizer: “Agora eu queria te pedir pra ler algumas coisas. Eu tenho aqui uma lista de palavras, e eu queria que você lesse cada uma delas. Você pode dar uma olhada primeiro, antes de começar a ler.” Esperar que o informante leia a lista de palavras. Depois perguntar:

(31)Você acha que as pessoas gays fariam essas palavras de forma diferente? Se sim, como?

Por quê?

(32)E tem mais algum modo de falar que você caracterizaria como próprio do falar de um homem gay?

Notícia

24/04/2019

Adaptado de Jornal Extra: Alerj: Projeto determina mais policiais mulheres para o atendimento nas DEAMs

O número de policiais civis mulheres pode aumentar nas unidades da Delegacia de Atendimento à Mulher (DEAMs), para um percentual mínimo de 20% do total de agentes que são escalados para os plantões. É o que determina um projeto que a Assembleia Legislativa do Rio (Alerj) vota nesta quarta-feira. A autora do texto é a ex-chefe da Polícia Civil, deputada Martha Rocha, do PDT.

Na justificativa, ela diz que a DEAM foi criada na década de 80, e, embora o desempenho da atividade seja determinante para elucidar diversos crimes de gênero, o atendimento à mulher pode ser melhorado.

“A vítima, sensibilizada, busca acolhimento e socorro nas delegacias. Muitas vezes, ao ser atendida por um homem, ela se sente intimidada, amedrontada, ou mesmo supõe que o policial não será capaz de entender às questões por ela apresentadas”, explica a parlamentar. Se o projeto for aprovado, só vai faltar a sanção do governador Wilson Witzel para virar lei.

Depoimento

“Meu nome é Ismael, tenho 11 anos. Olha aqui, vou falar uma coisa para vocês [...] todo dia, todo santo dia, todo dia mesmo, eles mexem com meu cabelo, mexem comigo, e quando eu vou falar pra professora, ela não dá atenção, não fala nada, finge que não ouviu. Eu não estou aguentando mais. Todo dia, na escola, na rua, dentro da minha sala de aula, debocham do meu cabelo, não sei por quê [...] o problema é meu, o cabelo é meu. Às vezes me batem, me agredem, queria que parassem com isso, entendeu? Não estou aguentando, não dá, não dá... todo dia, muitas vezes são vários me zoando, 5 marmanjões do tamanho da minha mãe.”

Palavras

Asno
Atestado
Argola
Atitude
Baskhara
Biscoito
Caixa
Casco
Cesto
Chácara
Choque
Cisne
Custo
Custoso
Destilados
Discoteca
Escravo
Enchente
Espiritismo
Extensão
Enlarguecimento
Esgueirar-Se
Fazenda
Felicidade
Fósforo
Fracasso
Fuscão
Fusquinha
Gostoso
Gustavo
Hare Krishna
Histórico
Imunologista
Justiça
Lusco Fusco
Mastruz Com Leite
Mosca
Necessidade
Noz Moscada
Oswaldo
Ordem E Progresso
Organismo
Ostracismo
Pasta
Pertencimento
Pesto
Porto
Pretexto
Rapidez
Riqueza
Riscado
Shampoo Seda
Soberba
Traquinas
Texturização
Usual
Usado
Vasco
Zebra

Frases

Eu disse **asno** duas vezes.

Eu disse _____ duas vezes.

Atestado

Argola

Atitude

Baskhara

Biscoito

Caixa

Casco

Cesto

Chácara

Choque

Cisne

Custo

Custoso

Destilados

Discoteca

Escravo

Enchente

Espiritismo

Extensão

Enlarguecimento

Esgueirar-Se

Fazenda

Felicidade

Fósforo

Fracasso

Fuscão

Fusquinha

Gostoso

Gustavo

Modelos Lineares Mistos – Homens Gays x Não Gays

- **Análises dos dados de codas (s) em sílabas Tônicas (Mediais e Finais)**

Names	Effect	Estimate	SE	Lower	Upper	df	t	p
(Intercept)	(Intercept)	0.0872 6	0.0035 6	0.0802 8	0.0942 3	35.3	24.509 6	<.00 1
Amostrai	Hete. - Gays	- 0.0083 2	0.0064 9	- 0.0210 4	0.0044 0	24.9	- 1.2820	0.212
Faixaetaria1	2 - 1	- 0.0012 1	0.0060 7	- 0.0131 0	0.0106 9	23.6	- 0.1990	0.844
Faixaetaria2	3 - 1	3.48e- 4	0.0072 7	- 0.0139 1	0.0146 0	20.4	0.0479	0.962
Escolaridade1	ES - EM	0.0016 1	0.0064 8	- 0.0110 9	0.0143 0	24.7	0.2479	0.806
Posicaocodai	M - F	- 0.0128 0	0.0046 0	- 0.0218 1	- 0.0037 9	267. 4	- 2.7849	0.006
Amostrai * Faixaetaria1	Hete. - Gays * 2 - 1	0.0327 0	0.0124 6	0.0082 9	0.0571 1	26.0	2.6253	0.014
Amostrai * Faixaetaria2	Hete. - Gays * 3 - 1	0.0010 3	0.0145 7	- 0.0275 3	0.0295 9	20.4	0.0709	0.944
Amostrai * Escolaridade1	Hete. - Gays * ES - EM	0.0080 0	0.0120 5	- 0.0156 2	0.0316 2	18.6	0.6637	0.515
Faixaetaria1 *	2 - 1 * ES - EM	0.0330 0	0.0125 4	0.0084 2	0.0575 7	26.9	2.6316	0.014
Faixaetaria2 *	3 - 1 * ES - EM	0.0402 3	0.0128 2	0.0151 1	0.0653 4	19.3	3.1388	0.005
Amostrai * Posicaocodai	Hete. - Gays * M - F	- 0.0142 5	0.0072 2	- 0.0284 0	- 1.02e- 4	899. 1	- 1.9741	0.049
Faixaetaria1 * Posicaocodai	2 - 1 * M - F	- 0.0074 3	0.0074 7	- 0.0220 6	0.0072 0	957. 7	- 0.9952	0.320
Faixaetaria2 * Posicaocodai	3 - 1 * M - F	- 0.0131 7	0.0088 3	- 0.0304 7	0.0041 3	945. 8	- 1.4921	0.136

Names	Effect	Estimate	SE	Lower	Upper	df	t	p
Escolaridad e1 * Posicaocodas1	ES - EM * M - F	- 0.0077 8	0.0058 5	- 0.0192 6	0.0036 9	947. 4	- 1.3298	0.184
Amostrais1 * Faixaetarias1 * Escolaridad e1	Hete. - Gays * 2 - 1 * ES - EM	0.0239 0	0.0229 0	- 0.0209 8	0.0687 8	18.7	1.0436	0.310
Amostrais2 * Faixaetarias2 * Escolaridad e1	Hete. - Gays * 3 - 1 * ES - EM	- 0.0376 5	0.0158 2	- 0.0686 6	- 0.0066 5	952. 8	- 2.3802	0.017
Amostrais1 * Faixaetarias1 * Posicaocodas1	Hete. - Gays * 2 - 1 * M - F	- 0.0313 8	0.0175 7	- 0.0658 3	0.0030 6	936. 8	- 1.7858	0.074
Amostrais2 * Faixaetarias2 * Posicaocodas1	Hete. - Gays * 3 - 1 * M - F	- 0.0322 3	0.0131 6	- 0.0580 2	- 0.0064 4	944. 7	- 2.4496	0.014
Amostrais1 * Escolaridad e1 * Posicaocodas1	Hete. - Gays * ES - EM * M - F	- 0.0371 9	0.0146 5	- 0.0659 1	- 0.0084 7	960. 9	- 2.5383	0.011
Faixaetarias1 * Escolaridad e1 * Posicaocodas1	2 - 1 * ES - EM * M - F
Faixaetarias2 * Escolaridad e1 * Posicaocodas1	3 - 1 * ES - EM * M - F
Amostrais1 * Faixaetarias1 * Escolaridad e1 * Posicaocodas1	Hete. - Gays * 2 - 1 * ES - EM * M - F

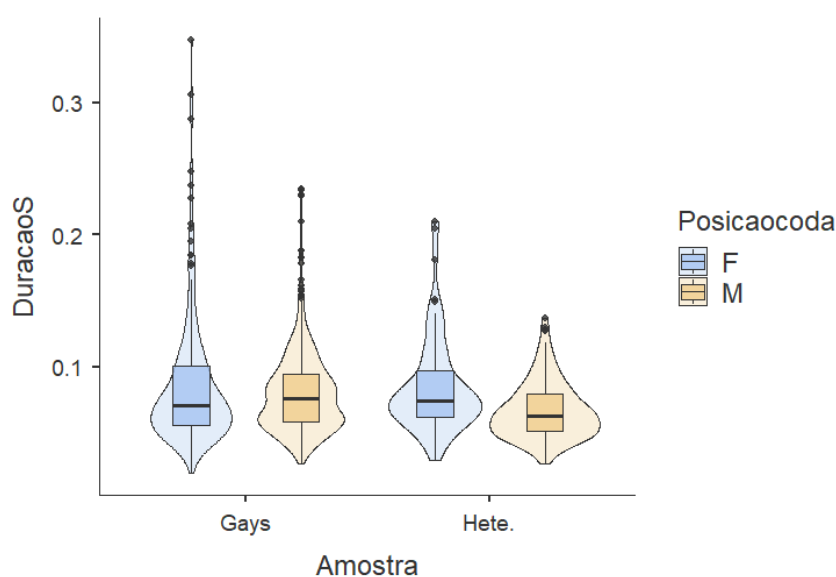
Names	Effect	Estimate	SE	Lower	Upper	df	t	p
Amostr1 *								
Faixaetaria2	Hete. -							
*	Gays *							
Escolaridad	3 - 1 *							
e1 *	ES - EM							
Posicaocoda	* M - F							
1								

Fórmula: DuracaoS ~ 1 + Amostra + Faixaetaria + Escolaridade + Posicaocoda + Amostra:Faixaetaria + Amostra:Escolaridade + Faixaetaria:Escolaridade + Amostra:Posicaocoda + Faixaetaria:Posicaocoda + Escolaridade:Posicaocoda + Amostra:Faixaetaria:Escolaridade + Amostra:Faixaetaria:Posicaocoda+Amostra:Escolaridade:Posicaocoda+Faixaetaria:Escolaridade:Posicaocoda + Amostra:Faixaetaria:Escolaridade:Posicaocoda+(1 | Falante) + (1 | Item)

Intercept: Gays; 1ª Faixa Etária; Ensino Médio; Final

Fonte: Do autor.

Distribuição das Médias de duração da coda (s) por Orientação Sexual x Sílabas Tônicas



Fonte: Do autor.

• **Análises dos dados de codas (s) em sílabas Átonas (Mediais e Finais)**

Names	Effect	Estimate	SE	Lower	Upper	df	t	p
(Intercept)	(Intercept)	0.08673	0.00340	0.08007	0.09339	17.1	25.5240	< .001
Amostr1	Hete. - Gays	- 0.01155	0.00664	- 0.02456	0.00146	15.6	-1.7403	0.101
Faixaetaria1	2 - 1	- 0.00870	0.00804	- 0.02445	0.00706	14.9	-1.0819	0.296
Faixaetaria2	3 - 1	- 0.00624	0.00813	- 0.00970	0.02217	15.6	0.7673	0.454
Escolaridade1	ES - EM	- 1.96e-4	0.00583	- 0.01163	0.01124	14.5	-0.0335	0.974
Posicaocodal1	M - F	- 0.01086	0.00279	- 0.01633	- 0.00538	770.5	-3.8890	< .001
Amostr1 * Faixaetaria1	Hete. - Gays * 2 - 1	- 0.00651	0.01618	- 0.02520	0.03822	15.3	0.4024	0.693
Amostr1 * Faixaetaria2	Hete. - Gays * 3 - 1	- 0.00234	0.01627	- 0.03422	0.02954	15.6	-0.1441	0.887
Amostr1 * Escolaridade1	Hete. - Gays * ES - EM	- 0.01387	0.01429	- 0.01413	0.04188	14.5	0.9709	0.347
Faixaetaria1 * Escolaridade1	2 - 1 * ES - EM	- 0.03950	0.01427	- 0.01152	0.06748	14.5	2.7671	0.015
Faixaetaria2 * Escolaridade1	3 - 1 * ES - EM	- 0.00551	0.00479	- 0.00389	0.01490	2004.8	1.1492	0.251
Amostr1 * Posicaocodal1	Hete. - Gays * M - F	- 0.00872	0.00534	- 0.01918	0.00174	1963.7	-1.6345	0.102
Faixaetaria1 * Posicaocodal1	2 - 1 * M - F	- 0.00189	0.00577	- 0.00941	0.01319	1999.9	0.3274	0.743
Faixaetaria2 * Posicaocodal1	3 - 1 * M - F	- 0.00766	0.00366	- 0.01484	- 4.85e-4	2011.4	-2.0924	0.037
Escolaridade1 * Posicaocodal1	ES - EM * M - F	- 0.01532	0.01124	- 0.03735	0.00671	1966.8	-1.3630	0.173
Amostr1 * Faixaetaria1 * Escolaridade1	Hete. - Gays * 2 - 1 * ES - EM	- 0.01669	0.01173	- 0.00629	0.03967	1999.2	1.4232	0.155
Amostr1 * Faixaetaria2 * Escolaridade1	Hete. - Gays * 3 - 1 * ES - EM	- 0.00882	0.00899	- 0.02645	0.00880	1985.1	-0.9810	0.327
Amostr1 * Faixaetaria1 * Posicaocodal1	Hete. - Gays * 2 - 1 * M - F	- 0.00868	0.00888	- 0.00872	0.02608	2005.8	0.9781	0.328
Amostr1 * Faixaetaria2 * Posicaocodal1	Hete. - Gays * 3 - 1 * M - F	-

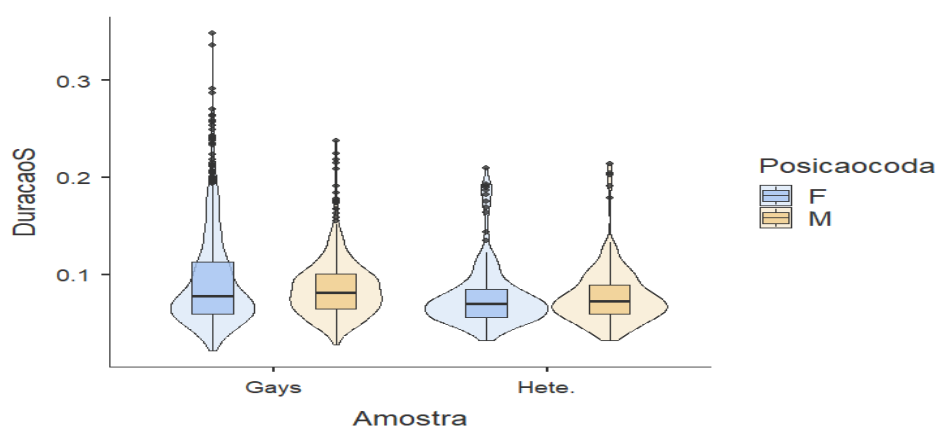
Names	Effect	Estimate	SE	Lower	Upper	df	t	p
Amostr1 *	Hete. -							
Escolaridade1 *	Gays *							
Posicaocoda1	ES - EM * M - F							
Faixaetaria1 *	2 - 1 *							
Escolaridade1 *	ES - EM							
Posicaocoda1	* M - F							
Faixaetaria2 *	3 - 1 *							
Escolaridade1 *	ES - EM							
Posicaocoda1	* M - F							
Amostr1 *	Hete. -							
Faixaetaria1 *	Gays * 2							
Escolaridade1 *	- 1 * ES -							
Posicaocoda1	EM * M - F							
Amostr1 *	Hete. -							
Faixaetaria2 *	Gays * 3							
Escolaridade1 *	- 1 * ES -							
Posicaocoda1	EM * M - F							

Fórmula: DuracaoS ~ 1 + Amostra + Faixaetaria + Escolaridade + Posicaocoda + Amostra:Faixaetaria + Amostra:Escolaridade + Faixaetaria:Escolaridade + Amostra:Posicaocoda + Faixaetaria:Posicaocoda + Escolaridade:Posicaocoda + Amostra:Faixaetaria:Escolaridade + Amostra:Faixaetaria:Posicaocoda+Amostra:Escolaridade:Posicaocoda+Faixaetaria:Escolaridade:Posicaocoda + Amostra:Faixaetaria:Escolaridade:Posicaocoda+(1 | Falante)+(1 | Item)

Intercept: Gays; 1ª Faixa Etária; Ensino Médio; Final

Fonte: Do autor.

Distribuição das Médias de duração da coda (s) por Orientação Sexual x Sílabas Átonas



Fonte: Do autor.

• **Análises dos dados de codas (s) em sílabas Tônicas Finais**

Names	Effect	Estimate	SE	Lower	Upper	df	t	p
(Intercept)	(Intercept)	0.08977	0.00470	0.08056	0.09899	17.48	19.087	< .001
Amostr1	Hete. - Gays	- 0.00838	0.00837	- 0.02479	0.00804	13.94	-1.000	0.334
Faixaetaria1	2 - 1	- 0.00345	0.00861	- 0.02033	0.01344	9.02	-0.400	0.698
Faixaetaria2	3 - 1	- 0.00692	0.01033	- 0.01333	0.02717	15.60	0.670	0.513
Escolaridade1	ES - EM	- 0.00122	0.00724	- 0.01541	0.01297	14.60	-0.168	0.869
Amostr1 * Faixaetaria1	Hete. - Gays * 2 - 1	0.03958	0.01871	0.00291	0.07625	11.27	2.115	0.057
Amostr1 * Faixaetaria2	Hete. - Gays * 3 - 1	0.01217	0.02037	0.02776	0.05210	12.64	0.597	0.561
Amostr1 * Escolaridade1	Hete. - Gays * ES - EM	0.03812	0.01719	0.00443	0.07181	14.25	2.217	0.043
Faixaetaria1 * Escolaridade1	2 - 1 * ES - EM	0.04913	0.01813	0.01359	0.08467	15.01	2.709	0.016
Faixaetaria2 * Escolaridade1	3 - 1 * ES - EM
Amostr1 * Faixaetaria1 * Escolaridade1	Hete. - Gays * 2 - 1 * ES - EM
Amostr1 * Faixaetaria2 * Escolaridade1	Hete. - Gays * 3 - 1 * ES - EM

Fórmula: DuracaoS ~ 1 + Amostra + Faixaetaria + Escolaridade + Amostra:Faixaetaria + Amostra:Escolaridade + Faixaetaria:Escolaridade + Amostra:Faixaetaria:Escolaridade+(1 | Falante)+(1 | Item)

Intercept: Gays; 1ª Faixa Etária; Ensino Médio

Fonte: Do autor.

Distribuição das Médias de duração da coda (s) por Orientação Sexual x Tônicas Finais

Fonte: Do autor.

• **Análises dos dados de codas (s) em sílabas Átonas Mediais**

Names	Effect	Estimate	SE	Lower	Upper	df	t	p
(Intercept)	(Intercept)	0.0815 0	0.0035 6	0.0745 2	0.0884 7	16. 6	22.90 9	<.00 1
Amostr1	Hete. - Gays	- 0.0087 2	0.0069 5	- 0.0223 5	0.0049 1	15. 1	- 1.254	0.229
Faixaetaria1	2 - 1	- 0.0134 5	0.0084 6	- 0.0300 3	0.0031 3	14. 7	- 1.590	0.133
Faixaetaria2	3 - 1	0.0071 3	0.0084 7	- 0.0094 8	0.0237 4	14. 8	0.842	0.413
Escolaridade 1	ES - EM	- 0.0037 9	0.0061 6	- 0.0158 6	0.0082 9	14. 6	- 0.615	0.548
Amostr1 * Faixaetaria1	Hete. - Gays * 2 - 1	- 0.0035 7	0.0170 1	- 0.0369 1	0.0297 6	15. 1	- 0.210	0.836
Amostr1 * Faixaetaria2	Hete. - Gays * 3 - 1	0.0045 2	0.0169 4	- 0.0286 9	0.0377 2	14. 8	0.267	0.793
Amostr1 * Escolaridade 1	Hete. - Gays * ES - EM	0.0090 2	0.0150 9	- 0.0205 6	0.0385 9	14. 6	0.598	0.559
Faixaetaria1 * Escolaridade 1	2 - 1 * ES - EM	0.0425 0	0.0150 4	0.0130 3	0.0719 7	14. 4	2.826	0.013
Faixaetaria2 * Escolaridade 1	3 - 1 * ES - EM
Amostr1 * Faixaetaria1 * Escolaridade 1	Hete. - Gays * 2 - 1 * ES - EM
Amostr1 * Faixaetaria2 * Escolaridade 1	Hete. - Gays * 3 - 1 * ES - EM

Fórmula: DuracaoS ~ 1 + Amostra + Faixaetaria + Escolaridade + Amostra:Faixaetaria + Amostra:Escolaridade + Faixaetaria:Escolaridade + Amostra:Faixaetaria:Escolaridade+(1 | Falante)+(1 | Item)

Intercept: Gays; 1ª Faixa Etária; Ensino Médio

Fonte: Do autor.

Distribuição das Médias de duração da coda (s) por Orientação Sexual x Átonas Mediais

Fonte: Do autor.

• **Análises dos dados de codas (s) em sílabas Átonas Finais**

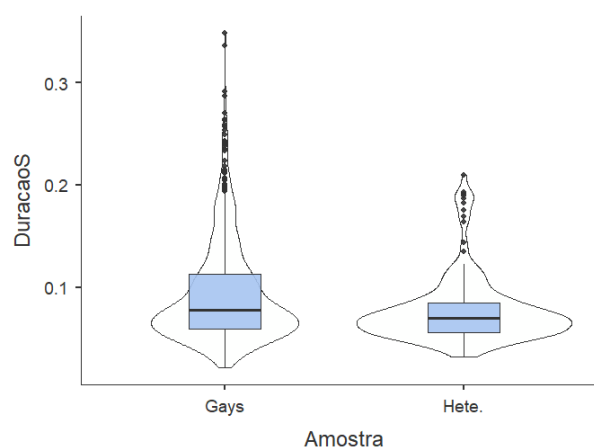
Names	Effect	Estimate	SE	Lower	Upper	df	t	p
(Intercept)	(Intercept)	0.09143	0.00399	0.08361	0.0992	22.3	22.920	< .001
Amostr1	Hete. - Gays	0.01486	0.00747	0.02950	2.17e-4	17.4	-1.989	0.063
Faixaetaria1	2 - 1	0.00364	0.00879	0.02087	0.0136	15.0	-0.414	0.685
Faixaetaria2	3 - 1	0.00485	0.00928	0.01334	0.0230	18.2	0.523	0.608
Escolaridade1	ES - EM	0.00359	0.00631	0.00877	0.0159	13.6	0.569	0.579
Amostr1 * Faixaetaria1	Hete. - Gays * 2 - 1	0.01684	0.01784	0.01813	0.0518	15.7	0.944	0.359
Amostr1 * Faixaetaria2	Hete. - Gays * 3 - 1	0.01021	0.01857	0.04661	0.0262	18.4	-0.550	0.589
Amostr1 * Escolaridade1	Hete. - Gays * ES - EM	0.01930	0.01537	0.01082	0.0494	13.5	1.256	0.231
Faixaetaria1 * Escolaridade1	2 - 1 * ES - EM	0.03409	0.01554	0.00363	0.0646	13.9	2.194	0.046
Faixaetaria2 * Escolaridade1	3 - 1 * ES - EM
Amostr1 * Faixaetaria1 * Escolaridade1	Hete. - Gays * 2 - 1 * ES - EM
Amostr1 * Faixaetaria2 * Escolaridade1	Hete. - Gays * 3 - 1 * ES - EM

Fórmula: DuracaoS ~ 1 + Amostra + Faixaetaria + Escolaridade + Amostra:Faixaetaria + Amostra:Escolaridade + Faixaetaria:Escolaridade + Amostra:Faixaetaria:Escolaridade+(1 | Falante)+(1 | Item)

Intercept: Gays; 1ª Faixa Etária; Ensino Médio

Fonte: Do autor.

Distribuição das Médias de duração da coda (s) por Orientação Sexual x Átonas Finais



Fonte: Do autor.

Modelos Lineares Mistos – Homens Não Gays x Mulheres

• Análises dos dados totais para as duas amostras de fala

Names	Effect	Estimate	SE	Lower	Upper	df	t	p
(Intercept)	(Intercept)	0.08463	0.00561	0.07362	0.09563	8.51	15.0714	< .001
Amostr1	Mulh. - Hete.	0.01864	0.01115	-	0.04049	8.28	1.6712	0.132
Faixaetaria1	2 - 1	-	0.01056	-	0.01941	8.21	-0.1218	0.906
Faixaetaria2	3 - 1	-	0.01137	-	0.01810	6.21	-0.3679	0.725
Escolaridade1	ES - EM	-	0.01117	-	0.01835	8.33	-0.3171	0.759
Tonicidade1	T - A	-	0.00391	-	5.45e-4	708.80	-1.8207	0.069
Posicaocoda1	M - F	-	0.00390	-	-	703.84	-3.7009	< .001
Amostr1 * Faixaetaria1	Mulh. - Hete. * 2 - 1	0.00108	0.02126	-	0.04275	8.44	0.0510	0.961
Amostr1 * Faixaetaria2	Mulh. - Hete. * 3 - 1	0.02104	0.02273	-	0.06559	6.20	0.9257	0.389
Amostr1 * Escolaridade1	Mulh. - Hete. * ES - EM	7.81e-4	0.02229	-	0.04291	8.26	-0.0351	0.973
Faixaetaria1 * Escolaridade1	2 - 1 * ES - EM	-	0.02122	-	0.03929	8.37	-0.1083	0.916
Faixaetaria2 * Escolaridade1	3 - 1 * ES - EM	0.01453	0.00505	0.00463	0.02442	1420.75	2.8778	0.004
Amostr1 * Tonicidade1	Mulh. - Hete. * T - A	0.00538	0.00662	-	0.01835	1426.70	0.8130	0.416
Faixaetaria1 * Tonicidade1	2 - 1 * T - A	-	0.00580	-	0.00191	1420.77	-1.6311	0.103
Faixaetaria2 * Tonicidade1	3 - 1 * T - A	-	0.00730	-	-	1423.39	-2.2493	0.025
Escolaridade1 * Tonicidade1	ES - EM * T - A	-	0.00501	-	-	1416.52	-4.3708	< .001
Amostr1 * Posicaocoda1	Mulh. - Hete. * M - F	0.00242	0.00655	-	0.01525	1424.23	0.3688	0.712
Faixaetaria1 * Posicaocoda1	2 - 1 * M - F	-	0.00575	-	0.00694	1419.33	-0.7543	0.451
Faixaetaria2 * Posicaocoda1	3 - 1 * M - F	0.00334	0.00731	-	0.01766	1423.81	0.4568	0.648
Escolaridade1 * Posicaocoda1	ES - EM * M - F	-	0.00778	-	0.00462	697.09	-1.3665	0.172
Tonicidade1 * Posicaocoda1	T - A * M - F	-	0.04251	-	0.05936	8.43	-0.5635	0.588

Names	Effect	Estimate	SE	Lower	Upper	df	t	p
Amostr1 * Faixaetaria1 * Escolaridade1	Mulh. - Hete. * 2 - 1 * ES - EM	- 0.02580	0.01234	- 0.04998	- 0.00161	1413.54	-2.0908	0.037
Amostr1 * Faixaetaria2 * Escolaridade1	Mulh. - Hete. * 3 - 1 * ES - EM	- 0.00567	0.01155	- 0.02831	0.01696	1425.50	-0.4912	0.623
Amostr1 * Faixaetaria1 * Tonicidade1	Mulh. - Hete. * 2 - 1 * T - A	0.01219	0.01420	- 0.01563	0.04002	1387.39	0.8588	0.391
Amostr1 * Faixaetaria2 * Tonicidade1	Mulh. - Hete. * 3 - 1 * T - A	0.02573	0.01217	0.00188	0.04959	1407.25	2.1143	0.035
Amostr1 * Escolaridade1 * Tonicidade1	Mulh. - Hete. * ES - EM * T - A	- 0.00773	0.01145	- 0.03018	0.01472	1426.11	-0.6749	0.500
Faixaetaria1 * Escolaridade1 * Tonicidade1	2 - 1 * ES - EM * T - A	0.00320	0.01422	- 0.02467	0.03107	1392.43	0.2252	0.822
Faixaetaria2 * Escolaridade1 * Tonicidade1	3 - 1 * ES - EM * T - A	- 0.02478	0.00999	- 0.04435	- 0.00520	1411.98	-2.4811	0.013
Amostr1 * Faixaetaria1 * Posicaocodal	Mulh. - Hete. * 2 - 1 * M - F	0.02085	0.01310	- 0.00482	0.04652	1424.25	1.5920	0.112
Amostr1 * Faixaetaria2 * Posicaocodal	Mulh. - Hete. * 3 - 1 * M - F	0.00154	0.01143	- 0.02086	0.02394	1415.85	0.1348	0.893
Amostr1 * Escolaridade1 * Posicaocodal	Mulh. - Hete. * ES - EM * M - F	0.01741	0.01458	- 0.01116	0.04597	1423.48	1.1943	0.233
Faixaetaria1 * Escolaridade1 * Posicaocodal	2 - 1 * ES - EM * M - F	0.01348	0.02432	- 0.03418	0.06114	1411.14	0.5543	0.579
Faixaetaria2 * Escolaridade1 * Posicaocodal	3 - 1 * ES - EM * M - F	0.00494	0.02278	- 0.03971	0.04959	1421.91	0.2168	0.828
Amostr1 * Tonicidade1 * Posicaocodal	Mulh. - Hete. * T - A * M - F	0.03196	0.02838	- 0.02367	0.08759	1390.00	1.1260	0.260
Faixaetaria1 * Tonicidade1 * Posicaocodal	2 - 1 * T - A * M - F
Faixaetaria2 * Tonicidade1 * Posicaocodal	3 - 1 * T - A * M - F
Escolaridade1 * Tonicidade1 * Posicaocodal	ES - EM * T - A * M - F

Names	Effect	Estimate	SE	Lower	Upper	df	t	p
Amostr1 *	Mulh. -
Faixaetaria1 *	Hete. * 2 -
Escolaridade1 *	1 * ES -
Tonicidade1	EM * T - A
Amostr1 *	Mulh. -
Faixaetaria2 *	Hete. * 3 -
Escolaridade1 *	1 * ES -
Tonicidade1	EM * T - A
Amostr1 *	Mulh. -
Faixaetaria1 *	Hete. * 2 -
Escolaridade1 *	1 * ES -
Posicaocoda1	EM * M - F
Amostr1 *	Mulh. -
Faixaetaria2 *	Hete. * 3 -
Escolaridade1 *	1 * ES -
Posicaocoda1	EM * M - F
Amostr1 *	Mulh. -
Faixaetaria1 *	Hete. * 2 -
Tonicidade1 *	1 * T - A
Posicaocoda1	* M - F
Amostr1 *	Mulh. -
Faixaetaria2 *	Hete. * 3 -
Tonicidade1 *	1 * T - A
Posicaocoda1	* M - F
Amostr1 *	Mulh. -
Escolaridade1 *	Hete. * ES
Tonicidade1 *	- EM * T -
Posicaocoda1	A * M - F
Faixaetaria1 *	2 - 1 * ES -
Escolaridade1 *	EM * T - A
Tonicidade1 *	* M - F
Posicaocoda1	
Faixaetaria2 *	3 - 1 * ES -
Escolaridade1 *	EM * T - A
Tonicidade1 *	* M - F
Posicaocoda1	
Amostr1 *	Mulh. -
Faixaetaria1 *	Hete. * 2 -
Escolaridade1 *	1 * ES -
Tonicidade1 *	EM * T - A
Posicaocoda1	* M - F
Amostr1 *	Mulh. -
Faixaetaria2 *	Hete. * 3 -
Escolaridade1 *	1 * ES -
Tonicidade1 *	EM * T - A
Posicaocoda1	* M - F

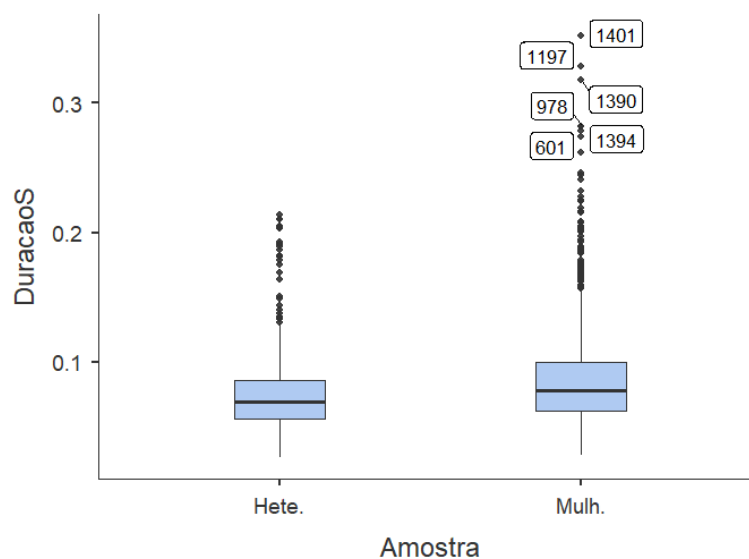
Fórmula: DuracaoS ~ 1 + Amostra + Faixaetaria + Escolaridade + Tonicidade + Posicaocoda + Amostra:Faixaetaria + Amostra:Escolaridade + Faixaetaria:Escolaridade + Amostra:Tonicidade + Faixaetaria:Tonicidade + Escolaridade:Tonicidade + Amostra:Posicaocoda + Faixaetaria:Posicaocoda + Escolaridade:Posicaocoda + Tonicidade:Posicaocoda + Amostra:Faixaetaria:Escolaridade + Amostra:Faixa

etaria:Tonicidade+Amostra:Escolaridade:Tonicidade+Faixaetaria:Escolaridade:Tonicidade+Amostra:Faixaetaria:Posicaoocoda+Amostra:Escolaridade:Posicaoocoda+Faixaetaria:Escolaridade:Posicaoocoda+Amostra:Tonicidade:Posicaoocoda+Faixaetaria:Tonicidade:Posicaoocoda+Escolaridade:Tonicidade:Posicaoocoda+Amostra:Faixaetaria:Escolaridade:Tonicidade+Amostra:Faixaetaria:Escolaridade:Posicaoocoda+Amostra:Faixaetaria:Tonicidade:Posicaoocoda+Amostra:Escolaridade:Tonicidade:Posicaoocoda+Faixaetaria:Escolaridade:Tonicidade:Posicaoocoda+Amostra:Faixaetaria:Escolaridade:Tonicidade:Posicaoocoda+(1 | Falante)+(1 | Item)

Intercept: Gays; 1ª Faixa Etária; Ensino Médio; Átona; Final

Fonte: Do autor.

Distribuição das Médias de duração da coda (s) por Homens Não Gays e Mulheres



Fonte: Do autor.

Modelos Lineares Mistos – Homens Gays x Mulheres

- Análises dos dados totais para as duas amostras de fala

Names	Effect	Estimate	SE	Lower	Upper	df	t	p
(Intercept)	(Intercept)	0.09756	0.00362	0.09047	0.10465	18.5	26.9831	<.001
Amostr1	Mulh. - Gays	0.01205	0.00700	0.00167	0.02577	16.2	1.7217	0.104
Faixaetaria1	2 - 1	0.00734	0.00665	0.02037	0.00570	16.3	1.1033	0.286
Faixaetaria2	3 - 1	0.01534	0.00822	7.66e-4	0.03145	16.1	1.8667	0.080
Escolaridad e1	ES - EM	0.00359	0.00702	0.01016	0.01735	16.4	0.5121	0.615
Tonicidade 1	T - A	0.00239	0.00289	0.00328	0.00806	1277.6	0.8252	0.409
Posicaocod al	M - F	0.01937	0.00287	0.02500	0.01374	1362.4	6.7430	<.001
Amostr1 * Faixaetaria1	Mulh. - Gays * 2 - 1	0.01438	0.01331	0.01170	0.04046	16.4	1.0804	0.296
Amostr1 * Faixaetaria2	Mulh. - Gays * 3 - 1	0.02468	0.01643	0.00751	0.05688	16.1	1.5025	0.152
Amostr1 * Escolaridad e1	Mulh. - Gays * ES - EM	0.01090	0.01401	0.01655	0.03836	16.3	0.7784	0.447
Faixaetaria1 * Escolaridad e1	2 - 1 * ES - EM	0.00228	0.01329	0.02378	0.02834	16.3	0.1714	0.866
Faixaetaria2 * Escolaridad e1	3 - 1 * ES - EM	0.04030	0.01472	0.01146	0.06914	16.2	2.7386	0.014
Amostr1 * Tonicidade 1	Mulh. - Gays * T - A	0.00783	0.00459	0.00116	0.01683	3242.3	1.7066	0.088
Faixaetaria1 * Tonicidade 1	2 - 1 * T - A	0.00586	0.00440	0.01448	0.00277	3159.4	1.3301	0.184
Faixaetaria2 * Tonicidade 1	3 - 1 * T - A	0.00928	0.00524	0.01955	9.98e-4	3247.8	1.7696	0.077

Names	Effect	Estimate	SE	Lower	Upper	df	t	p
Escolaridade1 *	ES - EM	-	0.0046	-	-	3243.	-	
Tonicidade1	* T - A	0.01023	0.00467	0.01938	0.00109	3243.4	2.1932	0.028
Amostrale1 *	Mulh. - Gays *	-	0.0045	-	-	3242.	-	<.001
Posicaocodale1	M - F	0.02051	0.00458	0.02949	0.01152	3242.2	4.4738	
Faixaetariale1 *	2 - 1 *	-	0.0044	-	-	3161.	-	
Posicaocodale1	M - F	0.00966	0.00440	0.00104	0.01829	3161.8	2.1970	0.028
Faixaetariale2 *	3 - 1 *	-	0.0052	-	-	3248.	-	
Posicaocodale2	M - F	0.00906	0.00524	0.01932	0.00120	3248.1	1.7303	0.084
Escolaridadele1 *	ES - EM	-	0.0046	-	-	3245.	-	
Posicaocodale1	* M - F	0.00419	0.00467	0.01335	0.00497	3245.3	0.8973	0.370
Tonicidadele1 *	T - A *	-	0.0057	-	-	1327.	-	
Posicaocodale1	M - F	0.00795	0.00574	0.01921	0.00331	1327.4	1.3841	0.167
Amostrale1 *	Mulh. - Gays *	-	0.0265	-	-	16.3	-	
Faixaetariale1 *	2 - 1 *	0.03128	0.02657	0.08335	0.02080	16.3	1.1772	0.256
Escolaridadele1	ES - EM	-	0.0046	-	-	3245.	-	
Amostrale1 *	Mulh. - Gays *	-	0.0088	-	-	3209.	-	
Faixaetariale2 *	3 - 1 *	0.00101	0.00884	0.01834	0.01633	3209.1	0.1139	0.909
Escolaridadele1	ES - EM	-	0.0104	-	-	3250.	-	
Amostrale1 *	Mulh. - Gays *	-	0.0104	-	-	3250.	-	
Faixaetariale1 *	2 - 1 *	6.41e-4	0.01049	0.02121	0.01993	3250.4	0.0611	0.951
Tonicidadele1	T - A	-	0.0092	-	-	3243.	-	
Amostrale1 *	Mulh. - Gays *	-	0.0092	-	-	3243.	-	
Faixaetariale2 *	3 - 1 *	0.01253	0.00920	0.03056	0.00549	3243.2	1.3632	0.173
Tonicidadele1	T - A	-	0.0087	-	-	3148.	-	
Amostrale1 *	Mulh. - Gays *	-	0.0087	-	-	3148.	-	
Escolaridadele1 *	ES - EM	0.01001	0.00878	0.00720	0.02721	3148.7	1.1401	0.254
Tonicidadele1	* T - A	-	0.0087	-	-	3148.	-	

Names	Effect	Estimate	SE	Lower	Upper	df	t	p
Faixaetaria1 * Escolaridad e1 * Tonicidade 1	2 - 1 * ES - EM * T - A	2.56e- 4	0.0094 0	- 0.0181 7	0.0186 8	3243. 3	0.0273	0.978
Faixaetaria2 * Escolaridad e1 * Tonicidade 1	3 - 1 * ES - EM * T - A	0.0093 0	0.0088 3	- 0.0080 1	0.0266 2	3208. 2	1.0530	0.292
Amostr1 * Faixaetaria1 * Posicaocod al	Mulh. - Gays * 2 - 1 * M - F	- 0.0145 6	0.0104 8	- 0.0350 9	0.0059 7	3249. 7	- 1.3898	0.165
Amostr1 * Faixaetaria2 * Posicaocod al	Mulh. - Gays * 3 - 1 * M - F	0.0047 9	0.0092 0	- 0.0132 3	0.0228 1	3242. 4	0.5212	0.602
Amostr1 * Escolaridad e1 * Posicaocod al	Mulh. - Gays * ES - EM * M - F	- 0.0097 2	0.0087 6	- 0.0269 0	0.0074 5	3140. 2	- 1.1098	0.267
Faixaetaria1 * Escolaridad e1 * Posicaocod al	2 - 1 * ES - EM * M - F	- 0.0147 1	0.0093 7	- 0.0330 7	0.0036 5	3236. 4	- 1.5708	0.116
Faixaetaria2 * Escolaridad e1 * Posicaocod al	3 - 1 * ES - EM * M - F	- 0.0328 8	0.0091 6	- 0.0508 3	- 0.0149 3	3239. 3	- 3.5902	<.00 1
Amostr1 * Tonicidade 1 * Posicaocod al	Mulh. - Gays * T - A * M - F	0.0183 3	0.0087 8	0.0011 2	0.0355 5	3162. 7	2.0878	0.037
Faixaetaria1 * Tonicidade 1 * Posicaocod al	2 - 1 * T - A * M - F	- 0.0062 1	0.0104 2	- 0.0266 2	0.0142 1	3243. 4	- 0.5958	0.551

Names	Effect	Estimate	SE	Lower	Upper	df	t	p
Faixaetaria2 * Tonicidade 1 * Posicaocod al	3 - 1 * T - A * M - F	0.0040 4	0.0093 4	- 0.0142 6	0.0223 3	3242. 8	0.4323	0.666
Escolaridad e1 * Tonicidade 1 * Posicaocod al	ES - EM * T - A * M - F	0.0026 9	0.0174 5	- 0.0315 0	0.0368 9	3079. 3	0.1544	0.877
Amostr1 * Faixaetaria1 * Escolaridad e1 * Tonicidade 1	Mulh. - Gays * 2 - 1 * ES - EM * T - A	0.0260 0	0.0174 2	- 0.0081 3	0.0601 4	3076. 5	1.4929	0.136
Amostr1 * Faixaetaria2 * Escolaridad e1 * Tonicidade 1	Mulh. - Gays * 3 - 1 * ES - EM * T - A	0.0142 1	0.0176 5	- 0.0203 9	0.0488 0	3207. 9	0.8050	0.421
Amostr1 * Faixaetaria1 * Escolaridad e1 * Posicaocod al	Mulh. - Gays * 2 - 1 * ES - EM * M - F	- 0.0300 6	0.0208 2	- 0.0708 7	0.0107 5	3243. 6	- 1.4435	0.149
Amostr1 * Faixaetaria2 * Escolaridad e1 * Posicaocod al	Mulh. - Gays * 3 - 1 * ES - EM * M - F	- 8.51e- 4	0.0183 6	- 0.0368 4	0.0351 4	3242. 1	- 0.0463	0.963
Amostr1 * Faixaetaria1 * Tonicidade 1 * Posicaocod al	Mulh. - Gays * 2 - 1 * T - A * M - F	- 0.0036 6	0.0175 0	- 0.0379 5	0.0306 3	3142. 4	- 0.2092	0.834

Names	Effect	Estimate	SE	Lower	Upper	df	t	p
Amostral *								
Faixaetaria2 *	Mulh. - Gays *							
Tonicidade 1 *	3 - 1 * T - A *	0.0454 5	0.0187 0	0.0821 0	0.0088 0	3237. 1	2.4306	0.015
Posicaocod al	M - F							
Amostral *								
Escolaridad e1 *	Mulh. - Gays *							
Tonicidade 1 *	ES - EM * T - A * M - F	0.0465 9	0.0348 2	0.0216 6	0.1148 5	3087. 4	1.3380	0.181
Posicaocod al								
Faixaetaria1 *								
Escolaridad e1 *	2 - 1 * ES - EM							
Tonicidade 1 *	* T - A * M - F							
Posicaocod al								
Faixaetaria2 *								
Escolaridad e1 *	3 - 1 * ES - EM							
Tonicidade 1 *	* T - A * M - F							
Posicaocod al								
Amostral *								
Faixaetaria1 *	Mulh. - Gays *							
Escolaridad e1 *	2 - 1 * ES - EM							
Tonicidade 1 *	* T - A * M - F							
Posicaocod al								
Amostral *								
Faixaetaria2 *	Mulh. - Gays *							
Escolaridad e1 *	3 - 1 * ES - EM							
Tonicidade 1 *	* T - A * M - F							
Posicaocod al								

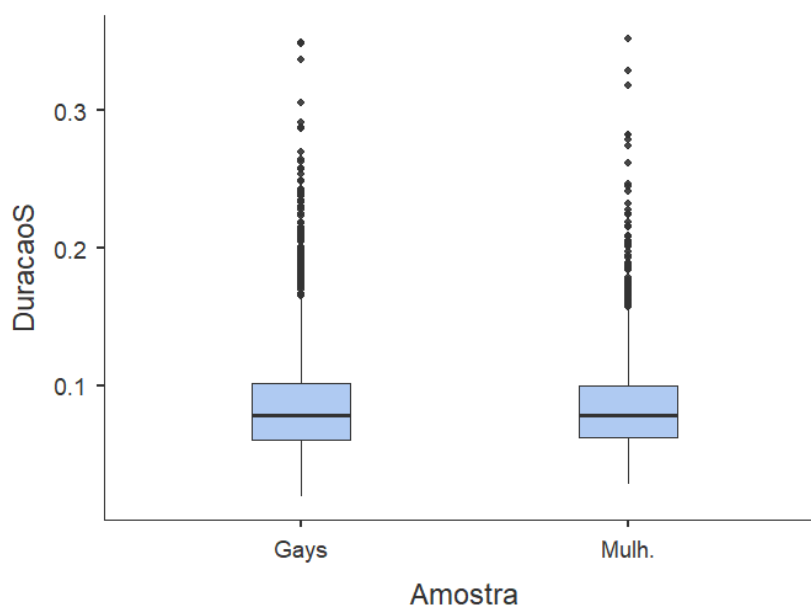
Fórmula: DuracaoS ~ 1 + Amostral + Faixaetaria + Escolaridade + Tonicidade + Posicaocoda + Amostral:Faixaetaria + Amostral:Escolaridade + Faixaetaria:Escolaridade + Amostral:Tonicidade + Faixaetaria:Tonicidade + Escolaridade:Tonicidade + Amostral:Posicaocoda + Faixaetaria:Posicaocoda + Escolaridade:Posicaocoda + Tonicidade:Posicaocoda + Amostral:Faixaetaria:Escolaridade + Amostral:Faixaetaria:Tonicidade + Amostral:Escolaridade:Tonicidade + Faixaetaria:Escolaridade:Tonicidade + Amostral:

Faixaetaria:Posicaocoda+Amostra:Escolaridade:Posicaocoda+Faixaetaria:Escolaridade:Posicaocoda+Amostra:Tonicidade:Posicaocoda+Faixaetaria:Tonicidade:Posicaocoda+Escolaridade:Tonicidade:Posicaocoda+Amostra:Faixaetaria:Escolaridade:Tonicidade+Amostra:Faixaetaria:Escolaridade:Posicaocoda+Amostra:Faixaetaria:Tonicidade:Posicaocoda+Amostra:Escolaridade:Tonicidade:Posicaocoda+Faixaetaria:Escolaridade:Tonicidade:Posicaocoda+Amostra:Faixaetaria:Escolaridade:Tonicidade:Posicaocoda+(1 | Falante)+(1 | Item)

Intercept: Gays; 1ª Faixa Etária; Ensino Médio; Átona; Final

Fonte: Do autor.

Distribuição das Médias de duração da coda (s) por Homens Gays e Mulheres x Tônicas Mediais



Fonte: Do autor.